

“One shot, one kill”

1ª Parte

HISTÓRICO-I ; HISTÓRICO-II ; HISTÓRICO-III ; MISSÃO, TÉCNICAS e TÁTICAS ; ARMAS e EQUIPAMENTOS ; SELEÇÃO e TREINAMENTO

**“Um tiro, um morto” tem uma razão de ser:
O disparo pode revelar a posição e talvez não venha a existir uma segunda
oportunidade,
uma vez que fica perdido o efeito-surpresa do atirador de elite”.**

Sniper and observer of the elite British SAS unit deliver death from afar. This team experiments with their American counterparts' Remington 700 sniper rifle. Both team members wear the desert DPM pattern uniform and supplement their camouflage with ghillie hoods for additional concealment. Close to the observer is his M16 carbine and M203 grenade launcher.

Devemos notar que a figura do atirador de elite não é uma criação moderna. Na verdade desde os tempos mais remotos, da época das primeiras lanças, fundas e do uso primitivo da camuflagem o homem tentava explorar a sua capacidade de furtivamente superar os seus oponentes fosse na caça ou na guerra.

Eles receberam as mais variadas denominações durante a sua história entre elas franco-atirador (Traduzido do francês "franco-tireur" como literalmente "atirador livre" e originário da Guerra Franco-Prussiana de 1870-71, "franco-atirador" era o termo que descrevia os civis lutaram com suas armas de fogo contra o inimigo e não estavam sujeitos as regras da guerra), atirador de escol, atirador de elite e hoje são comumente chamados de snipers.

Alguns dizem que o termo "snipers" surgiu no século XIX com o Exército britânico na Índia. Lá existia um pequeno e ágil pássaro chamado snipe, que se alimentava de insetos no solo, e se constituía um alvo difícil para qualquer caçador. O atirador para acertá-lo tinha que ser realmente muito bom e aqueles que conseguiam eram chamados de snipers (de *snipe*, e *killer*, na forma contraída).



A ação de soldados que operam isolados ou em pequenos grupos bem fundo no território inimigo para colher informações e fustigar o inimigo não é novidade. Os gregos, romanos e assírios entre outros povos antigos empregavam arqueiros para aumentar a extensão do alcance de suas tropas e para explorar o efeito surpresa dos tiros de precisão.

Os exércitos europeus repartiam entre suas tropas arqueiros e balestreiros, para fornecer uma combinar mortal de tiros de precisão durante as batalhas. A partir do surgimento da pólvora, seguido das armas de menor porte permitiu que atiradores acurados (muitos originalmente caçadores) encontrassem naturalmente o seu lugar no campo de batalha. Conta-se que Leonardo da Vinci, usando uma arma projetada por ele próprio, foi franco-atirador ao lado dos florentinos que resistiam à investida do Sacro Império Romano.

Muitos acreditam que a figura do atirador de elite usando armas de fogo surgiu mesmo com caçadores americanos no período colonial. Ele usava o rifle de antecarga tipo "kentucky" de cano raído que lhe dava precisão considerável. O problema da pólvora negra, comum na época, era minimizado pois esses caçadores inventaram algo chamado "calepino" que não é nada mais do que um pedaço de pano muitas vezes absorvido em saliva que embrulhava a bala esférica de chumbo. Este "calepino" permitia se colocar uma bala de tamanho bastante menor que o cano e em troca, cada tiro, quando disparado, limpava o cano. Esses homens se vestiam com roupas de couros e com sapatos mocassins. Tal vestimenta copiada dos nativos americanos dava ao caçador maior agilidade em seus momentos. Esse caçadores tinham larga experiência de combate usando pesados fuzis de caça contra os índios.



Quando estourou a guerra de independência os caçadores americanos foram bem usados contra os "casacos vermelhos". Na verdade o soldado inglês estava em desvantagem contra os atiradores americanos. Os ingleses usavam mosquetes de cano liso que as vezes nem chegavam a distância de tiro útil contra os americanos, que usavam armas com alcance e precisão superiores. É importante saber a precisão a longa distância sempre foi de fundamental importância para a sobrevivência desses caçadores em um terra selvagem e repleta de índios.

A
questão
do
alcance
dos



mosquetes ingleses se deve mais a questões táticas do que técnicas. Nas colônias americanas os ingleses lutaram usando as táticas de combate européias em que batalhões inimigos avançavam um contra o outro como uma massa compacta, ombro com ombro. Se colocar diante dessa massa e fazer pontaria contra ela era quase suicídio, pois só se mataria alguns soldados e a qualquer momento a massa compacta que não parava se avançar dispararia contra você uma barragem mortal de chumbo. A lógica ditou então que a coisa mais satisfatória era criar uma outra cortina de chumbo a mais densa possível no menor tempo. O avanço assim era esmagador para o inimigo. É bem conhecido que a pólvora negra deixa resíduos no cano, maior quando é raiado e menor quando é plano, razão por que os rifles ingleses eram planos e permitiam realizar quatro tiros em 15 segundos, nas mãos de um soldado treinado, algo realmente surpreendente. O rifle inglês era por excelência o denominado "Brown Bess" de calibre .75.

Porém na guerra de independência os caçadores americanos não iam para campo aberto, onde estavam em desvantagem e sim preferiam lutar nas florestas. Dotados de rifles que lhe permitiram atirar à distância com precisão e com mesma efetividade, eles podiam proteger suas vidas. A vestimenta permitiu-lhe se mover com agilidade e ir até as árvores ou rochas, atirar, correr, esconder-se e atirar novamente. Para isto os caçadores tinham aprendido a ocultar-se na natureza, o que inclui o fator surpresa graças à camuflagem natural.

Em 7 de outubro de 1777, Timothy Murphy, um atirador de elite do Morgan's Kentucky Riflemen matou com um tiro o General Simon Fraser exército inglês. Acredita-se que Murphy acertou o tiro de cerca de 500 jardas. Ele estava usando um rifle tipo "kentucky". O General Fraser estava comandando uma missão de reconhecimento contra os rebeldes em Bemis Heights, New York. Com a morte de Fraser o reconhecimento não teve êxito e isto influenciou diretamente na batalha de Saratoga e no rumo da guerra que levou a derrota dos ingleses.

Porém existe um fato muito interessante registrado na história da guerra de independência dos EUA relacionado a um homem chamado Patrick Ferguson, coronel do exército britânico. Ele era um dos principais desenvolvedores de armas de fogo dos ingleses. Na época o rifle Ferguson era considerado um dos melhores em uso pelo ingleses. quando era major o próprio Ferguson teve sob sua mira em Germantown, Pennsylvania, um oficial não identificado do Exército Continental, durante a guerra de independência americana. Porém por uma questão de honra Ferguson não efetuou o disparo que certamente mataria o oficial rebelde, que estava a 125 jardas, porque este estava de costas. Soube-se depois que o oficial americano era ninguém menos do que o General George Washington. A sua morte certamente afetaria todo o rumo da história dos EUA. Ironicamente em 7 de outubro de 1780 Patrick Ferguson foi morto por um membro do Morgan's Kentucky Riflemen distante cerca de 450 jardas. Como resultado a unidade de Ferguson se rendeu quando o General lord Charles Cornwallis foi forçado a abandonar a invasão da Carolina do Norte. Com a morte de Ferguson, os ingleses perderam um de seus primeiros desenhistas de armas. Em 19 de outubro de 1781, o exército britânico, sob o comando de Lord Cornwallis, rendeu-se em Yorktown. Pelo tratado assinado em Paris em 1783, e em que os Estados Unidos foram representados por Benjamin Franklin, John Adams e John Jay, a Grã-Bretanha reconheceu a autonomia das colônias.

Mais tarde, já nos idos da guerra da Secessão, nos EUA o Coronel do Exército da União Hiram Berdam, criou e comandou o 1º e 2º batalhões de atiradores de fuzil (neste caso, fuzis Sharps de calibre .52, dotados de primárias lunetas de corpo de bronze) especialmente para infringir baixas a oficiais inimigos e assim desmoralizar suas tropas. Os sharpshooters (como eram conhecidos) obtiveram excelentes resultados, onde registraram-se disparos certos a mais de 700 metros. A unidade de Berdam foi atribuído o crédito de ter matado mais inimigos do que qualquer outra unidade do Exército da União. O General Robert E. Lee ordenou que os confederados criassem unidades de atiradores de elite.

A tática de usar atiradores de elite não ficou restrita aos americanos e não demorou muitos anos para que outros exércitos, especialmente os europeus, criassem suas próprias unidades de atiradores de elite. Atiradores de elite foram usados pelos franceses comandados por Napoleão e por forças da resistência contra as invasões francesas.

Cada Divisão francesa na época de Napoleão tinha dois batalhões de mil "sharpshooter". Estes batalhões tinham capacidade de atingir alvos a 100 metros. Ficavam concentrados em uma guerra particular ao invés da batalha geral como infantaria. Em combate atuavam juntos, formando uma força maior de cerca de 16 mil homens para concentrar contra força de até o dobro do tamanho e venciam fácil. Cada Companhia também tinha um grupo de "sharpshooter" para serem usados contra artilharia e oficiais. Na época os combates eram a cerca de 150 passos.

Perto do fim da batalha de Trafalgar, quando a esquadra inglesa já vencia a esquadra francesa e a espanhola juntas, em 1805, um atirador de elite francês, do alto do mastro do Redoubtable, a menos de 20 metros, reconheceu a figura inconfundível de Nelson no convés

do HMS Victory e fez fogo sobre ele: a pesada bala do mosquete francês atingiu-o no ombro esquerdo, atravessou completamente seu peito e prostrou-o agonizante no tombadilho. Era uma e meia da tarde; levado para o convés inferior, o herói inglês morreu três horas depois, cercado por seus oficiais, que vinham trazer notícias do sucesso da batalha.

O Brasil usou atiradores de elite alemães, que eram emigrantes ou contratados, na Guerra contra Rosas e Oribe (1851-52), especialmente contra Rosas em Monte Caseros em 2 de fevereiro de 1852. Existiam cerca de 100 atiradores que foram espalhados entre as unidades brasileiras de Infantaria e armados de moderníssimos fuzis Dreyse de agulha que soldados alemães haviam usado na reunificação da Alemanha. Ele foram comandados pelo Capitão Francisco José Wildt da Guarda Nacional de São Leopoldo. Com eles os artilheiros de Rosas foram caçados por terem se postado dentro do alcance útil dos fuzis Dreyse que conseguiram surpresa tática e assim o rompimento da posição de Artilharia por onde penetraram os cavaleiros brasileiros do 2º Regimento de Cavalaria ao comando do intrépido Tenente Coronel Manoel Luiz Osório, o futuro Marques do Herval. Estes alemães passaram a história como os brummer (significando rezingões?)

Foi o Tenente Coronel D. Davidson, veterano da Guerra da Criméia (1854- 56), o primeiro a sugerir instalar lunetas nos fuzis de infantaria para aumentar a precisão a longa distancia, além de melhor treinamento. A luneta foi pouco usada no conflito, mas aproveitaram as táticas. Na mesma guerra, John Jacob, oficial que servia na Índia, tinha um fuzil com projétil explosivo com alcance de 1800 metros. Foi testado no conflito contra uma posição de canhão que logo se retirou.

Em 1848 surgiu o projétil em cone, chamado de munição Minié. Era mais preciso que o projétil todo arredondado. Em 1868 surgiu a tecnologia de cartucho e a pólvora de pouca fumaça. O poder, alcance e precisão foram aumentados a níveis nunca atingidos antes e era tudo que os snipers precisavam dando um grande impulso para novas táticas e técnicas.

Em 1880 foi introduzido a pólvora com pouca fumaça e mais potente. Antes a fumaça branca dominava o campo de batalha e a posição dos sniper era facilmente visível. Sem fumaça o efeito moral de terror dos tiros do sniper foi multiplicada.

Os americanos comandados por Theodore Roosevelt em 1898, foram acossados por bravos atiradores espanhóis que defendiam a colina de San Juan em Cuba e que resistiram bravamente a vários ataques americanos usando seus rifles Mauser 93 de repetição. Os espanhóis só foram vencidos depois de um ataque em massa dos americanos.

Na Guerra dos Boers entre 1899 a 1901, os Boers, fazendeiros de origem holandesas, eram caçadores locais e bons de tiro, deram muito trabalho as tropas inglesas. Eram guerrilheiros sem treinamento militar e usavam táticas próprias. Atiravam de longe sem ser atacados. Usavam camuflagem nas roupas, face e chapéu. Os britânicos eram lentos e tinha que caminhar a noite. Os Boers eram rápidos e disparavam escondidos a longa distância. Logo os britânicos só marchavam a noite para se proteger. Os britânicos não eram treinados para tiro a longa distância tiro e nem contra guerrilha. Os Boers usavam o terreno e a camuflagem para compensar a desvantagem numérica. Mesmo assim a superioridade britânica acabou vencendo, mas com muitas lições que mudariam a guerra no futuro e seriam aplicadas na Primeira Guerra Mundial.



Primeira Guerra Mundial

(Aqui serão relatados apenas alguns dos principais conflitos dos séc. XX e XXI, bem como algumas ações dos snipers envolvidos nesses conflitos)

Mesmo sendo uma prática militar já usual no início do século XX, as nações européias só vieram a utilizar largamente atiradores de elite a partir da Primeira Guerra Mundial. Na verdade este foi o primeiro conflito em que esta modalidade de combatente foi grandemente utilizada.

Alemães, ingleses, franceses, australianos, americanos e turcos entre outros, usaram largamente suas novas unidades de atiradores de elite neste conflito, pois as características da “guerra das trincheiras” favoreciam os disparos de longo alcance e a imobilidade do atirador.

Foram os alemães que usaram os primeiros snipers especialmente treinados para a função. Antes do conflito a Alemanha já usava snipers em nível de Companhia. Uma seção do batalhão tinha 24 sniper com fuzis equipados com boas lunetas. Os alemães trabalham

em dupla revezando o papel de observador e sniper. Cansa ficar olhando por uma luneta ou binóculo por muito tempo. Com seus snipers os alemães conseguiram dominar os dois primeiros anos na terra de ninguém. Em um dia típico, um batalhão aliado perdia 18 homens para os snipers. Nas trincheiras as distâncias eram sempre a menos de 200 metros.

O inglês Hisketh Pritchard criou a primeira escola aliada de atiradores de elite durante a Primeira Guerra, no Reino Unido, onde atiradores britânicos e americanos treinavam juntos. Muitos civis belgas usaram suas armas de fogo na função de "franco-atiradores" contras as forças invasoras alemãs em 1914. Atiradores turcos cobraram um alto tributo as tropas aliadas em Gallipoli.

Em uma quinzena da guerra de trincheira em dezembro de 1915, as tropas britânicas sofreram 3.285 baixas. Aproximadamente 23% destas baixas estavam relacionadas com ferimentos na cabeça, face e pescoço.

É uma suposição considerável que um grande número destas baixas foram causadas por um sniper. Isto certamente gerava nos soldados aliados um tremendo efeito psicológico relacionado com a insegurança e um desejo de ficar no fundo de sua trincheira em vez de estar participando de ataques de infantaria.



Os sniper atiravam de várias posições trocando freqüentemente. As posições de tiro eram reforçadas e camufladas com todo tipo de material, usavam até falsos corpos de cavalo. Na Primeira Guerra Mundial, os alemães usavam placas de metal nas trincheiras com buraco para atirar. A reação foi o uso de artilharia e camuflagem das posições. Os britânicos testaram um fuzil para matar elefante para perfurar as placas blindadas. Os alemães reagiram colocando duas placas com terra no meio. Usaram táticas de mostrar capacete e cabeças falsas acima do parapeito para chamar a atenção. Já os britânicos testaram um fuzil com mira por periscópio para observar e atirar sem se expor.

Qualquer um que coloca-se a cabeça para fora era um alvo. Mas com o tempo os atiradores ficaram mais seletivos (oficiais principalmente), pois se a sua posição fosse descoberta ela seria saturada com um impiedoso bombardeiro. Por isso os alvos deveriam valer a pena serem abatidos.

Quando os atiradores era feitos prisioneiros deviam esperar pouca misericórdia do inimigo, pois normalmente o atirador fazia vítimas também entre os soldados que não estavam diretamente envolvidos com ações de combate.

Muitos civis belgas funcionaram como franco-atiradores durante os primeiros meses de guerra. Já nesta época os atiradores operavam em pares. Os atiradores de elite serviam normalmente sob o comando do QG de um batalhão.

Durante a Primeira Guerra Mundial, o Exército britânico encontrou atiradores alemães equipados com capas de camuflagem e rifles especiais com visões telescópicas. Os alemães colocaram telescópios em seus fuzis G98.



Os snipers alemães forçaram o Exército britânico a empregar as mesmas técnicas. Ao final da guerra, os britânicos puderam superar os alemães no seu próprio jogo.

Muitas das armas usadas pelos atiradores no início da guerra era rifles de caça para elefantes, que depois foram substituídos por rifles standard adaptados para a função. Também nesta guerra foram treinados atiradores para servirem em ações countersnipes.

Entre os principais atiradores de elite aliados da Primeira Guerra podemos citar:

Atirador de elite	País	Mortes
Francis Pegahmagabow	 Canadá	378
Billy Sing	 Austrália	150
Henry Norwest	 Canadá	115
Herbert W. McBride	 Canadá/EUA	100+
Neville Methven	África do Sul	100
Johnson Paudash	 Canadá	88
Philip McDonald	 Canadá	70
P. Riel	 Canadá	30

Pós-Primeira Guerra Mundial

Apenas os russos, entre as potências da Europa, continuaram a manter uma escola de sniper. Em 1924, os russos criaram varias escolas de snipers. Gostavam de recrutar os caçadores da Sibéria por serem bons para atuar no campo e eram caçadores natos. Os melhores iam para as escolas distritais e nas escolas centrais os melhores viravam instrutores. No início da Segunda Guerra Mundial havia uma equipe de fogo de snipers por Divisão. No fim da guerra já havia 18 snipers por batalhão ou dois snipers por pelotão.

Já os alemães, britânicos, franceses fecharam suas escolas. Nos EUA, o Exército fez o mesmo, porém o USMC manteve um pequeno grupo de atiradores de elite. Os britânicos reabriram sua escola em 1940. O US Army reabriu em 1942. Os alemães reabriram logo no início de suas operações.

Guerra da Finlândia

Em agosto de 1939, Hitler e Stalin fizeram um pacto de não-agressão, o qual, por sua parte favoreceu a erupção da Segunda Guerra Mundial. O acordo conteve um anexo secreto sobre a distribuição de esferas de influência, em que a Alemanha comprometeu-se a não interferir se a União Soviética resolvesse ocupar os países bálticos ou a Finlândia. A União Soviética apresentou à Finlândia importantes reivindicações territoriais para adiantar suas posições defensivas em expectativa de um ataque de Hitler. O resultado das negociações não satisfizeram a União Soviética que renunciou o pacto de não-agressão assinado em 1932 e invadiu a Finlândia em 30 de novembro de 1939. O objetivo de Stalin era de ocupar todo o país em duas semanas e instalar um governo controlado pela União Soviética.

O exército finlandês, inferior ao exército vermelho tanto em número como em armamento, lutou cerca de cem dias sem praticamente nenhuma ajuda externa em condições extremamente difíceis. Stalin, que ainda não tinha outra guerra pela qual preocupar-se, transportou uma parte significativa do seu exército para a frente finlandesa, onde foi desmoralizado em combates que ocorriam debaixo de temperaturas baixíssimas (até -40°C), que na época eram desconhecidas dos soldados soviéticos, e pela alta motivação finlandeses, que lutavam em defesa da sua terra.

Os defensores finlandeses, conduzidos pelo marechal Mannerheim, ficaram famosos pelo mundo, destruindo tanques soviéticos com coquetéis de "Molotov" (nome do ministro soviético de relações exteriores daquela época). O exército vermelho, que tinha perdido muito de seus principais oficiais durante os expurgos políticos feitos por Stalin nos anos 30, sofreu grandes baixas e perdas nas manobras de enceramento chamadas "motti", que foram feitas por finlandeses usando esquis. A força aérea soviética também sofreu humilhações dos pilotos finlandeses.

Graças ao desempenho do exército, em março de 1940 a Finlândia praticamente tinha detido, mesmo com muita dificuldade, a invasão soviética, mas sentindo o risco de uma derrota iminente à vista da superioridade dos recursos bélicos da União Soviética, optou por um acordo de paz duro, segundo o qual cedeu entre outros boa parte da província do sudeste chamada Carélia e a península de Hangö, para ser utilizada como base naval.

Os sniper finlandeses cobraram um alto tributo aos russos. Eles eram muito móveis com seus esquis, ficavam a frente de linha de defesa ou flancos, atacando postos artilharia, morteiro e postos de comando. A determinação de defender o país valia muito. Já os snipers russos tiveram que reagir treinando para guerra no ártico e passaram a ser mais independentes da unidade que apoiavam.

Este conflito é importante para a história dos atiradores de elite pois foi dele que saiu o campeão da lista de atiradores **Simo Häyhä**.

Simo Hayha (Texto de Lopes Furtado)

Ele nasceu em 17 de dezembro de 1906 na pequena cidade finlandesa de Rautajarvi, como a maioria da população ele era um simples fazendeiro de vida tranqüila e pacata, acostumado com a vida nas florestas geladas era ele um homem do campo por paixão, caçador desde a infância aos 17 anos alistou-se no exercito finlandês para cumprir serviço militar obrigatório, cumpriu o seu tempo de serviço de forma tranqüila em um batalhão de bicicletas, em novembro de 1939 a Rússia invadiu a Finlândia dando inicio a uma guerra que iria durar 105 dias e ficaria conhecida como a guerra de inverno, Simo Hayha foi convocado as pressas juntamente com centenas de outros reservistas,...integrou a principio a companhia JR 34 encarregada de proteger e retardar o avanço da frente russa na região do rio Kollaa.

As forças finlandesas na região do rio kollaa estavam sob o comando do general Uiluo Tuompo e já enfrentavam as primeiras investidas do 9º e



1º exércitos, soviéticos,...A superioridade numérica dos russos era esmagadora, e como o vale do Kollaa era ponto estratégico importantíssimo para o avanço russo, para lá foram enviadas 12 divisões, com um total de 160.000 homens,...ignorando a superioridade numérica a resistência finlandesa lutou ferozmente, e foi durante essa luta desigual que se destacou Simo Hayha,... Aqueles eram os seus campos de caça e conhecia a região como ninguém, era a sua casa, nenhum inimigo estaria seguro,..."caçando" sozinho a "morte branca" (apelidado por causa da camuflagem branca que usava na neve) levou o terror às linhas inimigas, agia no sul e no norte, nunca fazia mais que um disparo por posição, quando agia levava o pânico e abalava o moral das tropas inimigas.

Assim a bravura e a audácia de um único atirador, atrasou em meses o domínio daquela região,...e em apenas um mês as perdas vermelhas no vale do Kollaa triplicaram.

Usava um rifle Mosin Nagant M28 em calibre 7.64X54 R (mesmo calibre do atual SDV Dragonov) regulamentar das tropas finlandesas naquela época, as miras eram abertas e sem qualquer tipo de aparato de precisão, com esse rifle por mais de uma vez eliminou oficiais russo com tiros precisos de mais de 400 metros.

Em fevereiro de 1940 a ele foi entregue um rifle Mauser equipado com um uma luneta de precisão e coronha custom, mas para a surpresa de todos Hayha recusou a oferta do rifle e preferiu continuar com o seu velho Nagant de miras abertas, segundo palavras do próprio Hayha; o rifle Mauser era muito bom, mas o forçava a levantar demais a cabeça para visualizar a luneta, e isso pra ele poderia significar a diferença entre matar ou morrer já que era diariamente caçado por vários snipers russos, o fato de não gostar de lunetas era devido a necessidade de cuidados especiais que precisava se ter com esses delicados aparelhos por causa do gelo e da neve que constituíam o ambiente dos combates.

Outro coisa que diferencia o grande Simo Hayha de outros atiradores era o fato de conseguir acertar melhores tiros sentados do que deitados, por ser muito pequeno (1.60) desenvolveu uma posição de tiro sentado que funcionava como uma plataforma, dando total estabilidade aos seus tiros longos de 400, e 500 metros.

Quando perguntado qual era a chave do seu sucesso, disse não haver nenhuma, apenas o amor pela pátria o conhecimento íntimo da sua arma e terreno, e a paciências para permanecer dias inteiros em uma posição esperando uma oportunidade,..."cumprir da melhor forma possível as missões que me confiavam" dizia ele com toda a sua modéstia.

Dessa forma mesmo após o fim da guerra de inverno com a inevitável derrota finlandesa em março de 1940 as posições do rio Kollaa ainda estavam sobre a "proteção" da morte branca e de uma pequena facção do exercito finlandês.

Nos 100 dias que lutou na guerra de inverno Simo Hayha teve creditadas e confirmadas oficialmente 542 baixas inimigas, seus números são verdadeiramente notáveis, e acredito que dificilmente serão superados por qualquer outro sniper de guerras modernas.

No dia 03 de junho de 1940 Simo Hayha foi ferido gravemente no rosto por um sniper russo, mesmo assim ainda encontrou o seu fuzil e caçou e matou o homem que o feriu, aquela foi a ultima ação de Simo Hayha no exercito finlandês, morreu de causas naturais no dia 1º de abril de 2002 em Hamina Finlândia aos 96 anos.

Outro atirador de elite finlandês da época da Guerra de Inverno na Finlândia é Suko Kolkka. Segundo informações ele matou aproximadamente 400 russos com seu rifle e cerca de outros 200 usando submetralhadoras em combates de infantaria.

Devido a combatividade e qualidade excepcional dos finlandeses, e entre eles de seus atiradores de elite, as perdas soviéticas foram de 40:1. No fim da Guerra de Inverno um general soviético disse: "Conquistamos 22.000 milhas de território finlandês. E isto é suficiente para enterrar os nossos mortos".

Segunda Guerra Mundial

Nesta época um salto de qualidade foi dado por japoneses, britânicos, russos, americanos e alemães. Mais uma vez foram criadas unidades específicas de treinamento e emprego deste tipo de atirador. Nestas unidades de treinamento a preparação e doutrina dos combatentes era diferente dos soldados comuns, pois as condições de qualificação exigidas eram

extremas, dando-se especial ênfase à parte psicológica. Durante a Segunda Guerra Mundial, a sofisticação de equipamentos estava apenas iniciando e o alcance médio dos fuzis era de 400 metros.

Porém Quando começou a Segunda Guerra Mundial, apenas os alemães e os soviéticos tinham mantido seu treinamento específico para snipers.

Os alemães tinham melhores armas e sistemas óticos, porém os soviéticos os suplantavam em técnicas de camuflagem. Quando os britânicos criaram sua escola de snipers o manual ainda era da Primeira Guerra Mundial. O treinamento não incluía papel de infantaria como tomar terreno, capturar prisioneiros ou liderar ataques.



O Exército inglês tinha várias exigências para escolher um atirador de elite: inteligência acima da média, forte e incansável, ótima pontaria, prazer pela solidão e, de preferência, um homem do campo. Os britânicos e as nações do Commonwealth normalmente usavam o fuzil Lee-Enfield No 4 Mk I (T).

Os americanos usavam o Springfield M1903A4 como seu fuzil padrão para os snipers.

Os alemães incentivavam muitas vezes seus oficiais à serem atiradores de elite, inclusive condecorando-os com medalhas específicas para 20, 40, e 60 inimigos confirmadamente abatidos.

Táticas alemãs

Os snipers alemães que atuaram na frente russa tinham como alvos principais os operadores de armas pesadas, observadores, oficiais, ou tudo que ameaça o avanço das tropas. Sem liderança as tropas russas não avançavam e ficavam paralisadas ou fugiam. Os sniper alemães avançavam com as tropas, cobriam flancos e pegavam observadores e ninhos de metralha inimigo. No fim da guerra cada pelotão alemão tinha pelo menos dois homens treinados como scout e sniper.

Na tundra russa, os sniper ficavam na frente das tropas. Penetravam a noite nas linhas e durante o ataque ou barragem pré-ataque tinham a missão de abater os comandantes e artilheiros. As vezes acompanhavam o avanço para atingir operadores de metralhadoras e armas anti-carro.

Uma tática de um sniper alemão durante um avanço inimigo era deixar varias ondas atacar e atingir as ultimas no estomago. Os gritos dos feridos enervavam os da frente. Depois passava a atingir os mais próximos a 50m na cabeça. É possível conseguir cerca de 20 kills em poucos minutos.

A tática de apoio de retirada iniciou com os alemães na Segunda Guerra Mundial, em 1944, quando um batalhão usava 4-6 snipers para cobrir a retirada de uma companhia ou batalhão. Uma metralhadora seria detectada imediatamente enquanto os tiros a longa distância dos snipers não e o inimigo passaria a atuar com cautela para caçar os snipers.

Os alemães tem nos registros oficiais um dos maiores atiradores de elite da história Mathias Heutzenaner, que durante o ano de 1944 na frente russa, abateu 345 soldados e oficiais soviéticos! (Nota: na maioria dos casos, utilizou um fuzil alemão projetado para ser uma arma anti-tanque, calibre especial de 13mm, alcance de utilização ao redor de 500m, tiro único). Um dado interessante é que os soviéticos usaram com bons resultados mulheres como atiradoras de elite, devido a sua paciência e determinação.

Nas operações na Normandia os alemães infestaram a região, propicia para a defesa, com centenas de atiradores de elite, que foram deixados para trás para retardar o avanço aliado. Eles só cessavam de operar quando eram mortos ou quando a sua munição acabava, momento em que se entregavam.

Os atiradores de elite, especialmente alemães e russos, conseguiam atingir uma cabeça a 400m, um dorso a 600m e um corpo inteiro a 800, necessitando repetir os disparos em apenas 20% a 40% dos casos segundo a distância.

Táticas russas

A infantaria passou a usar muita submetralhadoras para supressão e era uma arma ruim contra alvos em profundidade. Doutrinariamente os snipers cobriam estes alvos mais distantes. Os snipers russos atuavam bem em ambientes urbanos. Em um cenário urbano onde cada janela ou buraco podia ser fonte de sniper. Para os snipers os alvos eram fugazes, e a posição ficava comprometida rapidamente com movimentação. Um ataque frontal era suicídio, as incursões esporádicas e brutais virou norma com uso de sniper. Em Stalingrado os snipers dominaram o local e a morte rondava todos os lugares. As distancia na cidade eram de curto alcance e a maioria menos de 300m. Na cidade é muito difícil saber de onde vem o tiro devido ao eco.

Os snipers russos atuavam em duplas, com fuzil Mosin-Nagant com luneta zoom de 4x. Era preciso até 800m. Os snipers russos também levavam submetralhadoras. Observador também fazia pontaria para observar o tiro e atirar se o sniper errar. Durante um avanço alemão a missão dos snipers russos era segurar o avanço e procurar outra posição depois. O custo em vida foi alto.

Exemplo de operações na retaguarda seria uma operação onde seis equipes de snipers russos foram ordenados parar uma coluna de reforço alemã. Foram de esqui até a posição. Duas duplas cobriam o inicio do comboio, duas o meio e as outras o fim. A primeira dupla abriu fogo e parou o comboio. Os outros foram batendo alvos. Quando começavam a tentar fazer o comboio se mover, os snipers reiniciavam os tiros e os alemães paravam. Foi se repetindo até uma posição ser localizada. Os snipers mudavam de posição para contra-atacar. Conseguiram parar a coluna que só andou 3-5km em várias horas.

Os oficiais é que ensinavam as tropas a atuar como snipers. Os snipers russos recebiam treino de infantaria comum para operações ofensivas e defensivas. Como levavam submetralhadora, granadas e capacete, ajudava a esconder função se capturado. No fim da Segunda Guerra Mundial havia 18 sniper por batalhão ou dois por pelotão. Os snipers russos foram escolhidos como fontes de heróis e o número de kills pode ser exagerado por isso. Podia ser uma tática de propaganda.

Os marines

Ainda na Segunda Guerra Mundial, o USMC treinava seus snipers para tiro e reconhecimento e por isso são chamados de "scout-sniper". Cada Companhia tinha três snipers sendo um de reserva. O USMC treinava reconhecimento e táticas de sniper agressivo, mas era difícil de empregar nas selvas do Pacífico. A velocidade de retorno de tiro faz diferença entre vida e morte. Por isso tinha que atuar em equipe de três com sniper, observador e apoio que cobria com metralha BAR ou submetalhadora. Cada companhia tinha uma equipe. Alguns snipers eram improvisados, como um oficial que treinava por conta própria e aproveitava para atuar na função. O uso de luneta mostrou ser uma desvantagem na selva densa o que se repetiu no Vietnã.

O USMC era a única unidade que treinava seus snipers para tiro a até 900 metros. Este treinamento foi importante com sniper conseguindo abater tropas em ninhos de metralhadora em Okinawa a 1.100m. As vezes tinham que usar traçante com o observador indicando onde atingiu um alvo grande para determinar a distância.

A ameaça dos snipers japoneses acabava com a força e moral dos soldados americanos. O USMC logo iniciou o uso de snipers como contra-sniper logo no começo da formação do perímetro da cabeça de ponte durante os desembarques.

Contra bunkers atiravam nas janelas de metralhadoras. Outros japoneses tomavam o lugar, mas logo percebiam o que estava acontecendo e paravam. Depois os Marines conseguiam avançar com apoio dos sniper e atacar com lança-chamas e cargas explosivas.

Os japoneses

Os Japoneses na Segunda Guerra Mundial, na campanha do Pacífico, usavam seus snipers mais para defesa e por isso eram considerados menos em ações ofensivas. Funcionava bem no terreno cheio de árvores e areias do Pacífico para controlar movimentos de tropas inimigas. O critério de escolha dos snipers japoneses era diferente do ocidental. Eram escolhidos mais pela boa pontaria e era considerada uma honra. O medo de fracasso os tornava bons. O treino era bem prático e sobrevivia muito tempo com poucos recursos para o padrão ocidental. Os snipers japoneses não faziam ações de coleta de informações, pois atuavam até a morte na posição, matando o máximo até serem mortos, e não voltavam. Na selva das ilhas do Pacífico usavam mira simples para curto alcance.

Os japoneses geralmente deixavam os americanos passar e disparavam por trás de buraco ou do topo de árvores. Com pouca distância até uma submetalhadora Nambu servia como arma de sniper. Os snipers ficavam amarrados em árvores para não dar dica para as equipes contra-sniper que conseguiu atingir, pois não via nada cair. Os ocidentais não usam árvores como posição, a não ser observadores, pois vira uma armadilha mortal se descoberto. Os japoneses usam sapatos e garras especiais para subir em árvores. Conseguiam atrasar os avanços por horas. Os japoneses também usavam "buraco de aranha", bem profundo, mas ainda com bom campo de tiro.

Os snipers japoneses preferiam o 6.5mm Arisaka Type 97 mais fraco. O alcance era relativamente pequeno, mas ainda potente a curta distância na selva e com pouca fumaça o que era mais importante.

A contramedida americana foi atirar indiscriminadamente no topo das árvores com as metralhadoras BAR ou disparar um canhão de 37mm com munição flechete. Era uma tarefa lenta. Logo que tomavam uma cabeça de praia os Marines tinham que enviar equipes anti-snipers.

Durante um assalto no Atol de Kwajalein em Jan - Fev 44 pela 7ª Divisão de Infantaria, um sniper japonês inimigo provou ser extremamente mortal. No último dos 5 dias de batalha pelo atol, a Companhia F do 32º RI, encontrava - se sob o fogo do Sniper. Os homens não podiam identificar de onde vinham os fogos. Os disparos paralisaram os homens que tentavam escavar abrigos na areia ou cobrir - se com palmas para camuflagem. Por uma hora a

Companhia aferrou - se ao terreno, faltando 150 jardas para o fim do atol. Um a um , dez soldados foram atingidos pelos disparos e todo o tempo os médicos arriscavam a vida rastejando até os feridos arrastando - os para trás.O ímpeto do ataque tinha sumido. Somente a chegada de um tanque servindo como escudo para proteção do fogo do Sniper motivou os homens da Cia F a se levantarem e se deslocar para o objetivo. Só após desalojar o Sniper o objetivo foi conquistado.

Duelo em Stalingrado

Um dos duelos mais famosos entre atiradores de elite aconteceu na batalha por Stalingrado entre o russo Vasili Zaitsev e o alemão Erwin Konig.

Durante o início da batalha de Stalingrado as condições que os russos enfrentavam eram extremamente difíceis, pois os alemães queriam os campos de petróleo do sul da Rússia, do Cáucaso e o controle do rio Volga. Era uma região de extrema importância econômica, industrial e política, o que fazia com que os nazistas levassem não só infantaria bastante numerosa, mas também tanques, aviões de caça, bombardeiros, canhões e infantaria blindada. Visto que a cidade industrial de Stalingrado não tinha grande concentração de efetivos militares, as condições eram extremamente difíceis e a vitória alemã parecia iminente. Todavia os efetivos para Stalingrado foram aumentados, contando com o comando de vários generais soviéticos, unidades da NKVD e a chegada de soldados de todas as partes da URSS. Hitler chegou a declarar uma guerra pessoal entre ele e Stalin, tornando-se assim um conflito entre o Vozhd e o Führer. A população civil fugia, todavia não era possível que uma boa parte escapasse, fazendo com que muitos civis sofressem com a guerra ou se juntassem à luta como partizans (guerrilheiros comunistas).

Efetivos soviéticos não paravam de chegar, chegou-se a fazer uma ponte alguns centímetros abaixo do rio Volga (a primeira da história), trens blindados chegavam trazendo divisões do Exército Vermelho, uma dessas, a 284ª divisão do 62º exército, trazia dentre vários soldados um pastor de ovelhas siberiano que habitava a região dos Montes Urais. Nascido em Katav-Ivanovskogo, era órfão desde cedo e foi ensinado à atirar desde os 5 anos de idade por seu avô caçador de lobos. O nome deste soldado era Vassili Grigorievitch Zaitsev ("lebre" em russo). Ele chegou em Stalingrado no dia 20 de setembro de 1942, com 27 anos de idade.

Quando chegou em Stalingrado ele não tinha um rifle como muitos outros soldados soviéticos. Devido à falta de munições muitos soldados tinham de ficar atrás de outro que tivesse um rifle para pegá-lo quando este morresse, recebendo apenas uma tira de balas. Vassili recebeu apenas as balas, mas não ficou com o rifle. Avançando pela cidade junto da sua pequena tropa (que foi facilmente vencida pelos alemães entrincheirados), Vassili escondeu-se entre os cadáveres dos seus camaradas mortos e segundo relatos do livro *Enemy at the gates* ("O Círculo de Fogo", transformado em filme) apossou-se de um rifle de um soldado morto e atirando apenas quando soava o som das explosões (afim de que não fosse ouvido o barulho do rifle), abateu 5 alemães que estavam em um estabelecimento próximo sem ser percebido e sem levar um só tiro, o que conquistou a atenção do comissário político e jornalista Igor Danilov.

Naquele momento em que o jovem soldado Vassili mostrava proezas heróicas abatendo os soldados alemães, Nikita Khrushchev chegava à Stalingrado para cobrar dos líderes militares e dos comissários um postura mais agressiva. Uma das sugestões para um melhor desempenho dos soldados, agoniados com a provável vitória das tropas do III Reich, partiu de Danilov, que sugeriu a publicação do jornal militar novamente e a exaltação do sacrifício pessoal e a dedicação à causa comunista, mostrando como exemplo aquele que conhecera de perto, o lendário atirador de elite Vassili Zaitsev. Tal proeza funcionou e Vassili foi promovido para a divisão dos atiradores de elite, seu nome foi publicado nos jornais militares e ainda se tornou a grande sensação das primeiras páginas do jornal "Pravda", o qual era lido por milhões de pessoas na URSS, dando grandes esperanças ao povo soviético e aos soldados do Exército



Vermelho.

De fato as proezas de Zaitsev eram lendárias, por exemplo, no período de apenas 10 dias ele já havia eliminado cerca de 40 oficiais alemães de alta patente, corajosa atitude essa que fizera dele também o mais falado nas rádios soviéticas e o mais popular soldado da cidade e um dos mais da URSS (senão o mais popular). Foi devido à necessidade de mais soldados como ele, que Danilov encarregou Vassili de treinar e instruir outros atiradores de elite, dentre os quais a oficial russa-americana Tatiana Tchernova, que voltou dos EUA para a URSS quando a guerra havia começado. Obcecada pelo desejo de vingança contra os nazistas que executaram seus avós, Tania perdera também seus pais durante a guerra, e por isso sob instruções de Vassili Zaitsev tornou-se uma exímia atiradora de elite, matando um grande número de soldados alemães junta com seu instrutor. Tania Tchernova também veio a tornar-se a namorada de Zaitsev, vindo a iniciar um relacionamento duradouro. Ele chegaria a ser ferida por uma mina atirada pelos nazistas. Além de Tania, Vassili também deu eficaz treinamento à outros atiradores, procurando sempre compartilhar com estes seu conhecimento e táticas que utilizava na taiga siberiana.

Vassili Zaitsev era um exímio atirador de elite, com seu rifle Moisin-Nagant 91/30 (na época um dos melhores a disposição do Exército Vermelho) foi capaz de abater só em Stalingrado 242 nazistas, dentre soldados, oficiais e até atiradores de elite alemães, com os quais travou árduas lutas, sendo a mais épica dessas, a luta contra o major alemão Heintz Thorvald, também conhecido como Major Erwin König. Segundo os soviéticos ele era da escola alemã de atiradores de elite.

As atividades dos atiradores de elite soviéticos causavam grande intranquilidade aos generais alemães em Stalingrado onde já tinham matado mais de mil soldados alemães. Diante das constantes ameaças, os alemães começaram a organizar unidades anti-atiradores de elite. Certa uma das patrulhas russas trouxe um prisioneiro para fins de identificação que disse que o Chefe da escola alemã de atiradores de elite, Major König, tinha chegado de avião de Berlim e fora incumbido, antes de tudo de matar o mais eminente dos atiradores soviéticos, Vassili Zaitsev.

Como se sabe os soviéticos escreveram muito sobre os feitos de Vassili Zaitsev. Alguns dos panfletos caíram em mãos alemães, que estudaram os métodos dos atiradores soviéticos e tomaram medidas ativas para combatê-los. Logo quando um dos atiradores soviéticos matava um ou dois oficiais inimigos, a artilharia e os morteiros alemães, escondidos, começavam a disparar, o que forçava os atiradores de elite soviéticos a mudarem apressadamente de posição.

Na verdade existe uma grande dúvida se o Major Erwin König/Heintz Thorvald existiu de fato e se eram a mesma pessoa. Esta dúvida existe porque Erwin König. só aparece e muito na propaganda russa, mas não encontramos nenhuma documentação na Alemanha a respeito dele. Tanto Erwin König quanto Heintz Thorvald eram nomes alemães bem comuns na época da guerra. É interessante observar que no registro de guerra russo o adversário de Vassili Zaitsev é chamado de Erwin König e nas suas memórias o atirador de elite o chama de Heintz Thorvald. Alguns dizem que o temível atirador de elite alemão foi fabricado pela imprensa soviética para representar o exército alemão, ou os atiradores de elite como um todo e que o objetivo do duelo era a de levantar o moral soviético.

Os soviéticos diziam que Erwin König. era um rico caçador de veados da Bavária que foi enviado a Stalingrado apenas com a missão de abater Vasha (como também era conhecido Vassili), fato que comprovava sua fama até mesmo entre os soldados alemães, o que fazia dele um arcanjo para os soviéticos e demônio para os alemães. Ambos posicionados, o duelo entre o comunista pastor de ovelhas e o nazista caçador de veados seria um dos épicos episódios da batalha de Stalingrado, pois além de sua extensa duração foi marcado por momentos em que ambos estiveram próximos da morte, momentos em que a sorte esteve presente, em que a ânsia e a angústia estiveram presente nos corações daqueles que aguardavam os resultados daquele duelo, fossem civis ou militares, enquanto que com toda cautela, mas sobretudo com calma os atiradores souberam levar tal conflito.

Uma das desvantagens de Vasha era o fato de que seus atos haviam sido observados, sendo levados ao conhecimento do Comando da Wermatch e conseqüentemente de König, que passou a caçar o atirador russo. O próprio Vasily Zaitsev fala a respeito do duelo:

"A chegada do atirador nazista trouxe-nos uma nova tarefa: tínhamos de encontrá-lo, estudar os seus hábitos e métodos e esperar pacientemente o momento justo para um, somente um, tiro certo. Nos nossos abrigos, à noite, tínhamos discussões furiosas sobre o próximo duelo. Todo atirador apresentava as suas especulações e conjecturas extraídas da observação de cada dia das posições de vanguarda do inimigo. Discutíamos toda espécie de propostas e

de apostas. Mas a arte do franco-atirador se distingue pelo fato de que, seja qual for a experiência que muita gente tenha, o resultado da luta é decidido por um dos atiradores. Ele enfrenta o inimigo face a face e de cada vez tem de criar, de inventar, de operar diferente. Não pode haver esquema para o atirador; um esquema seria suicídio.

Ainda assim, onde estava o atirador de Berlim - perguntávamos uns aos outros. Eu conhecia o estilo dos atiradores nazistas pelo seu fogo e pela sua camuflagem e podia, sem dificuldade, distinguir os experimentados dos novatos, os covardes dos tenazes e resolutos. Mas o caráter do chefe da escola era ainda um mistério para mim. As nossas observações cotidianas nada nos diziam de definitivo. Era difícil decidir em que setor operava. Presumivelmente alterava a sua posição com frequência e me procurava tão cuidadosamente quanto eu a ele. Então alguma coisa aconteceu. O meu amigo Morozov foi morto e Sheykin ferido por um fuzil com mira telescópica. Morozov e Sheykin eram atiradores experientes; muitas vezes saíram vitoriosos das mais difíceis escaramuças com o inimigo. Agora não havia mais dúvida. Tinham dado com o super-atirador nazista que eu procurava. Pela madrugada saí com Kulikov para as mesmas posições que os nossos camaradas haviam ocupado na véspera.

(*Segundo informações Nikolay Kulikov, conheceu o major König na Alemanha durante a época do tratado de não-agressão. Acompanhando Vassili, Kulikov usou-se de binóculos para scanear as linhas inimigas quando estas travavam nas ruas batalhas e desferiam ataques contra as tropas soviéticas, sempre escondendo-se em prédios ou outras edificações.)

Inspecionando as posições de vanguarda do inimigo, que havíamos passado muitos dias estudando e conhecíamos bem, nada encontrei de novo. O dia estava chegando ao seu termo. Então, acima de uma trincheira alemã surgiu inesperadamente um capacete, movimentando-se vagarosamente ao longo dela. Deveria eu atirar? Não! Era um ardil; o capacete movimentava-se de modo irregular e presumivelmente estava sendo levado por alguém que ajudava o atirador, enquanto ele esperava que eu atirasse. - Onde estará escondido? Perguntou Kulikov, quando deixamos a emboscada sob a proteção da escuridão. Pela paciência que o inimigo demonstrava durante o dia conjecturei que o atirador de Berlim estava aqui. Era necessário vigilância especial...

Passou-se um segundo dia. De quem seriam os nervos mais resistentes? Quem venceria? Nikolay Kulikov, um verdadeiro camarada, também estava fascinado pelo duelo. Não tinha dúvida de que o inimigo ali estava diante de nós e eu estava ansioso pra que vencêssemos. No terceiro dia, o comissário político Danilov, também foi conosco para a emboscada. O dia rompeu como sempre: a luz ia aumentando de minuto a minuto e as posições inimigas iam sendo distinguidas com cada vez mais clareza. Travou-se batalha perto de nós, obuses silvavam acima de nós, mas, colados às miras telescópicas, mantivemos o olhar dirigido para o que acontecia à nossa frente. Lá está ele! Eu o indicarei para vocês! - disse, de repente, o comissário Danilov ficou excitado.

Ele mal se elevou, literalmente por um segundo, mas sem cuidado, acima do parapeito, e isso bastou para que o alemão o atingisse e o ferisse. Esta espécie de disparo, naturalmente, só podia provir de um sniper experiente. Durante muito tempo examinei as posições inimigas, mas não pude descobrir o seu esconderijo. Pela velocidade com que disparara cheguei à conclusão de que o atirador estava em algum ponto diretamente à nossa frente. Continuei a observar. À esquerda havia um carro fora de ação e à direita uma fortificação solitária. Onde estava ele? No carro? Não, um sniper veterano não tomaria posição ali. Na fortificação, talvez? Também não - a portinhola estava fechada. Entre o carro e a fortificação, numa faixa de terreno plano, havia uma chapa de ferro e uma pilha de tijolos quebrados. Estavam ali havia muito tempo e já nos acostumáramos a vê-las. Coloquei-me na posição do inimigo e pensei - que lugar melhor para um atirador? Bastava apenas fazer um cavalete sob a chapa de ferro e chegar a ela durante a noite. Sim, ele estava certamente ali, sob a chapa de ferro, na terra-de-ninguém. Resolvi certificar-me. Pus uma luva na ponta de um pedaço de pau e a elevei. O nazista caiu nessa. Abaixei cuidadosamente o pedaço de pau na mesma posição e examinei o orifício aberto pela bala. Ela atingira diretamente pela frente; isto significava que o nazista estava debaixo da chapa de ferro.



- Lá está o nosso atirador! - disse Kulikov, com a sua voz calma, do seu esconderijo perto do meu. Veio então o problema de atrair, ainda que fosse pelo menos parte da sua cabeça, para a minha mira. Era inútil tentar fazê-lo logo. Precisávamos de mais tempo. Mas eu pudera estudar o temperamento do alemão. Ele não abandonaria a boa posição que havia encontrado. Devíamos, portanto, mudar de posição.

Trabalhamos durante a noite. Ficamos em posição pela madrugada. Os alemães atiravam contra os ancoradouros do Volga. A luz chegou com rapidez e ao raiar o dia a batalha cresceu de intensidade. Mas nem o troar dos canhões nem a explosão de bombas e obuses, nada nos poderia distrair do trabalho que tínhamos à mão. O sol se elevou no céu. Kulikov deu um tiro às cegas: tínhamos de despertar a curiosidade do atirador. Havíamos decidido passar a manhã à espera, pois poderíamos ser localizados pelo reflexo do sol nas nossas miras telescópicas. Após o almoço os nossos fuzis estavam na sombra e o sol brilhava diretamente sobre a posição do alemão. Na ponta da chapa de ferro alguma coisa brilhava: um pedaço qualquer de vidro ou uma mira telescópica ? Cuidadosamente, Kulikov começou, como somente podem fazê-lo os mais experimentados, a levantar o seu capacete. O alemão disparou. Por uma fração de segundo Kulikov se levantou e gritou. O alemão acreditou que finalmente apanhara o atirador soviético que vinha caçando havia quatro dias e levantou a cabeça de debaixo da chapa de ferro. Era com isso que eu contava. Fiz uma pontaria cuidadosa. A cabeça do alemão caiu para trás e a mira telescópica do seu fuzil K-98 ficou sem movimento, brilhando ao sol, até que a noite caiu..."

Após o duelo Vassili Zaitsev veio a matar vários outros soldados alemães em Stalingrado. Indomável e audacioso ficaria conhecido em toda a cidade por seus feitos heróicos, tanto pelos comunistas quanto pelos nazistas, por quem era tão temido. Vassili seria designado posteriormente como comandante dos atiradores de elite, que viam nele uma inspiração e um grande professor que procurava repassar aos alunos todos os conhecimentos aprendidos. Em janeiro de 1943 Vassili Zaitsev veio a ser gravemente ferido, sendo levado para Moscou e tratado no principal hospital da cidade com o professor universitário Filatov, um dos melhores médicos do país.

Zaitsev pôde no mesmo ano retornar a Stalingrado e reencontrar seus amigos atiradores de elite e sua companheira Tania Tchernova. À pedido seu veio a atuar no front de batalha como soldado comum, demonstrando clara determinação e heroísmo de um soldado exemplar. Após Stalingrado, Zaitsev atuou em Dniestre já com a patente de capitão. Nesse período veio a escrever dois famosos manuais para atiradores de elite.

Condecorado com a Ordem da Guerra Patriótica, duas Ordens da Bandeira Vermelha, várias vezes condecorado com a Ordem de Lenin, além de medalhas menores, Vassili Zaitsev recebeu então a medalha da Estrela Dourada e o status de "Herói da União Soviética", vindo a ser condecorado ainda outras vezes por ser veterano de guerra de Stalingrado.

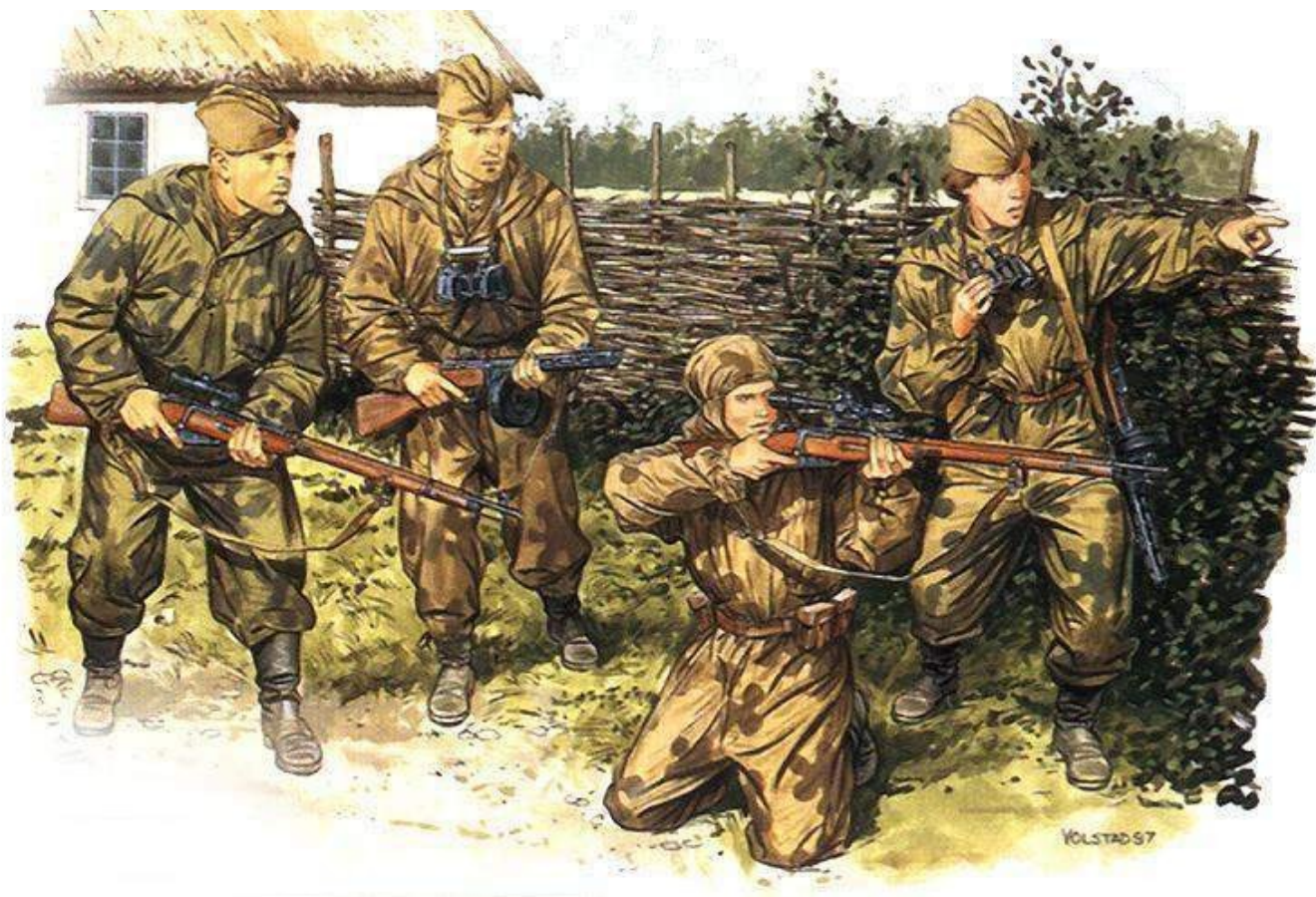
Após o término da guerra Zaitsev desmobilizou-se e passou a ser um veterano de guerra, trabalhando como diretor de uma fábrica de construção de carros em Kiev, tendo terminado esse trabalho somente em 15 de dezembro de 1991 quando morreu.

Quem se encontrava com Zaitsev ficava surpreendido com sua modéstia, o modo despreocupado com que se movimentava, o seu temperamento plácido, a maneira atenta com que olhava as coisas; podia fitar o mesmo objeto durante longo tempo sem pestanejar. Tinham mãos vigorosas - e quando apertavam as mãos de alguém os dedos doíam.



O Moisin-Nagant 91/30, o modelo do rifle usado por Vassili (que hoje está no museu na antiga cidade de Stalingrado)

Os atiradores de elite soviéticos durante a Segunda Guerra Mundial



Os soviéticos davam atenção particular ao desenvolvimento de um movimento de franco atiradores entre suas tropas. O diário do Exército "Em Defesa do Nosso País" publicava, todos os dias, cifras do números de alemães mortos pelos franco-atiradores soviéticos e publicava fotografias daqueles que tinham a pontaria mais certa.

A ação geral dos atiradores de elite era chefiada pelas seções políticas, pelas organizações do Partido e do Komsomol: em reuniões do Partido e do Komsomol discutiam-se questões e elaboravam-se medidas para melhorar o seu trabalho em relação com os bons atiradores. Os soviéticos foram os primeiros a usarem equipes (dois homens) de atiradores de elite.

Os franco-atiradores saíam à caça, às primeiras horas da manhã, para locais previamente selecionados e preparados, camuflavam-se cuidadosamente e esperavam, pacientemente o aparecimento dos seus alvos. Sabiam que a mais ligeira negligência ou pressa levaria a morte certa: o inimigo mantinha cuidadosa vigilância sobre os atiradores russos. Eles gastavam poucas balas, mas todo tiro partido deles significava morte ou ferimento para qualquer alemão colhido no seu campo de visão.

Zaitsev chegou a ser ferido nos olhos. Um franco-atirador alemão naturalmente teve a paciência de descobrir a pista do 'caçador' russo que na época tinha cerca de 300 mortos alemães a seu crédito. Quando voltou ao serviço ativo, após a cura, continuou a selecionar e treinar franco-atiradores, os seus "coelhinhos" como chamava. (O nome Zaitsev deriva da palavra russa para "coelho")

Todo atirador de elite russo altamente experiente passava adiante a sua experiência, ensinava a jovens atiradores a arte de atirar. Daí os nossos soldados acostumaram-se a dizer: - Zaitsev treina os seus coelhinhos e Medvedev os seus ursinhos. Todos eles matam alemães e não erram... (Medvedev vem da palavra russa para "urso".) Viktor Medvedev que matou mais alemães do que Zaitsev, foi treinado por este.

O manual russo da Segunda Guerra Mundial cita as funções do sniper como sendo:

- Destruir armas inimigas que podem interferir no avanço do pelotão (sniper)

- Destruir o componente de comando inimigo para interferir na cadeia de comando (oficiais e sargentos)
- Encontrar e destruir inimigo que esta conduzindo fogo e interferindo no avanço das tropas (metralha, morteiro)

Os principais atiradores de elite da Segunda Guerra Mundial:

Nome de elite	País
Chernomir	Finlândia 
Yuriy Andreyevich Gerasimov	URSS 
Yakovlevich Ilyin	URSS 
Yuryy Andreyevich Gerasimov	URSS 
Yuryy Andreyevich Gerasimov	URSS 
Yuryy Andreyevich Gerasimov	URSS 
Yuryy Andreyevich Gerasimov	URSS 
Yuryy Andreyevich Gerasimov	

2ª Parte

Guerra

Após a guerra, em 1945, o atirador de elite passou a ser visto como artigo de luxo. Foi o ponto mais baixo na história militar dos snipers no Ocidente. A maioria dos exércitos ocidentais fechou os olhos ao desmantelamento de unidades de atiradores de elite. Apenas os Royal Marines britânicos e o Corpo de Marines norte americanos continuaram a treinar e qualificar snipers. Os soviéticos, por outro lado, mantinham seus snipers treinando sem cessar, e a Armada Vermelha possuía pelo menos três snipers em seu efetivo. Nos EUA apenas alguns oficiais continuaram a treinar o assunto e tentavam persuadir o serviço a criar uma escola.



conflitos do pós-guerra, em sua maioria de baixa intensidade, demonstraram o valor do sniper. O Exército foi um dos primeiros a reconhecer erro de eliminar as escolas e as unidades de atiradores de elite, já que as escaramuças com guerrilheiros malaios e soldados nacionalistas mostraram que o atirador de elite era um essencial.

nos conflitos que ocorreram pós-guerra a partir da década de 1950, os atiradores de elite foram usados, muitas vezes em ambos os lados. Britânicos (Irlanda do Norte, Dhofar, Falklands, Afeganistão...) russos (Afeganistão, Vietnã...), franceses (Indochina, Argélia, Chade...), indianos (Cachemira, Paquistão...) e israelenses (Guerras Árabe-Israelense, Palestina...) os usaram com muito sucesso em suas guerras na África, Oriente Médio e Ásia.

Interessante a respeito dos israelenses é que o seu exército utilizou emigrantes russos que serviram no Exército Checo na Tchecoslováquia como atiradores de elite em suas operações de snipers na Faixa de Gaza. A unidade recebeu o nome de "Yamam" (em hebraico). O treinamento de snipers no Exército russo dura um ano e no Exército israelense dura cinco semanas. Porém os atiradores de elite das forças especiais israelenses recebem um treinamento muito mais apurado. O Exército de Israel também usa mulheres como atiradoras de elite.

Snipers de elite também foram incorporados às polícias de todo o mundo. Antes quando se precisava de alguém para um trabalho de tiro de precisão se convocava o melhor atirador da região, que realizava o "serviço" e depois ia embora. Nos EUA, especificamente em Los Angeles foi criada na década de 1970 a SWAT- SPECIAL WEAPONS AND TACTICS (Armas e Táticas Especiais). Esta unidade basicamente era constituída por duas equipes, os atiradores com armas de assalto (Assault Team, ou time de assalto) e os atiradores de fuzil (Sniper Team, ou equipe de snipers). Para o treinamento do Sniper Team, como não havia referências na polícia, buscou-se profissionais do Exército norte-americano. A ideia de tal unidade policial foi um sucesso e espalhou-se por todo o mundo entre as polícias locais, estaduais e federais.

Guerra da Coreia - 1950 - 1953

Na Guerra da Coreia, nos EUA a Escola de Infantaria do Exército recebeu a missão de organizar uma escola de snipers de elite de acordo com as lições aprendidas na Segunda Guerra:

- Contar sempre com snipers bem treinados;
- Prover uma melhor proteção ativa contra snipers inimigos;
- Treinar os oficiais para o emprego adequado de snipers.

O terreno montanhoso da Coreia favorecia o engajamento de longo alcance. Os americanos já pensavam que seria uma vantagem ter snipers e estavam preparados, com cada Companhia tendo alguns snipers e com arma adequada. Vários americanos tinham experiência na Selva de Borneo e gostaram de atirar a distâncias maiores que 100 metros.

Os snipers do lado comunista logo forçaram os ocidentais a retomar o treinamento de snipers e fez este guerra voltar à frente de trincheiras da Primeira Guerra Mundial. As tropas ficavam escondidas, mas os americanos também não podiam avançar sem ser molestados com apoio dos seus snipers. A tecnologia era a mesma de 1940. Uma equipe operava junto com a metralhadora BAR como na Segunda Guerra Mundial. Podiam usar munição traçadora para marcar os pontos para a metralhadora BAR e metralhadoras .30 que não podiam ver as próprias posições a distância.

Vietnã - 1963-1973

ia por melhores atiradores de elite foi duramente sentida pelos EUA no início deste conflito, pois o treinamento dos americanos estava com o nível muito variado e os oficiais não estavam mais preparados para usá-los de forma efetiva.

O americano percebeu que o tipo de conflito exigia a presença de homens altamente preparados para combater os snipers com o objetivo de contrapor a ação dos guerrilheiros. Os americanos ficaram supressos quando descobriram que para cada inimigo abatido, a proporção era de 50.000 disparos. Por isso o Exército levou de Fort Benning para Da Nang seus melhores instrutores de tiro, forneceu armas, equipamentos e treinamento adequados para os Marines Recon, do USMC, que forneciam unidades de reconhecimento avançado (observação e busca de alvos) para o Exército dos EUA. O resultado do esforço foi que os alvos começaram a ser atingidos até 1.000 metros de distância, uma média de disparos por inimigo abatido entre os atiradores de elite caiu para 1x1. Deste período surgiu o termo "one shot, one kill" (um tiro, uma morte).

No Vietnã o US Army introduziu a munição de 5,56mm. Esta munição mostrou ser limitada com alcance de curto alcance, não penetra bem na vegetação e com pouco poder de parada. Os soldados americanos podiam ver os Vietcongs a distâncias de metros e não conseguiam engajar com o M-16. As tropas passaram a equipar fuzis M-14 com luneta que foi escolhido oficialmente para ser o fuzil de snipers e chamado de M-21 em 1968. O M-21 foi equipado com a luneta AT I (Auto-Ranging Telescope) com inclinação variando com o foco para compensar a queda dos projéteis durante o voo. Logo foi reiniciado a seleção e treinamento dos snipers. O treinamento incluía chamar artilharia. Os Marines levavam até 700 tiros por dia, mas era bom mesmo para condicionar o tiro. O US Army operou mais ao sul do Vietnã em terreno plano, com muitas plantações e mais aberto.

O US Army gostou do M-21, mas o USMC não. O USMC escolheu o fuzil de ferrolho Remington 40X com mira telescópica 3x9 que foi chamado de M-40A1. Os fuzis com ferrolho eram ruins nos engajamentos de curto alcance na selva. Os snipers levavam pelo menos um fuzil M-14 ou pistola .45. Atuavam em time de snipers com um pelotão de

No início do conflito no Vietnã, o USMC tinha poucos snipers que estudavam assunto por conta própria enquanto o US Army tinha várias equipes de snipers para cada Companhia. O USMC no Vietnã tinha vários critérios de seleção para os snipers. Enquanto o US Army escolhia os melhores de mira na Companhia, o USMC dava duas semanas de treino no Vietnã em reconhecimento, ocultação e sobrevivência. O programa foi iniciado em 1965 e em 1968 se tornou uma unidade permanente com cada regimento de reconhecimento tendo um pelotão com três grupos de combate de cinco snipers, além do comando de tropas. O batalhão de reconhecimento tinha quatro grupos de combate com três snipers além do líder, sargento auxiliar e armeiro.

Logo iniciou o treinamento na frente de batalha com os instrutores reaprendendo a arte dos snipers na prática. No princípio de só ensinar se tiver experiência. O local foi a Colina 55 onde os incidentes com snipers inimigos no Vietnã eram de 30 por dia para um ou dois por semana. Os instrutores observaram o local, a trajetória dos projéteis que os Marines e observaram que os pássaros não pousavam em certos lugares. Logo perceberam que havia um túnel de locais com grama alta de várias direções. Pediram para apontar um canhão sem recuo de 106mm para a área devido a distância. Em caso de tiro de snipers disparariam lá. Dois dias depois um sniper comunista disparou. O canhão de 106mm estava pronto e logo foi disparado. O sniper comunista nunca mais disparou.

Atuou mais ao norte, com muitas florestas e sem bons campos de observação e de tiro. Inicialmente os snipers estavam acompanhando patrulha e depois foram liberados para caçar e mostraram ser a forma mais efetiva. O conflito que surgem os principais atiradores de elite da história dos EUA. Todos Marines: o Sargento instrutor de tropas dos USMC Carlos N. Hathcock II e Chuck Mawhinney, também do USMC.

O norte-vietnamita e vietcong

Os vietcongs eram bem treinados, com um curso de 12 semanas. Os comunistas eram treinados no norte e tinham o conhecimento rudimentar para as tropas do sul. Os norte vietnamitas tinham três grupos de combate de snipers por Regimento que eram protegidos por um pelotão de segurança para cada grupo de combate. O problema era a falta de munição. Os snipers do vietcong ficavam 8 horas por dia em campo e só podiam disparar três tiros a cada dia. Atacavam helicópteros na zona de pouso e serviam como observadores. Os alvos eram oficiais, sargentos e soldados. Os snipers abatidos a distância de 600-700 metros, com objetivo de atrapalhar processo de C3 e fogo e manobra. Os snipers comunistas, outra ameaça silenciosa eram as armadilhas e minas. Logo os americanos perceberam a

ia das táticas anti-snipers e passaram a usar artilharia e apoio aéreo.

As batalhas no Ia Drang Valley em Nov 65 no Vietnã, o 1º Bn da 7ª Cavalaria foi atacado em força pelos norte vietnamitas regulares. Apesar da chegada de elementos do 2º Bn da 5ª Cavalaria, o 1º Bn foi forçado a retrain e a fazer uma defesa circular. Um elemento do 2º Bn tinha estado na área todo o dia e os comandantes não puderam fazer um bom vasculhamento do local. Um Sniper permaneceu infiltrado na área e com uma arma causou sérios danos à Cia. Ele não se movia e permanecia sem ser descoberto. Os danos no moral da tropa eram severos. A tropa não estava muito longe de todo o perímetro defensivo. Os fogos do sniper por um período levou a sensação de medo e a desmoralização em dois batalhões.

Americanos -Vietnam

Hathcock II



John Wayne Hathcock, de Little Rock, Arkansas, é uma figura lendária por sua perícia como atirador de elite no Vietnã (93 mortes confirmadas), mas também por ter ajudado a salvar sete fuzileiros de um veículo em chamas e sua iniciativa para estabelecer o treinamento de atiradores de elite do USMC diante das lições aprendidas na guerra do Vietnã. Os comunistas vietnamitas levavam as habilidades de Hathcock tão a sério que certa vez estabeleceram a recompensa de US\$ 30.000 por sua cabeça.

Hoje, depois de décadas, é um dos nomes mais conhecidos pelos atiradores de elite. Depois de ter dado o exemplo aos fuzileiros, ele teve um papel ativo no desenvolvimento de atiradores de elite na comunidade policial dos EUA.

Cresceu nos arredores de Little Rock com a sua avó depois que seus pais se separaram. Ele amava a vida ao ar livre e gostava de caçar coelhos e esquilos quando criança. Ele esperava horas pelos animais e os abatia com facilidade. Com 10 anos, ele trazia com regularidade carne fresca para casa. Com 17 anos em 1959 ele se alistou nos Marines. E não demorou muito para mostrar o seu talento. No boot camp de San Diego ele se qualificou imediatamente como atirador de elite. Durante os próximos anos nos Marines ele ganhou vários prêmios, inclusive o Wimbledon Cup, o prêmio mais prestigioso de tiro de longo alcance em 1965. No ano seguinte ele foi para o Vietnã e a princípio serviu como policial. Mas como ele queria mais ação.

Ele se ofereceu para patrulhas de reconhecimento para auxiliar fuzileiros que não tinham experiência em operações na floresta como ele. No princípio, os Marines da mesma categoria dele questionaram a utilidade de um policial como atirador, mas depois de seis meses - e 14 mortes confirmadas - os métodos de Hathcock ganharam aceitação.

Na guerra do Vietnã Hathcock levou a destruição de uma companhia norte vietnamita inteira durante cinco dias. O Sargento John Burke encurralaram no vale Elefante uma inexperiente companhia de infantaria comunista. Os dois forçaram a companhia a ficar acuada enquanto eles eliminavam um por um, lentamente. Este é um feito que não é a história de qualquer sniper famoso. De Ao fim do quinto dia Hathcock e Burke chamaram fogo de artilharia que

o serviço dos atiradores, eliminando os vietnamitas que ainda estavam vivos.

morte confirmada, realizada na maior distancia usando uma Browning .50 com mira telescópica. Este sucesso a adoção do cartucho .50 como calibre anti-pessoal viável a ser usado pelos snipers.

Ele matou um general vietnamita sob as mais difíceis condições de tiro para muitos, considerado impossível. Ele ficou cerca de 1.000 jardas por um campo aberto durante quatro dias para ficar na posição ideal de tiro para eliminar o inimigo. Ele esteve sob constante ameaça de patrulhas com cachorros. A única porção de água de que dispunha estava em um único cantil. Ele completou a sua missão com um tiro mortal a 700 jardas.

Como foi dito, ele salvou sete fuzileiros navais em Queson que estavam feridos dentro de um AMTRAC que bateu na praia e pegou fogo. Durante o salvamento ele recebeu varias queimaduras, mas não desistiu de salvar os feridos. Este ato de bravura mais uma vez demonstrou a determinação deste herói. Por causa das queimaduras de segundo e terceiro grau em cerca de 40% do corpo a sua carreira de atirador de elite no Vietnã foi encerrada. Ele passou por várias operações de enxerto de pele no Centro Médico do Exército no Texas. Ele recebeu depois a Silver Star por este ato de bravura.

Após o ataque com segundo e terceiro grau queima em cima de mais que 40% do corpo dele e foi evacuado a Brooke Centro Médico em Texas onde ele sofreu 13 operações de enxerto de pele. A natureza dos danos o possibilitou executar efetivamente novamente com um rifle.

Após as operações dele e de outros atiradores de elite no Vietnã, os snipers hoje são visto não mais como uma simples arma no campo de batalha, mas eles são hoje uma instituição permanente nas forças armadas americanas. Após seus dois turnos de 13 meses no Vietnã, Hathcock se oferecia para tantas missões que os seus superiores tentaram que as restringir para o fazer descansar. Ele ajudou a estabelecer a escola de snipers do USMC em Quantico, VA.

Ele morreu de esclerose múltipla em 1999 aos 57 anos, foi celebrizado num livro de 1986 escrito por Charles G. Smith. A obra tem grande número de admiradores entre jovens fuzileiros navais americanos.

Mawhinney

Como atirador de elite do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA no Vietnã, em 1968 e 1969, ele matou 103 vietnamitas. Outras 216 mortes foram relacionadas apenas como prováveis, pois era muito arriscado demorar-se revistando o campo em busca de armas e documentos. Usou em seu tempo de serviço duas armas, um padrão M40A1 de ferrolho e um cano pesado e um padrão M21 semi-automático ambos em cal 308 winchester, dependendo da missão tinha o costume de levar os dois rifles.

Outro atirador de elite dos Fuzileiros Navais no Vietnã teve confirmadas tantas mortes de vietcongues e do Exército norte-vietnamita. No entanto, durante mais de duas décadas depois que ele deixou a corporação ninguém, exceto alguns colegas também fuzileiros navais, soube qual era sua missão.

Atiradores de elite escreveram livros ou alguém escreveu livros sobre eles. Mawhinney sempre achou que a guerra eram para aspirantes a heroísmo ou para pessoas enfadonhas. Em casa, no Estado de Oregon, ele contou nem a seus amigos mais chegados sobre o que fizera no Vietnã. Mas uma brochura que contava tudo, sobre um amigo e também atirador de elite dos Fuzileiros Navais - Dear Mom: A Sniper's Vietnam (Cara Mamãe: O que um atirador de elite), de Joseph Ward -, finalmente o arrancou do silêncio.

Com o advento da era de mísseis que custam milhões de dólares e são guiados por computadores, a capacidade de um homem matar outro com uma bala de 20 centavos tornou-se muito apreciada no meio militar. Em meio à feia guerra, o atirador de elite era usado para molestar, intimidar e desmoralizar o inimigo, fazer com que ele recelesse em um campo aberto e negar-lhe a chance de repousar e reagrupar-se.

Mawhinney é agora muito procurado nos círculos militares para descrever técnicas,



o modo como vê o que fez com emboscadas. A princípio embaraçado e aborrecido por perder a privacidade, ele, com relutância, contar uma história fria sobre o ato de matar a serviço do país.

Quando eu tinha um Charlie (gíria para designar vietcongue) na minha mira telescópica, era minha obrigação matá-lo e ele me matasse", disse Mawhinney, agora com 51 anos e afastado de um trabalho burocrático no Serviço dos EUA. "Nunca olhei nos olhos deles, nunca parei para pensar se o sujeito tinha mulher e filhos."

Quando com frequência matava a uma distância de 300 a 800 metros, Mawhinney tem confirmadas mortes a mais de 100. "Era o supra-sumo da caçada: um homem caçando outro homem que o estava caçando", disse. "Não me lembro de caçar leões ou elefantes; eles não revidam com fuzis e miras telescópicas. Eu simplesmente adorava aquilo. Eu me sinto bem." Seus modos são francos, sua voz revela o consumo de cigarros durante anos. Ele bem podia estar falando de esportes ou de caçadas com amigos. Durante dois anos seguidos, ele tem sido o orador principal num encontro internacional sobre atiradores de elite, perto de Washington.

Mudou de idéia, ele que nunca quis repetir histórias sobre o Vietnã?

Ele decidiu que podia contribuir para mudar a imagem pública dos atiradores de elite, considerados assassinos frios. Mawhinney disse que um bom atirador de elite salva mais vidas do que destrói, pois reduz a força de fogo do inimigo ou sua capacidade de combate. Em segundo lugar, vir a público proporcionava a chance de dizer que poderia ajudar algum soldado a continuar vivo algum dia.

Ele tem sido convidado de honra em competições de atiradores de elite nos EUA, das quais participam militares e policiais de pelotões da polícia especial Swat. Ele viajou para a República Checa e se reuniu com soldados e policiais de táticas emergentes.

Ele já foi convidado a falar a atiradores de elite em treinamento no Camp Pendleton, dos Fuzileiros Navais e no Fort Carson, do Exército, no Colorado. "Transmiti-lhes as três regras de Chuck Mawhinney para se tornar um bom atirador de elite: treino, treino e mais treino", disse.

Atiradores militares dizem que essa tarefa talvez seja mais importante que nunca no ambiente pós-guerra fria de pequenos conflitos isolados. O Exército, o Corpo de Fuzileiros Navais e a Marinha ensinam técnicas do gênero: como usar a arma de fogo, camuflagem e tocaia, para pequenos grupos de soldados de elite.

Nas paredes da escola de atiradores de elite dos Fuzileiros Navais em Camp Pendleton há um provérbio chinês: "Mate um, aterrorize mil." Em outra, o retrato emoldurado de Mawhinney como atirador de elite adolescente no Vietnã, de cintura, em pose simulada de macho empunhando um fuzil com ferrolho, um Remington M700 fornecido pelo governo, que considerava "meu queridinho".

Para os jovens fuzileiros navais ver alguém como Chuck, que teve todas as qualidades impalpáveis para ser um atirador de elite: coração, fibra, força de vontade e disciplina", disse o sargento especialista em artilharia, William J. Smith, que dirige a escola de atiradores de elite, de 30 alunos.

Nos combates é travada com armas automáticas ou semi-automáticas capazes de espalhar balas de um modo que o Exército do Vietnã chamava eufemisticamente de "minutos loucos". Atiradores de elite geralmente dão um tiro de advertência usando armas com ferrolho que proporcionam maior precisão e distância do inimigo, mas os deixam vulneravelmente indefesos contra armas automáticas a curta distância. No Vietnã, o inimigo oferecia um prêmio pelos corpos de elite americanos. Mawhinney tinha uma arma na cintura com uma bala, que dispararia contra a têmpora na hora de ser capturado.

Quando se retraía diante de comparações, os números de Mawhinney situam-no no mesmo nível de famosos atiradores de elite: russos e alemães na Batalha de Stalingrado, britânicos e alemães nos combates de trincheiras na 1ª Guerra Mundial, fuzileiros navais e seus inimigos japoneses durante as campanhas em ilhas na 2ª Guerra.

Um "extremamente agressivo", contou o professor de artilharia, sargento Mark Limpic, chefe do esquadrão de treinamento de Mawhinney. "Ele era capaz de correr 800 metros, ficar totalmente de pé, disparar sem mais aquela e derrubar alguém a

os. Tive muitos sujeitos que nada faziam, só se queixavam de cólicas, mas Chuck nunca se queixava."

eu pai tivesse sido fuzileiro naval combatente na 2ª Guerra, Mawhinney planejava entrar para a Marinha depois de se formar em 1967 num colégio em Oregon. Mas o recrutador dos Fuzileiros Navais fez-lhe uma proposta a que ele não quis resistir: "Você pode adiar o treinamento até passar a temporada de caça ao veado."

o irônico, levando em conta o lugar para onde eu fui e o que fiz", disse Mawhinney. Ele havia aprendido a caçar quando era garoto, tudo o que rastejava ou voava merecia ser caçado." Exímio atirador no acampamento de elite, ele foi encaminhado à escola de atiradores de elite em Camp Pendleton. Ao se diplomar, recebeu um livrinho que era o manual completo de um atirador de elite. Dentro estava escrita uma só advertência: Tu Vais Matar.

rcou para o Vietnã durante os intensos combates que se seguiram à Ofensiva do Tet, no início de 1968. Tinha uma capacidade para medir distâncias, umidade, condições meteorológicas e terreno - fatores que determinam se a bala vai subir ou baixar durante sua trajetória. Ele tinha paciência para ficar horas à espera do tiro certo. Não se aborrecia, mas muito satisfeito. "Normalmente eu disparava e corria, mas, se eles estavam a grande distância, não me preocupava", contou Mawhinney. "Eu disparava e ficava ali deitado, esperando, esperando, e logo depois eles começavam a avançar para o corpo. Então eu disparava de novo."

ey acrescentou: "Quando a gente dispara, os sentidos se aceleram: olfato, ouvidos, tudo. A visão se alarga e a audição se afina e pode farejar coisas que não podia em outras ocasiões. Minhas normas sobre confronto eram simples: se eu não tinha uma arma, iam ser derrubados. Excetuando um pagador do Exército do Vietnã do Norte que acertei a 900 metros, todos os que matei tinham uma arma."

base An Hoa na periferia de Da Nang, ele surpreendeu um pelotão de soldados do Exército norte-vietnamita quando eles estavam fazendo um riacho. Acertou 16 na cabeça com um fuzil M-14, que às vezes levava além de seu fuzil com ferrolho. Os corpos foram relacionados apenas como mortes prováveis, pois nenhum oficial estava lá para ver seus corpos boiando e não houve chance de revistar os cadáveres.

erva profundo conhecimento de como as pessoas parecem no estertor da morte. "Às vezes, dependendo do ponto de mira e eram atingidos, eles só caíam e não se mexiam", contou Mawhinney. "Ninguém morre de um só jeito, e já vi muitos corpos. Dei muitos tiros de misericórdia. Eu feria pessoas e depois metia outra bala nelas. Não queria vê-las se contorcendo no chão."

a segurança da base de combates, Mawhinney e seu colega atirador de elite saíam todo dia para o mato. Às vezes iam à espreita do inimigo durante horas até chegar a uma distância em que podiam dar um ou mais tiros. Às vezes se instalavam em áreas por onde já sabiam que o inimigo ia logo passar e ali ficavam em silêncio e imóveis por horas. "A gente chega a um ponto em que começa a viver como animal", disse Mawhinney.

ava em matar."

as de atiradores de elite, um perito no gatilho fazia parceria com um novato, que carregava o binóculo e uma munição automática para fogo de cobertura. O atirador de elite decidia quando o novato estava pronto para matar pela primeira vez. Mawhinney treinou meia dúzia deles e procurava certificar-se de que era "um tiro seguro", um alvo fácil a uma distância segura. Disse que dava a todos a primeira lição recebida depois de ter matado o primeiro homem: "O primeiro tiro foi um homem que você matou; era um inimigo. Esta é nossa tarefa. A guerra tem tudo a ver com isto."

o era em nada um jogo. Quando um chefe de pelotão muito zeloso expôs um "placar de mortes" para os atiradores de elite, Mawhinney foi contra. "Aquilo começava a virar competição", disse. Depois, Mawhinney desiludiu-se com os resultados dos EUA no Vietnã. Ainda assim prorrogou duas vezes seu período de serviços para ajudar a manter vivos os soldados, fuzileiros navais. "Ficou evidente que estávamos andando em círculos e finalmente o ponto em que se percebeu: esqueçam o Vietnã do Sul. Estamos aqui para defender nossa pele."

s os fuzileiros navais gostavam dos atiradores de elite. Alguns odiavam-nos porque eles pareciam impregnados de guerra. Aquilo só agravou a implacável pressão exercida sobre Mawhinney. "Eu receava que ele sofresse um acidente", contou Limpic, chefe de esquadrão. "Alguns sujeitos voltavam quase em lágrimas. Chuck ria ao descrever suas experiências."

talvez ele estivesse tentando disfarçar seus sentimentos."

16 meses como atirador de elite, um capelão julgou que ele estivesse sofrendo de fadiga mental de combate. Os matadores estavam terminados. Designado para instrutor de tiro em Camp Pendleton, ele tinha pesadelos - quando voltara ao Vietnã, estava enfiado num buraco, incapaz de responder ao fogo usando seu fuzil com o tempo das balas inimigas choviam. "Eu conseguia sentir as balas me atingindo."

Depois de ter estado em combates, a vida num batalhão de treinamento, com sua ênfase na aparência e ordem, não lhe deu tempo de deixar a corporação e voltou ao rural Oregon, decidido a esquecer a guerra. Três dias depois de voltar, conseguiu emprego no Serviço Florestal e foi trabalhar com uma turma de conservação de estradas. Nunca falou do que aconteceu quando se acabaram os pesadelos.

Quando ele estava finalmente em casa, não como quando eu vinha do Vietnã de licença e sabia que precisava voltar ao inferno", contou. "Não sou um sujeito que olha para trás. O serviço no Vietnã era algo que eu precisava fazer para fazer tudo de modo impecável. Se você é atirador de elite, só existe um meio de fazê-lo se quiser continuar vivo."

Depois da desmobilização militar depois da Guerra do Vietnã, as altas patentes não conheciam os números de mortos. Acreditava-se na corporação que o maior número de mortes confirmadas fossem 93, pertencentes ao instrutor de artilharia Carlos Hathcock, figura lendária por sua perícia como atirador, sua bravura ao salvar sete pessoas de um veículo em chamas e sua iniciativa para estabelecer o treinamento de atirador de elite na corporação. Quando ele morreu em 1999 aos 57 anos, foi celebrado num livro de 1986 escrito por Charles Henderson. A obra tornou-se um livro de número de admiradores entre fuzileiros navais jovens. Afirma que o recorde de Hathcock, 93 mortes, "nunca foi batido".

Quando ele falou, sem falar com Mawhinney, mencionou-o de passagem em seu livro. Recorrendo à memória, Ward escreveu que Mawhinney tinha 101 mortes confirmadas. Os guardiões da lenda Hathcock reagiram negativamente. Um jornalista usou registros do Corpo de Fuzileiros Navais na tentativa de desmentir o número atribuído a Mawhinney. A pesquisa mostrou que os atiradores de elite precisavam fornecer relatórios de suas operações. Ficou provado que, no caso de Mawhinney, o número exato era 103.

A história circulou lentamente no fechado mundo de publicações militares e não chegou logo à classe trabalhadora à qual Mawhinney agora pertencia, na cidade do tempo da corrida do ouro, junto à fronteira Oregon-Idaho. Mas, sabendo que ela chegaria, Mawhinney reuniu alguns amigos certa noite e contou-lhes: "Há em mim certa coisa que eu não disse." Deixou que eles espalhassem a notícia.

Depois disso, durante meses Mawhinney e sua mulher, Robin, entravam num dos lugares que costumavam freqüentar - um restaurante, uma estalagem de bar ou uma escola para participar de uma reunião - e os amigos silenciavam, ficando com uma sensação de culpa, incomodados. "As pessoas ficaram assombradas", disse o empreiteiro Mark Spurlock. "Havia uma desconfortabilidade", disse Debbie Jorgensen, projetista gráfica e contabilista. "Chuck é tão discreto e amável que as pessoas não acreditavam que ele fosse capaz daquilo." Mawhinney pensou em mudar a família para as matas de Oregon. Mas depois seus amigos foram voltando e hoje a modesta casa da família enxameia de vizinhos.

Depois disso, atrás, Mawhinney retirou-se do Serviço Florestal. Ele havia chegado a um cargo administrativo, a supervisão de veículos. Sua mulher é secretária no programa especial de educação em Baker High e participa ativamente da Academia Especial para alunos deficientes. "É preciso lembrar que Chuck nunca procurou chamar essa atenção", disse Robin.

Depois disso, ocorreu." Para a família Mawhinney - a mulher e três filhos - viver é pescar no Rio Snake no verão, pescar nos lagos de montanha no inverno e caçar todo tipo de bicho.

A história mais vívida de Mawhinney é a do homem que escapou. Ele acabara de voltar da licença para a base de treinamento de seu regimento em An Hoa. O armeiro - um soldado encarregado da manutenção dos fuzis da unidade - descobriu que não permitira que ninguém fizesse ajustes no fuzil de Mawhinney em sua ausência.

ar a arma, Mawhinney e seu companheiro encarregado de localizar posições inimigas partiram em apoio a um o de infantaria. A partir de um esconderijo várias centenas de metros distante do local onde se previa um lawhinney tinha por tarefa derrubar homens desgarrados, reforços vietcongues ou soldados do Exército do Norte que viam na área um refúgio.

tros de distância, Mawhinney viu um homem que trajava pijamas de camponês andando à beira do canal de um observou melhor: o homem portava um fuzil à bandoleira. "Disparei um tiro e errei", contou Mawhinney.

a respeito de olhares - ele se voltou e olhou diretamente para mim, numa incredulidade total. Fiquei pensando: esse f.d.p ainda está vivo?' Ai percebi que o armeiro havia embananado minha mira telescópica, não havia O alvo começou a correr. atiradores de elite encaram isso como desafio. Eles têm um lema: não se preocupe , pois vai morrer de cansaço.

para a esquerda, para a direita, disparei mais para cima e mais para baixo, mas finalmente ele dobrou uma desapareceu", contou Mawhinney em tom de profundo pesar. "Não toquei nele. Nunca vou esquecer aquele ele me lançou. A respeito do Vietnã, é uma das poucas coisas que me incomodam. Não pude deixar de pensar o de pessoas que ele pode ter matado depois, quantos amigos meus, quantos fuzileiros. Ele se metera numa a e merecia morrer. Isso ainda me incomoda."

Forças israelenses

criação em 1948, as Forças de Defesa de Israel -FDI se mostrou um tipo diferente de Forças Armas. Com seu o reduzido, pequeno contingente, minúsculo território para defender e manobrar e cercado por inimigos s e infinitamente mais numerosos, as FDI tiveram que estabelecer suas próprias doutrinas e estratégia originais.

quência, a estratégia das FDI sempre primaram atacar primeiro em território inimigo, com precisão e e, infligindo ao inimigo o maior dano possível, chegando rapidamente ao conclusão de um conflito. Pois a população de Israel não pode suportar uma campanha de longo tempo. Neste tipo do ataque, a seleção dos n paciência, é de suma importância e a sua destruição completa imprescindível.

eira de pensar refletiu profundamente no papel do sniper israelense por muitos anos. Em Israel o sniper sempre omo uma peça de luxo e um profissional "fora do ninho" das IDF. Por isso a escola de snipers de Israel tem ama. É muito fácil passar e os testes físicos e mentais são pouco exigentes. Aceitam os piores das Forças as vezes para se recuperar de problemas ortopédicos. São recrutas bem jovens e não soldados experientes. ores nem gostam de mostrar a insígnia de sniper. Os militares israelenses também não estavam muito es da importância dos snipers.

pers das Forças de Operações Especiais israelenses são de ótima qualidade. Porém a pouco tempo atrás os em era considerado como membro da equipe e as emboscadas com snipers e designação de alvos, coisa m forças especiais, era pouco praticado. A exceção era a Shayet 13 influenciada fortemente pelos US Navy

se muito baixa nas habilidades pessoais da proficiência do sniper (camuflar, seleção do alvo, recolhimento da ia, etc.), fez com que o sniper israelense das forças especiais fosse um dos piores do mundo. A maioria deles acertar alvos a 600-700m, enquanto a maioria dos snipers ocidentais das forças de elite podem disparar bem até 1.000m. Hoje, esta realidade está mudando lentamente, mas levará alguns para que os snipers israelenses um nível apropriado.

ir essa lacuna, as FDI tem empregado snipers vindos das antigas republicas soviéticas. Segundo alguns dados da dois sniper israelense é imigrante. Em certos cursos da escola de tiro este número atinge 70%. "Estes têm um alto nível de conhecimentos de matemática e física", declara um oficial sênior, em campo. "Pessoas boa base educacional em matemática aprendem com facilidade a técnica de atirar à queima-roupa e atirar à Esta área não é compatível com a cultura dos distraídos". Aqui ninguém pode ser relaxado nem negligente. é a palavra-chave nesta área.

idades de elite os israelenses tem usado não conscritos imigrantes da Rússia, mas snipers experientes em muitos ex-spetsnaz que serviram inclusive no Afeganistão e na Chechenia. Certa vez quando o 51º Batalhão da Golani precisou entrar em Bint Jbeil, pela segunda vez depois de ter sofrido oito baixas, inclusive seu comandante, a duas semanas atrás, uma equipe desses snipers foi acionada para apoiá-lo. Era homens entre 35 e 40 anos, imigraram para Israel no início dos anos 1990 e no passado todos tinham tido experiência de combate. Eles já tinham sido usados também em Israel, especialmente na Faixa de Gaza. Os snipers foram postados em um dos pontos de fronteira com o Líbano ao lado dos combatentes da Golani. E auxiliaram excepcionalmente nas operações israelenses dando suporte ao avanço dos soldados e eliminando ameaças.

O Exército israelense emprega os seus snipers durante as suas incursões da seguinte forma: os snipers são posicionados nos altos dos prédios e dão cobertura para o avanço dos blindados. As vezes de usam mais de vinte snipers nas operações, dependendo do envergadura da incursão. Os snipers do Exército e das forças especiais israelenses não são usados para eliminarem terroristas tanto no Líbano, quanto em Gaza e Cisjordânia.

Uma curiosidade interessante das FDI é que elas usam mulheres como snipers como os russos também já usaram bastante. Uma soldadora de elite israelense que lutou nas guerras de 1967 e 1973 obteve 31 mortes confirmadas, neste dois

Afeganistão Russo - 1979-1989

Sniper da 103ª Divisão de Assalto Aéreo de Guardas em operação no Afeganistão de 1985, armado com um fuzil Dragunov SVD.

A guerra no Afeganistão pode ser considerada uma guerra dos snipers. Os soldados russos raramente viam o inimigo disparar e os guerrilheiros afegãos eram bons de mira. Um soldado cita que quando seu blindado foi atingido pela munição, quem saía do blindado era logo atingido. O blindado pegando fogo estava mais seguro que lá fora e só saía quando outros blindados chegaram para ajudar. Ao saírem notaram que o local próximo mais protegido seria se esconder um sniper estava a pelo menos 500 metros. A guerra no Afeganistão mostrou a fragilidade do treinamento dos snipers russos a nível de batalhão e logo foi criada escolas a nível de Corpo de Exército.

No Afeganistão os atiradores do MUJAHADEEN, com seus fuzis LEE-ENFIELD, mataram soldados soviéticos em média entre 400 e 800 metros de alcance. No decorrer do combate os soviéticos descobriram que seu fuzil KALASHNIKOV era relativamente inofensivo a partir de 300 metros. Para contrapor a isso, os soviéticos formaram esquadrões de Snipers com fuzis e armadas com o Fuzil 7,62 SND SNIPER RIFLE.

Falklands/Malvinas - 1982

A Guerra das Falklands/Malvinas tinha bons campos de tiro e boa cobertura sendo um paraíso para os snipers. Os argentinos usaram o fuzil K98K de fabricação local e a M-14 com luneta AN/PVS-2 além de outras armas. A maioria dos snipers usava um fuzil FAL com luneta. Muitos estavam equipados com a mira noturna PVS-4 de segunda geração, bem melhor que os Starlight usados pelos britânicos.

Os britânicos usavam o fuzil Enfield L42 que emperrava com frequência e a luneta ficava embaçada. Logo começaram a sair do zilhão e pegar fuzis FAL argentinos que eram adequados contra alvos a até 600 metros e os equipavam com mira noturna. Os britânicos treinaram tiro nos navios enquanto iam para as Falklands/Malvinas.

O uso dos snipers foi novamente mostrado quando um único sniper argentino conseguiu parar uma Companhia de Infantaria por quatro horas. Em Goose Green, os snipers britânicos atiravam nas gretas dos bunkers a 700 metros e os argentinos não se rendiam. Era bem mais barato que o uso de mísseis Milan que também foi usado na tarefa. Já as tropas britânicas tinham que dar muita supressão concentrada para poder avançar.

de 1982 em Falklands (Malvinas), o 3º Btl do Regimento Pára-quedista britânico atacou o Mte Longdon. O difícil associado ao inimigo bem entrincheirado tornou o movimento lento e perigoso. Os Snipers do 7º RI mantinham os britânicos ocupados com o fogo preciso e acurado durante o dia e à noite (com uso de visor). Em um ponto do ataque uma Cia britânica inteira ficou detida por horas face a um único Sniper argentino.

O argentino conseguiu abater treze militares ingleses antes de ser apanhado. Sua camuflagem era perfeita, e ele apenas em suboficiais e operadores de rádio. Foi descoberto por acaso, quando um soldado inglês, olhando para o ponto onde ele estava, viu a fumaça de um disparo. Rendeu-se, foi capturado vivo e considerado um prisioneiro de guerra.

Curioso para os britânicos sempre foi a identidade dos snipers empregados pelo Exército argentino, identidade elusiva em mistérios. Apesar da Argentina não ter nenhum programa de treinamento de atiradores de elite dentro das forças armadas, e mesmo as suas forças especiais tinham um limitado acesso a rifles apropriados para esta situação, em sua maioria rifles do tipo FN/FAL, alguns de seus atiradores demonstraram excepcional qualidade e precisão. O M1070 com miras ópticas de tipos não especificados foram encontrados após encerrados os combates.

Os veteranos britânicos desta campanha acreditam que os estes atiradores eram mercenários americanos de origem latina com experiência no Vietnã. Em Goose Green dois deles foram capturados com seus rifles e eles não falavam espanhol, falavam inglês com sotaque norte-americano. Alguns militares britânicos os levaram embora e não os viram mais.

Granada - 1983

Em outubro de 1983 em Granada durante a Operação "URGENT FURY", comandos do 75º RI estavam na base do campo de pouso de Point Salinas. Uma equipe de Snipers foi furtivamente posicionada para engajar uma unidade de morteiros.

O fogo preciso da equipe matou e causou baixas em 18 (dezoito) integrantes da seção. Interrogatório feito com os cubanos depois da ação, revelou que os fogos acurados dos Snipers, foram os responsáveis diretos pela vitória e seu poder de combate.

3ª Parte

Chechênia - 1992...

No conflito da Chechênia os russos tiveram que reaprender as táticas de sniper na cidade e testaram armas e táticas novas. As batalhas em Grozny lembravam Stalingrado onde podia-se perceber facilmente a importância dos snipers. O problema é que os snipers russos eram treinados para atuar como parte de um ataque de armas combinadas avançando rapidamente contra forças se defendendo, atuando como DM. Não estavam preparados para caçar snipers em ruínas ou preparar emboscadas por dias seguidos. Cada pelotão tinha um DM armado com um SVD e que era protegido pelo pelotão.

No início da guerra na Chechênia em 1992 havia na Rússia os snipers da reserva das unidades de snipers da RVGK em pequena quantidade e os snipers como parte das unidades que eram DM. As equipes do FSB e MVD eram mais treinadas para ações tipo polícia e eram ruins para caçar snipers ou atuar em campo ou guerra urbana.

Depois da Segunda Guerra Mundial os russos continuaram enfatizando as táticas de supressão, usando até as AK-47/74 para supressão, e com os snipers/DM batendo alvos a longa distância. Até 1984, os snipers/DM russos eram treinados a nível de Regimento por um oficial escolhendo alguns recrutas de melhor desempenho. Eram retreinados a cada dois meses por alguns dias. Esta doutrina criava bons DM que cobriam setor de 200 x 1000m.

Já os chechênos conheciam bem o terreno e tinham muitas armas de snipers. Bastavam alguns poucos snipers chechênos para conseguir parar unidades russas inteiras nas cidades. Atuavam como sniper sozinho ou como parte de uma equipe de quatro armados com PKM e RPG-7. Estes times eram muito efetivos para caçar blindados. Enquanto os snipers com SVD pegavam tropas de apoio os soldados com RPG engajavam os blindados. Grupos de 4-5 times atuavam contra um único blindado. Nas montanhas os snipers chechênos engajavam a longa distância junto com a equipe de apoio. A equipe de apoio ficava mais distante. O sniper disparava alguns tiros e mudava de posição. Se os russos respondiam ao fogo a equipe atirava para atrair o fogo e deixar o sniper fugir.

Em 1999 foi criada uma escola de sniper. Testaram várias combinações de equipes de 2-3 tropas com vários tipos de armas como PKM, RPG-7, SVD e fuzil AK. Vários destacamentos atuavam juntos para apoio múltiplo. Logo voltaram a usar snipers da reserva RVGK. Atuavam em dupla com apoio de uma equipe de cinco tropas. Os russos voltaram a invadir a Chechênia em 1999, mas com equipes de caça e ataque com dois a três snipers junto com uma equipe de segurança com pelo menos cinco tropas. Não eram só DM e estavam preparados para entrar em posição de dia e atuar a noite.

Na Segunda Guerra Mundial a dupla ficava na mesma posição de tiro, mas na Chechênia ficavam separados podendo ver um ao outro. Criavam pontos de emboscadas 200-300 metros do local. O grupo de apoio ficava a cerca de 200m atrás e 500m para o lado, em uma posição camuflada, por uma ou duas noites e depois retornavam a base.

Os snipers não tinham intenção de se render e por isso, além do fuzil de sniper, levavam um fuzil AK-74 ou pistola, além do óculos NVG, flares, granadas e as vezes um rádio. Se a equipe de apoio falhar, o flare vermelho era usado para chamar a artilharia para a posição. As vezes o grupo chegava a 16 tropas no total. Os russos não atuam com dupla observador/sniper. Geralmente opera com um a três atiradores. Os periscópios tinham sido retirados de uso e voltou a operar na Chechênia para observação.

Os alvos prioritários eram os snipers chechênos e os operadores de lança-chamas RPO (na verdade um lança-rojão com munição termobárica). A seguir estavam os operadores de PKM e RPG-7.

Snipers russos operando na Chechênia. Notem a escolta de fuzileiros.

Um sniper russo atuando na Chechênia. No conflito da Chechênia o Exército russo estava sem treino há 2 anos e as unidades estavam incompletas. Reuniram unidades sem treino com as pouco treinadas em unidades mistas.

O SV-98 é o novo fuzil dos sniper russos. O modelo acima está equipado com um supressor de som.

Em 1990 foi iniciada a substituição do SVD com o SV-98 a ferrolho derivado do fuzil Record 1 de competição. Foi instalado um sistema anti-mirage depois da experiência no deserto e foi adotado no ocidente. Os russos iniciaram o uso de fuzil pesado calibre 12,7mm em 1999 para bater alvos a até 2km. Outra munição foi a de 9mm e .22 silenciosa. Ao invés de desenvolver uma arma para todos os terrenos e alcances, criaram armas para cada terreno e situação. A maioria tem silenciador. Todos fuzis de sniper russos são projetados com a opção de usar a mira de ferro para tiro rápido a curta distância (snap shot) ao contrario do ocidente. Sempre levam armas automáticas para combate aproximado.

Equipe de snipers russos. Depois do conflito na Chechênia os russos testaram várias combinações para as equipes de snipers. A equipe acima está equipado com um fuzil SVD, um fuzil AK com sensor térmico e supressor de som e um ajudante com uma metralhadora PKM.

Somália 1993

Durante combates na ruas de Mogadiscio, Somália, para resgatar as tripulações de helicópteros abatidos, episódio muito bem retratado no filme *Falcão Negro em Perigo*, os snipers da Força Delta o sargento mestre Gary Gordon e o primeiro sargento Randy Shughart foram abatidos, mas não antes de eliminarem cerca de fueron abatidos en acción inimigos. Ambos receberam postumamente a Medalha de Honra do Congresso por suas ações para ajudar no resgate da tripulação do segundo Black Hawk abatido.

Iraque - 2003...

Nos dois primeiros anos de conflito no Iraque em 2003 os snipers americanos conseguiram muitos kills. Depois menos de um por mês. Os alvos "fáceis" foram todo mortos e os sobreviventes se adaptaram. O inimigo sabe o que americanos podem fazer e passaram a tomar mais cuidado com a presença de tropas próximas. Também passaram a considerar as regras de engajamento e uma diz que um sniper só atiram em inimigos armados. Assim não levam armas até precisarem usar.

Com o inimigo vestido de roupas civis, as tropas americanas passaram a levar kit policial RIFF. Se colocam nas mãos e roupas o kit fica azul em contato com pólvora o que denuncia quem usou armas recentemente. Os guerrilheiros iraquianos também usam humanos como proteção frequentemente. As vezes os civis são pagos ou simplesmente aterrorizados. Os civis são compensados se indicam os esconderijo dos sniper o que virou a maior atividade das crianças. Mesmo assim o uso dos snipers mostrou ser eficiente. Poucos podem manter vários quilômetros de estrada livre de bombas ou deixar a guerrilha longe de certos locais.

Um fuzil M40A-1 do USMC foi encontrado em um carro atacado em Habbaniyah. O fuzil tinha sido capturado em uma emboscada em Ramadi dois anos antes em 2004. Outra equipe de seis snipers dos USMC foi emboscada em Haditha e levou o serviço a repensar o emprego dos snipers. Agora operam em grandes grupos.

O US Army levou três sniper para treinar tropas americanas em Bagdá. Realizam cursos de quatro semanas ao invés de cinco. O curso no local é bom para já aclimatar com o deserto. Os tiros são feitos em alvos com fotos dos mais procurados e já treinavam inteligência. Também preparavam os alunos para chamar artilharia.

No Iraque os snipers americanos protegiam as instalações de petróleo com helicópteros UH-60 com capacidade de disparar com fuzil M-24 ou M-107 dando grande mobilidade. Esta técnica já tinha sido usada no Vietnã. A aeronave em alerta decola em 30 minutos em resposta rápida ou cobre uma área bem grande em patrulha de rotina.

Os snipers são geralmente usados para apoiar patrulhas avançando. Usavam seus óticos para procurar locais suspeitos de ter explosivos IED.

Uma dupla de sniper americanos no Iraque. Os fuzis estão camuflados e um está usando um periscópio com visão de 360° para observar os arredores. Estão equipados com binóculos, rádios, telêmetros e um está com um fuzil automático M14. Os americanos colocaram dúzias de duplas de sniper no topo dos prédios em Bagdá para atirar em qualquer um armado ou atacando tropas. Com superioridade aérea tiveram domínio fácil dos topos dos prédios.

SAS em ação no Iraque - Operação Marlborough

Uma operação antiterrorista do tipo "atirar para matar" foi executado por uma unidade do SAS britânico em julho de 2005 no Iraque, em Bagdá. Três terroristas foram abatidos simultaneamente por snipers do SAS armados com rifles especiais para este tipo de operação. Cada terrorista vestia um traje recheado de explosivos que deveriam ser detonados em cafés e restaurantes freqüentados por membros das forças de segurança iraquianas.

Um grupo de 16 homens do SAS britânico, foi acionado a partir de informações que foram consideradas "de alta qualidade" e que vieram de um agente iraquiano que operava infiltrado por ordem do Serviço Secreto Britânico (MI6). Pela manhã, pouco antes que o tráfego começasse a encher as ruas de Bagdá, o grupo do SAS ocupou posições de emboscada, pré-determinadas em torno de certa casa nos subúrbios da cidade..

Os britânicos haviam sido informados que a casa era usada como base para insurgentes - e que vários homens-bomba deveriam sair cedo para cumprir suas missões. Vestidos em trajes recheados de explosivos, estavam bem equipados para atingir um bom numero de locais pela cidade. Seus alvos preferenciais eram cafés e restaurantes freqüentados por membros das forças de segurança iraquianas.

A expectativa entre os membros da TFB (Task Force Black) baseados na capital iraquiana era grande. Cada membro da unidade era um veterano de muitas missões, e sabiam que este tipo de informação prometia sempre muito - e afinal dava em nada.

O plano da Operação Marlborough era simples: permitir que os três suspeitos saíssem da casa, para abatê-los simultaneamente com certos disparos na cabeça. Foi enfatizado aos soldados que os três deveriam ser abatidos simultaneamente, pois se qualquer deles conseguisse detonar os explosivos que trazia, dezenas de pessoas inocentes seriam mortas. Os soldados, durante o briefing anterior, haviam discutido a alternativa de entrarem na casa e abaterem os terroristas lá dentro, porém o plano foi descartado por ser muito perigoso. As paredes da casa iriam intensificar qualquer explosão e os resultados poderiam ser terríveis.

Cada grupo foi dividido em quatro equipes de quatro homens e estavam equipados com rifles sniper L 115A, calibre.338, capazes de matar a 800 metros com eficiência.

Em apoio aos snipers havia uma Força de Reação Rápida (QRF), que deveria prover uma dúzia extra de soldados em caso de emergência. Estava posicionada próximo ao local, junto com uma equipe de especialistas em neutralizar explosivos. Um grupo da policia Iraquiana também havia se juntado à operação - embora não tivessem sido informados dos detalhes. Também havia, a 2.000 pés, acima da cidade de cinco milhões de habitantes, uma aeronave sem piloto Predator, controlada pela CIA, que monitorava toda a operação, e transmitia em tempo real imagens de vídeo para o QG da TFB, na segura área verde de Bagdá.

Pouco após as 08:00hs os operadores árabes que monitoravam as comunicações, a partir de escutas plantadas dentro da casa, informaram que os terroristas preparavam-se para sair. O QG da TFB foi notificado e a ordem dada: "Preparem-se, preparem-se"...

Assim que os três terroristas estavam na rua, uma chuva de balas caiu sobre eles, e os três tombaram na calçada. Cada terrorista havia sido certamente abatido por um único disparo na testa. O aviso de que os três estavam mortos foi passado rapidamente, enquanto os soldados iraquianos avançavam para proteger a área. Ao aproximarem-se, os homens do SAS comprovaram que realmente os projéteis de .338 eram mais do que suficientes para a missão. A Operação Marlborough foi um sucesso total e uma das raras ocasiões em que as forças da Coalizão conseguiram causar danos importantes aos grupos de homens-bomba.

Detalhes da operação com o código "Marlborough" permaneceram secretos até o momento - principalmente devido ter sido realizada na mesma semana, que uma unidade da Metropolitan Police, em Londres, matou Jean Charles de Menezes, brasileiro de 27 anos, erroneamente tomado como um homem bomba.



Sniper Marine em ação no Iraque atinge alvo a 1.614m

O Sarg. Steve Reichert, um sniper de 25 anos do QG do 2º Batalhão, 2º Regimento de Marines, recebeu uma das mais altas condecorações do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (US Marine Corps), a Estrela de Bronze, com "V" por Valor em combate, por sua atuação, no dia 9 de Abril de 2004. Naquela data, ele e seu observador subiram em um enorme e abandonado tanque de óleo na cidade de Lutafiyah, Iraque. Sua tarefa era considerada "rotina", pois era a de prover cobertura a distancia para seu pelotão, que se movimentava na pequena cidade, durante um evento local, a Peregrinação de Arbacen, o que gerava muita movimentação de civis, e poderia ocasionar algum enfrentamento com guerrilheiros. Mas a missão de rotina iria tornar-se um épico nos anais dos Marines.

O topo do tanque de óleo era uma posição bastante exposta, embora ele e seu colega tivessem posto algumas chapas de aço e sacos de areia em volta, para pelo menos diminuir o risco.

Enquanto a patrulha movia-se pela cidade, Reichert observou um cão morto no caminho por onde ela deveria passar. Lembrou-se então de seu treinamento em táticas inimigas de emprego de explosivos em objetos aparentemente inocentes, (boobytraps), e chamou pelo radio o chefe do pelotão para avisá-lo. Recebeu a resposta de que o animal morto já havia sido notado e eles tinham a mesma suspeita, pois haviam detectado a presença de dois arames que saíam da carcaça.

Mas, apesar dos cuidados tomados, a missão de rotina tornou-se uma situação extremamente perigosa. Um foguete RPG foi disparado contra o pelotão, ao mesmo tempo em que fogo de metralhadora e armas leves os imobilizavam. Os Marines não conseguiam responder ao fogo pois não localizavam o metralhador, que estava escondido no topo de um prédio próximo, então pediram ajuda a Reichert, no alto do tanque de óleo. Ele disparou seu fuzil Barnett .50, mas errou. Ajustou a pontaria, compensando o vento cruzado, e um puxão de gatilho depois, a metralhadora calava. Depois da ação, o líder de pelotão fez uma declaração espantosa: afirmou que Reichert atingiu seu alvo, a uma distancia de 1.614 metros. Sua precisão de tiro foi o fator determinante no resultado do combate.

Momentos depois, um grupo de insurgentes começou a subir uma escada atrás do prédio onde estava o metralhador abatido. Reichert apontou para o muro de tijolos atrás do qual eles se protegiam e disparou. Todos os três homens caíram. O pesado projétil calibre .50 AP (antiblindagem) atravessou os tijolos, e matou um dos homens, ferindo os outros dois com estilhaços de tijolos e chumbo.

Juba - O Sniper

Um relato famoso de sniper no Iraque pós-Saddam é o de Juba, o franco-atirador, o atirador de Bagdá (جوبا) ou "Juba the Sniper". Páginas da web de grupos Islâmicos, histórias em quadrinhos, vídeos e canções têm nos últimos anos exaltado os feitos de "Qannas Baghdad," o sniper insurgente a quem são creditados inúmeros sucessos — muitos falam em centenas — de soldados americanos e iraquianos mortos nos quarteirões da capital do Iraque.

Muito acreditam que não existe um Juba, mas sim um grupo de Jubas em ação no Iraque. E a que a idéia de um "único" sniper é resultado do medo e tensão por parte dos soldados americanos, assim como da propaganda inimiga, que procura solapar a moral dos soldados.

Este sniper, que opera sobretudo na área da grande Bagdá - já é considerado um dos maiores franco-atiradores de todos os tempos, no mesmo nível de lendas como o russo Vassili Vaitsev, herói da batalha de Stalingrado e que serviu de inspiração para o filme "Círculo de Fogo" ou o fuzileiro norte-americano Carlos Hatchcock, que matou comprovadamente nada menos que 93 soldados inimigos no Vietnã. Segue os passos de outro legendário atirador iraquiano que atuava logo após a ocupação do país - o Caçador - sendo que ambos são aficcionados de uma versão do mortífero rifle russo Dragunov, talvez a melhor arma já desenvolvida para uso de franco-atiradores, capaz de perfurar até os capacetes de kevlar dos soldados ocidentais.

O fuzil russo Dragunov (SVD = Semipolarnya Vintovka Dragunova ou Fuzil semi-automático Dragunov), é um fuzil semi-automático, com luneta, carregador de 20 tiros, munição 7,62X54R mm. O SVD foi uma resposta a um requerimento de 1958 para um novo fuzil semi-automático para substituir o Mosin-Nagant, mas com mesmo calibre. A mira PSO-1 tem zoom fixo de 4x sendo adequada até mil metros, mas é boa mesmo até 350m. Quando introduzido o ocidente pensou que os russos dariam um fuzil de sniper para todo infante pois o fuzil tinha uma baioneta. Com o SVD é difícil de acertar um alvo a mais de 500m, pois flutua muito, mas é possível até 800m com munição especial. É usado mais pelos DM. O fuzil SVD mostrou ser ruim para counter-sniper no Afeganistão. Os russos logo passaram a desenvolver o SVDS com cano mais curto e coronha rebatível. O SVD também mostrou que não tinha a mesma rusticidade dos fuzis AK e precisava de um operador mais bem treinado.

Fuzil Dragunov ou Snaiperskaya Vintovka Dragunova ou simplesmente SVD é uma arma de alta precisão geralmente utilizada por atiradores de elite. Sua fabricação prevê o uso de mira telescópica com as mais variadas tecnologias disponíveis como: sensor infravermelho ou calor, mira laser para confirmação de alvo.

Era uma arma importante para os atiradores de elite do antigo "Bloco Comunista". Sendo, hoje em dia fabricado principalmente na Rússia e China e exportado para dezenas de países. Projetado por E. F. Dragunov, utiliza o sistema semi-automático e munição 7,62 x 54R (a mesma do antigo fuzil Mosin-Nagant). Pesa cerca de 4,80 kg municiado e tem 1,22 m de comprimento. Seu sistema de disparo é semelhante ao da série AK. No bloco ocidental existem fuzis de desempenho superior como o PSG1 e fuzis customizados para forças especiais ou policiais. Porém, o Fuzil Dragunov ainda possui a melhor relação custo-benefício entre os fuzis de atiradores.

Juba sempre que possível opera a curta distância quando surge a oportunidade, prescindindo então do alcance de mais de 1 quilômetro dos projéteis disparados pelo Dragunov. Mesmo não sabendo se é um único atirador ou uma equipe, o que se sabe é que o seu modus operandi é situar-se em algum local oculto, a cerca de 200 m de suas vítimas, efetuar um disparo e retirar-se imediatamente. Os relatos da imprensa indicam que nunca efetua um segundo disparo e costuma deixar como marca registrada no local do disparo o cartucho vazio e uma mensagem em árabe. Por vezes, atua em conjunto com um cinegrafista também oculto. Esses vídeos são editados logo após, com direito a trilha musical com canções patrióticas e militares em árabe, e se tornam a coqueluche de vendas nos bazares de Bagdá. Os vídeos também podem ser facilmente encontrados e baixados pela Internet por qualquer pessoa, e não dão a menor margem a desmentidos do Pentágono sobre a eficácia dos ataques de franco-atiradores rebeldes. Para evitar que o mito Juba se espalhe, são raros os veículos de comunicação do ocidente que divulgam as ações de Juba. A exceção foi o The Guardian, que publicou uma matéria sobre Juba em 5 de agosto de 2005.

Em um vídeo Juba aparece dentro de um carro, usando o kefyiah vermelho típico dos beduínos sunitas e exibindo um fuzil Tabuk - produzido no país sob licença iugoslava - equipado com mira telescópica. O alcance da arma gira entre 500 e 600 metros. Juba explica

como vem matando sistematicamente. E o faz, por mais incrível que possa parecer, ensinado pelos próprios americanos. Seu manual é um livro escrito por um general americano das Forças Especiais - "Ultimate Sniper", de 1993, Major John L. Plaster, atualizado e relançado este ano com o subtítulo "para a atual guerra ao terror". Considerada a Bíblia do gênero, a obra está à venda em qualquer livraria. Oficialmente, os comando dos EUA só reconhece três baixas provocadas pela ação dos atiradores em Bagdá, depois de julho deste ano. "Filmar as operações é importante porque cenas com soldados sendo atingidos causam mais impacto no inimigo que qualquer outra arma", afirma o sniper. Tem toda razão. A Internet eliminou o controle sobre informações que sustentou a blindagem de campanhas impopulares como a do Vietnã. Sendo verdadeiros ou uma obra de propaganda, no caso do Iraque, os vídeos de Juba (há mais vídeos) se transformaram na mais real e eficiente arma contra o apoio interno nos EUA à guerra.

O sucesso extraordinário de Juba comprova, mais uma vez que o papel dos franco-atiradores nas guerras contemporâneas, as chamadas "guerras de quarta geração" é absolutamente essencial, e que possuem um lugar privilegiado assegurado nas guerras do futuro.

O Alto Comando das tropas de ocupação tem enviado equipes de elite de franco-atiradores - e os franco-atiradores do exército e dos fuzileiros navais americanos têm a reputação de serem uns dos melhores e mais bem treinados do mundo - para caçar Juba e seus colegas, mas até agora o resultado tem sido apenas um: mais vitórias do mito iraquiano, entre elas uma espetacular: uma equipe de quatro franco-atiradores de alto nível dos EUA mortos de um em seguida ao outro em Ramadi - todos com tiros na cabeça.

Para caçar um franco-atirador, batalhões inteiros e as mais modernas aeronaves são inúteis - é preciso outro da mesma espécie. Os duelos de franco-atiradores são um jogo onde quem perde paga com a vida, e constituem o teste supremo de resistência física e mental - podem durar dias, semanas ou até meses, e o mais leve movimento irá denunciar a sua posição para o oponente - o que significa xeque-mate na realidade crua desses caçadores de troféus humanos.

São quatro os requisitos essenciais para se tornar um bom franco-atirador: paciência, sangue-frio, olhar aguçado e mãos firmes. Com essas características, uma pessoa comum pode começar a ser trabalhada através de um treinamento especializado para se tornar a mais eficiente e temível máquina de matar da guerra moderna. Um franco-atirador de elite é capaz de ficar horas imóvel, sem mexer um só músculo, sob sol ou chuva, comido por formigas e urinando nas próprias calças. É capaz de calcular rapidamente o efeito da velocidade e da direção do vento no projétil disparado, e conhecer sua arma tão intimamente a ponto de se tornar uma extensão de seu próprio braço.

Embora os franco-atiradores venham sendo empregados sistematicamente pelo menos desde a Primeira Guerra Mundial, só a partir da Guerra do Vietnã seu potencial destrutivo foi finalmente compreendido e sua posição de destaque foi consolidada nos melhores exércitos do mundo. Porém, foram as guerras de secessão na Iugoslávia que se tornaram um verdadeiro laboratório de ensaio para a teoria e prática da guerra com franco-atiradores. Durante o cerco de Sarajevo, a sua implacável eficácia, que não poupava militares, civis ou mesmo animais, foi celebrizada pelos jornais do mundo inteiro. E na guerra de guerrilhas, o franco-atirador derrubou vários mitos, a começar pela crença de que o único terreno adequado para sustentar uma campanha guerrilheira bem-sucedida é a selva, e que portanto no desértico Iraque a resistência seria inútil e suicida.

Afeganistão

Durante combates no Afeganistão em 2002 o Corporal canadense Rob Furlong obteve o recorde de morte confirmada mais longa da história, excedendo a de Carlos Hathcock no Vietnã de 2.286 m. Ele abateu. Ema equipe de armas composta por três homens da Al-Qaeda estava se movendo entre suas posições de defesa numa montanha afegã do vale de Shah-i-Kot, quando Furlong atirou e matou um deles que levava uma metralhadora RPK de uma distância exatamente medida de 2.430 metros. O primeiro tiro dele perdeu-se completamente, e o segundo tiro acertou a mochila do inimigo. O terceiro tiro golpeou o torso

do objetivo. A arma usada foi um rifle Long Range Sniper Weapon (LRSW), um calibre .50 da McMillan Brothers TAC-50. A TAC-50 de Furlong estava equipada com uma luneta Leopold com zoom de 16x e munição AMAX Match .50.

Os canadenses estavam participando da Operação Anaconda no avanço pelo vale Shah-i-Kot onde apoiavam a 101ª Divisão Aerotransportada americana quando as tropas americanas passaram a ser alvo de snipers, metralhadoras e morteiros do Talibã/Al-Qaeda. Os snipers canadenses engajaram a distâncias na maioria entre 780-1.500km.

Ao lado vemos snipers canadenses em operação nas montanhas do Afeganistão. Em cada um dos nove batalhões de infantaria ativos há um grupo de snipers constituído de dois atiradores e seu auxiliar.

A equipe ao lado de três operadores está armada com um fuzil calibre 7,62mm, um fuzil de longo alcance calibre TAC-50 calibre 12,7mm. O líder da equipe (o primeiro a esquerda) está armado com um rifle C3A1 Parke. O segurança da equipe está armado com um fuzil Diemaco C7A1 (versão canadense do M-16) com lançador de granada M203A1 e visor óptico Elcan C79.

O MacMillan TAC-50 Tactical Anti-Materiel Sniper Rifle System foi comprada pelo Canadá para armar seus snipers e depois por vários países europeus.



Este snipers canadenses se movem com muito cuidado entras as rochas de um montanha afegã. Eles usam trajes ghillie, que provêem camuflagem excelente, e quando parados os snipers se misturam perfeitamente com o ambiente. Esse homens estão seguindo rastros deixados por homens do Taliban, buscando objetivos de oportunidade. O homem da frente está armado com um fuzil Diemaco SFW com lançador de granada M203, o homem atrás dele está armado com um rifle tático pesado McMillan calibre .50

Hoje

A importância dos snipers hoje em dia pode ser comprovada com as novas mudanças no US Army após as experiências nos conflitos recentes e combate ao terror. Atualmente são três equipes nas Companhias de comando e uma equipe em cada Companhia de infantaria. A Brigada BCT do US Army vai ter 48 vagas para sniper contra 18 das brigadas de assalto aéreo e pára-quedistas, mas serão usado mais como DM e não como sniper verdadeiros. Os Rangers aumentaram o número de snipers por batalhão de 14 para 40.

Uma dupla de scout-sniper do USMC no Iraque. Estão armados com o fuzil SR25 que agora foi escolhido oficialmente para equipar todas as forças armadas americanas. O US Army e Reino Unido empregam o sniper atachado a unidade e não como parte, dando mais liberdade aos movimentos. Outros países como França, Israel e Rússia empregam seus snipers como parte da unidade. Os Scout Sniper do USMC agora são parte do pelotão de Surveillance Target and Acquisiton. Também são empregados em pequenos times atachados ao batalhao de infantaria passando a ter proteção. As tropas convencionais EUA usam sniper em duplas, com apoio mútuo, com rádios de linha de visada em missões de curta duração. As SOF usam equipes de dois a quatro snipers, podem ter apoio externo, rádios de longo alcance e missões de longa duração.

No US Army, as funções do sniper apoiando comandantes são:

- coleta de informação de combate em tempo real
- reconhecimento
- apoio de fogo
- tiro de precisão
- eliminação de ameaça
- proteção de força
- coordenação rápida
- aumenta da área de influencia
- diminuição do risco colateral

Existem três tipos de sniper: militar, policial e propósitos especiais. O sniper militar já pode ser separado no sniper propriamente dito e o DM (Designated Marksman) para apoio de fogo preciso para tropas de infantaria.

Alguns exércitos escolhem os melhores atiradores que são distribuídos ao nível de pelotão ou grupo de combate com armas equipadas com lunetas. No US Army são chamados de Designated Marksman (DM). Um DM não tem todas as habilidades do snipers e apenas batem alvos mais distantes funcionando como apoio de fogo.

Os russo sempre deram muita importância aos DM. Um DM é distribuído para cada pelotão como função semelhante ao do US Army. Acompanham a tropa ou patrulha e a maioria não é treinada como um sniper profissional.

Snipers no Brasil

Em 1988, o Estado-Maior do Exército (EME) despertou para o problema de falta de uma doutrina de uso de sniper no EB.

Caçador era a denominação dos soldados de infantaria e cavalaria ligeiras, os primeiros chamados Caçadores a Pé e os outros Caçadores a Cavalo. Formavam linhas à frente ou aos lados tanto para atrapalhar as tropas inimigas como para proteger as suas próprias tropas.

No EB a designação para sniper é caçador. As unidades do Exército Brasileiro que ainda levam essa designação, são Batalhões de Infantaria Leve, que apenas permanecerão com seus antigos nomes.

O uso militar do nome caçador surgiu a partir de finais do séc. XVII quando a infantaria dos exércitos europeus, começou a incluir subunidades armadas com armas mais ligeiras e de maior precisão (sobretudo carabinas), que cobriam os flancos das tropas de linha (mosqueteiros e, posteriormente, fuzileiros) alvejando as forças inimigas com tiros de precisão. Ao contrário da infantaria de linha, que atuava em ordem unida e fazia descargas conjuntas de fuzilaria, a infantaria ligeira atuava em ordem dispersa e efetuava tiro individual de precisão. Em alguns países, entre os quais Portugal, essas tropas começaram a ser conhecidas por Caçadores, dado que a sua atuação era semelhante à atividade de caça. Mais tarde, já no séc. XIX começou também a ser dada a designação de Caçadores a Cavalo, às tropas de cavalaria ligeira usadas na função de exploração e reconhecimento. Brasil

Doutrina

Diante do valor do sniper o EB iniciou os estudos para equipar os batalhões de infantaria com equipes de caçadores. Desde 2006, o desenvolvimento da doutrina é feita pela Brigada de Operações Especiais. A doutrina já cita que o pelotão de Comando da Companhia de Comando e Apoio dos Batalhões de Infantaria tenha duas equipes de Caçadores e este número pode ser ampliado.

O EB testou varias armas estrangeiras como o M-24, M-21, Sig Sauer SSG 3000, PGM Mini-Hecate, PSG-1 e MSG90 adquiridos em pequenas quantidade. Parece que o escolhido foi o IMBEL Fz .308 AGCL calibre .308. com mira Bushnell Elite 3200 e reticulo MilDot. O AGLC foi desenvolvido segundo as especificações do EB e que foi o que se saiu melhor quando avaliado contra fuzis de sniper de fabricação estrangeira, principalmente no ambiente da Selva Amazônica, onde os snipers seriam mais empregados. No EB, os caçadores utilizam-se de uma luneta com capacidade de telemetria de fabricação israelense. O observador leva um fuzil FAP, com a luneta-telêmetro acoplada, para apoio de fogo.

A doutrina do EB cita como alvos principais:

- oficiais e comandantes de todos os níveis
- guias e rastreadores e seus cães
- atiradores de armas coletivas e pessoal de comunicações
- chefes e motoristas de blindados
- pilotos de helicópteros, pousados ou pairado
- observadores avançados
- snipers/caçadores inimigos

Fz .308 AGLC -PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

O fuzil .308 IMBEL AGLC é um fuzil de precisão baseado na ação Mauser. Com um cano flutuante tipo match, em calibre .308 (7,62 x 51mm), forjado a frio e adaptado para o tiro com luneta, foi desenvolvido para atender as necessidades das Forças Armadas e Policiais.

Munição (mm)	.308 WIN
Capacidade	5 cartuchos
Comprimento (m)	1,20
Comprimento do cano	609 mm
Passo (pol)	10 ou 12

Peso (g)	4700
Precisão	< 1 MOA

O Brasil também conta com snipers em suas unidades de elite como os Fuzileiros Navais, Grumec e o Grupo Especial da Polícia da Aeronáutica entre outros. As policias civil, militar e federal brasileiras também contam com atiradores de elite em seus quadros.

Até a criação do GATE (Grupo de Ações Táticas Especiais), em São Paulo, em agosto de 1988 o emprego de atiradores de precisão pela forças policiais era realizado de forma tímida. A partir de 1994, o GATE passou a se constituir como uma equipe própria, independente da equipe tática de assalto.



Um sniper do EB em operação no Haiti com um FAL equipado com luneta. O FAL não é bom para sniper por ter cobertura móvel onde é adicionada a luneta.



Dupla de caçadores do EB.



Os snipers da FAB usam o fuzil SIG 551 5,56mm com mira ACOG nos seus BINFA. Outra arma usada é o fuzil de precisão PSG-1.



Snipers dos GRUMEC armados com um fuzil Parker-Hhale M85 calibre 7,62mm com luneta alemã Schmidt & Bender 6x42. Para tiro noturno pode ser usado a luneta com intensificador de imagem SU-88/TVS-5.

Os snipers do COMANF usam o mesmo equipamento.

As forças policiais e os snipers

A primeira metade dos anos 70 veio à tona o terrorismo internacional, que defendia ideologias políticas as mais variadas. Incidentes registraram-se na Europa e EUA, que atônitos viram que suas forças policiais eram despreparadas para este tipo de crime. Num esforço para tentar dotar a polícia de meios eficazes, em LOS ANGELES, EUA, criou-se uma unidade que deu origem à sigla mundialmente conhecida como SWAT, ou SPECIAL WEAPONS AND TACTICS (armas e táticas especiais), que além de dar resultados satisfatórios, criou doutrina em terras norte-americanas. Esta unidade basicamente era constituída por duas equipes, os atiradores com armas curtas(Assault Team, ou time de assalto) e os atiradores de fuzil (Sniper Team, ou equipe de snipers). Para doutrina e treinamento do Sniper Team, como não havia referências na polícia, buscou-se profissionais do Exército norte-americano. Apenas como curiosidade, citamos o fato de que anteriormente quando era necessário a intervenção de um bom atirador de fuzil, procurava-se o melhor caçador da cidade, que após breve compromisso, " executava a tarefa", sendo dispensado logo após! Durante este período, a incumbência de combater este terrorismo na Europa, ficou por conta de forças conjuntas entre polícia e exércitos dos países atingidos, o que possibilitou o intercâmbio e treinamento qualificados para os policiais que iniciavam-se como snipers, como o policial austríaco ao lado. Atualmente, face à experiência adquirida deste os primórdios desta nobre tarefa, forças policiais das mais diversas partes do mundo utilizam-se de atiradores de fuzil para aquelas missões em que o risco envolvido é muito grande e não pode haver erros!

4ª Parte

A missão

A missão do atirador de elite militar é dupla. Em primeiro lugar, ele coloca o inimigo sob considerável tensão psicológica, que abate o seu moral, influenciando nas decisões e ações inimigas. Operar numa área em que haja atiradores de elite significa ter de pensar cuidadosamente antes de fazer qualquer movimento o que reduz a velocidade dos deslocamentos. De uma hora para outra, alguém poderá tombar com um tiro, então, a tensão ficará ainda maior. O atirador de elite acima de tudo, não desperdiça seu tempo e sua habilidade em alvos sem valor. É um observador bem preparado para determinar o alvo mais importante. A ação do aumentar a área de ação das primeiras linhas da infantaria em território inimigo. Equipado com armas mais potentes e de maior alcance, ele tem condições de atingir o inimigo, aumentando o raio de ação e de poder de fogo de sua unidade aumentando assim os meios para destruição e molestatamento do inimigo.

A segunda missão dos atirador de elite é a coleta de inteligência no campo de batalha. Um sniper bem treinado é de grande valor para um comandante no campo de batalha. O sucesso de um sniper não está apenas na quantidade de soldados abatidos, mas também nas informações que obtêm e no medo que submete ao inimigo.

Um sniper pode ser de grande utilidade em operações militares contra fortificações ou em ambiente urbano onde existe uma grande concentração de civis e o uso de armas automáticas pode gerar um grande número de baixas entre os não-combatentes.

Os snipers são usados em todos os níveis de conflito. Isto inclui ofensiva convencional e combate defensivo, como também patrulhas de reconhecimento de longo alcance, emboscadas e operações countersniper, e apoio a operações de retirada.

Técnicas e Táticas

As táticas dos snipers não nasceram prontas, mas foram criadas com o desenrolar dos conflitos, assim como suas armas e equipamentos. Os snipers recebem treinamento sobre camuflagem, ocultação, caça e observação, além de tiro em varias condições. Disparam centenas de tiros em varias semanas enquanto aprendem outras habilidades.

A principal defesa é a camuflagem e ocultação. O sniper limita seus movimentos para evitar detecção. Toma cuidado com a luneta pois pode refletir a luz ambiente. Geralmente evita expor a luneta ou tampa a maior parte.

Os snipers reais treinam muito as técnicas de camuflagem, pois deve atirar sem ser notado. Dependem dela para sobreviver. A técnica de camuflagem principal é criar vestimentas chamadas de "Gillie Suit" que são colocadas em cima do uniforme.

O uniforme de baixo convém ser de infante normal para não ser descoberto. Os snipers são mortos na hora se capturados. Os snipers podem usar qualquer uniforme e não são obrigados a fazer tarefas diárias como outros soldados além de poderem ir onde quiserem. O tratamento diferenciado os torna mal vistos pelas outras tropas.

Foram os "Lovat Scouts" britânicos que introduziram a roupa "Gillie Suit". Eram caçadores escoceses que formaram uma unidade em 1900 com 200 escoceses das terras altas. Eram muito bons em camuflagem, stalking e reconhecimento. Ajudaram na formação dos snipers britânicos na Primeira e Segunda Guerra Mundial. Foram a primeira contramedida britânica contra os snipers alemães na Primeira Guerra. O lema dos Lovats Scouts era "quem atira e foge, vive para atirar outro dia (He who shoots and runs away, lives to shoot another day).

A roupa "ghille", vem do escocês para "garoto". Em inglês é o assistentes de caçadores ou

pescadores em expedições. A roupa é feita pelo próprio sniper conforme o local que opera e não comprada pronta. É feita com rede ou roupa com tiras de roupas ou tecido enrugado, parecendo folhas e galhos, lembrando um matagal, fácil de fundir com o fundo vegetal. Vegetação local é adicionada. É um processo demorado e demora mais ainda se for necessário uma maior qualidade. O sniper deve estar preparado para adaptar seu ghillie em minutos. O problema é que esta roupa são pesadas e quentes, podendo chegar a 50 graus centígrados. São fáceis de pegar fogo e por isso são tratadas com retardante de fogo.

A proteção térmica passou a ser importante com o emprego de sensores térmicos pelo inimigo que pode detectar facilmente um sniper. Placas de plástico e mantas térmicas podem ser usadas pelo sniper e equipamentos e devem ser camufladas.

A função da roupa "gillie suit" é quebrar o contorno da figura humana e a vegetação adicional é que camufla. A forma, sombra, brilho e silhueta podem denunciar a posição do sniper.

A eficiência do sniper está mais relacionada com o atraso dos movimentos inimigos e não número de mortes. O soldado comum sabe que pode ser atingido, mas pensa "não vai acontecer comigo". A presença do sniper muda esta concepção e piora com os amigos sendo mortos por snipers. O efeito se multiplica quando os snipers agem na retaguarda onde as tropas pensam estar seguros. Os recrutas se escondem e não obedecem ordens. Um sniper alemão na Segunda Guerra cita que disparava de longe, sem chances de acertar, mais para mostrar para os russos que não estavam seguros.

A aproximação do alvo, ou técnicas de progressão, é chamado "stalk" no USMC. Para ser bom em stalk o sniper precisa de muita paciência e coragem. Arrasta em zig-zag na grama para dificultar a visualização do próprio rastro. O nascer e por do sol faz os óticos da luneta brilhar e cada hora trás vantagem e desvantagens em um combate de snipers. A tática anti-barulho é levar o mínimo de equipamento possível. Bom mesmo é só o fuzil, munição e vestimenta. Qualquer barulho pode ser mortal. Na guerra civil espanhola e colocados junto com metralhadoras para mascarar os tiros. No frio o vapor eliminado na respiração pode ser fatal.

As técnicas de progressão no terreno são importantes, pois o sniper deve chegar ao local do alvo e mudar de posição. Os afegãos cancelaram a superioridade numérica e qualitativa russa com conhecimento do terreno. Era onde caçavam e viviam. Contra os EUA não foi possível, pois estavam atuando junto com outros afegãos e a superioridade técnica era muito acima da russa.

Os sniper deve entrar em posição sem ser detectado, movendo-se com paciência, devagar e sem fazer barulho. O olho humano sempre é atraído pelo movimento. Por exemplo, em uma missão no Vietnã, na fronteira com o Laos, o sniper dos USMC Carlos Hathcock cobriu 2km de terreno com grama em quatro dias sem se alimentar e beber água direito. A área estava coberta de patrulhas e foi até pisado na perna por um vietcong. Abateu um general vietcong a 800m e teve que fugir dos vietcongs que os procuravam.

Na escolha da posição devem considerar onde alvo vai aparecer no terreno. Devem pensar na resposta para cada situação. Podem atirar, chamar artilharia, ou ataque aéreo. São ensinados a ter disciplina e fogo controlado, e não apenas esconder e atirar em tudo que move.

Um sniper deve ter muita paciência e resistência física, pois pode ficar dias dormente até disparar. Não sai atirando a esmo. Seletividade é a qualidade daquele capaz de selecionar bem seu alvo. Como exemplo, veja-se o caso do seqüestro de um ônibus escolar no Djibouti, por forças terroristas. O GIGN francês postou seus snipers em volta do veículo parado numa estrada no deserto, e cada um deles recebeu a missão de neutralizar um dos quatro terroristas que mantinham as crianças imobilizadas dentro do veículo. Porém só poderiam atirar quando "todos" tivessem o campo livre ao mesmo tempo. Depois de quase dez horas de paciência, eles obtiveram luz verde e, com certeiros disparos, abateram todos os

terroristas ao mesmo tempo, liberando as crianças do cativeiro.

Uma tática é nunca atirar mais de uma vez do mesmo lugar e se expor o mínimo possível. Bom mesmo é tiro rápido tipo "snap shot" que precisa de muito treino. Para caçar snipers inimigos podem usar a tática de disparar fuzil com corda de longe para chamar fogo dos snipers inimigos ou dispara de posição falsa e volta para a posição real. Um pano molhado pode ser colocado debaixo da arma para evitar levantar poeira e não é aconselhável atirar de dentro de folhagem por defletir o tiro e denunciar a posição. Observar animais é importante para sobreviver, pois avisam se tem alguém perto. O alcance é item para aumentar a sobrevivência. O tiro deve estar longe para não receber fogo de retorno, mas próximo para atirar com precisão.

Na observação das tropas inimigas o mais importante é saber quem é o oficial. Na Segunda Guerra Mundial os snipers alemães reconheciam os oficiais britânicos pelo bigode que só eles usavam. Os oficiais americanos e britânicos usavam o mesmo uniforme das tropas comuns e passaram a ter aparência e comportamento de recrutas. Escondiam mapas, binóculos, divisas e armas diferenciadas como as pistolas. Na Guerra da Coreia os oficiais eram abatidos por usarem óculos ray-ban. As tropas americanas modernas podem ser identificados por detalhes como o apontador laser na arma. Não usam metralhadoras e nem carregam lança-rojões. Sem detalhes para diferenciar, o sniper deve ser capaz de notar quem está dando ordens.

Os conceitos de escolha de posição são relativamente simples. Deve prepara para mudar de posição logo que sente que vai ser descoberto. Não se deve escolher locais óbvios e já planejar a rota de fuga antecipadamente. Torres e andares de prédios mais altos são exemplos de locais óbvios. São os primeiro alvos do inimigo. O inimigo pode chamar artilharia e armas pesadas contra locais suspeitos. Partes altas dos prédios são as primeiras a serem atingidas por artilharia e a infantaria também não usa pelo mesmo motivo. As posições são as menos esperadas. Os snipers inimigos saberiam onde procurar facilmente.

Uma casa qualquer com telhado destruído é mais segura. Usando uma casa sozinha o sniper pode ser descoberto e cercado. Uma posição camuflada próxima dá menos problemas. Veículos danificados são bons para esconder, mas tem que mudar de posição frequentemente.

Plantações são bons locais, pois não tem características específicas para o inimigo observar e são bons para mudar de posição. Em cima da árvore é o pior lugar, pois geralmente são pegos. Os japoneses na guerra do Pacífico escondiam nas árvores e a maioria morria, mas mesmo assim causavam muitas baixas nos EUA. As matas usadas como cercas são boas para facilitar a mudança de posição rapidamente.

Os cruzamentos devem ser evitados e são alvos de artilharia por serem pontos de cruzamento de veículos sendo frequentemente bombardeados só por isso. São fáceis de localizar no mapa e o inimigo pode atirar a esmo tentando destruir o tráfego que deve estar passando e até engarrafado no local. Uma posição próxima pode ser ideal. As tropas tendem a parar nestes pontos e esperar ordens. Próximo a pontes é bom para causar baixas e atrasar o avanço inimigo.



A tática de expor um pedaço de roupa com forma humana para chamar atenção inimigo é da Primeira Guerra Mundial. Era muito efetiva contra snipers. No Aden, um sniper britânico detectava terroristas simplesmente chamando a atenção deles. Se aproximavam, mostravam armas e logo eram mortos. Na Guerra Civil americana os snipers levantavam o chapéu para chamar o tiro inimigo enquanto outro respondia ao fogo.



Existem várias posições de tiro de sniper. O sniper acima está sentado e o fuzil está sem

luneta. Na Chechênia os sniper russos passaram a usar o bipé da metralhadora PKM nos seus fuzis SVD por tornar o tiro mais estável. Mesmo assim treinam para realizar o tiro em todas as situações.

Outra técnica usada pelos snipers é a de não matar, e sim apenas ferir um inimigo, o que leva outros a tentarem resgatá-lo, elevando o número de alvos em potencial. O cinema nos mostra bem isto, como no filme "Nascido para Matar", que mostra uma sniper vietcong ferindo um soldado americano, e usando-o como isca para atrair seus companheiros, ou o filme "Resgate do Soldado Ryan", onde ocorre a mesma situação.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os alemães foram também os primeiros a utilizarem pares de snipers, onde enquanto um dispara, o outro serve de observador e guarda-costas. A experiência mostra que é melhor atuarem aos pares em uma equipe de sniper e observador tendo maior capacidade de sobrevivência e eficiência. Em posição fixa as duplas de snipers fazem vigilância e reconhecimento em turnos de 20 minutos. O observador (ou spotter) usa arma mais leve e granadas. Também tem a missão de evitar times anti-sniper inimigos e observar e corrigir o tiro do sniper. No USMC são chamados de equipe Scout-Snipers. Os sniper móveis são mais agressivos e cobrem uma área maior. Agem atrás da retaguarda inimiga, atacando alvos móveis e suas linhas de suprimento.

Os snipers podem operar como parte de uma patrulha, dirigindo artilharia e para se proteger. Isto anula uma das desvantagens de operar sozinho ou aos pares, estando sempre superado em número. Os snipers podem usar um grupo de combate para apoiar sua retirada.

Seu emprego nas operações ofensivas permite participar em ataque improvisado, ataque organizado, ataque frontal (atirando contra alvos preparados, casamatas, flanco exposto), ataque envolvente, participar de patrulhas atirando contra alvos distantes. Em uma incursão a função do sniper pode ser a observação de pontos de evasão e escape, vigiar rota de emprego, realizar tiro de longo alcance e toda a operação. Em operações defensivas pode realizar proteção de retaguarda.

Uma tática de emprego comum dos snipers na Segunda Guerra Mundial era penetrar as linhas inimigas a noite e se posicionar em um colina próximo a uma estrada. Os snipers dividiam a área entre equipes ou observador e sniper. Atiravam principalmente nos oficiais. Evitaram atirar mais de duas vezes para não denunciar a posição. Os comboios avançavam na estrada e eram atingidos depois por mais sniper cobrindo outro setor. Já na guerra civil espanhola os snipers eram usados para atralhar a linha de suprimentos inimigas.

Uma tática muito eficiente é a emboscada de triangulação. Nesta tática são usados três snipers ou três equipes de snipers. Após escolher o terreno, cada sniper/equipe, fica em um extremo do triângulo no terreno escolhido. A distancia da zona de morte varia de 300 a 600m. Com o inimigo na zona de tiro uma equipe abre fogo. Se for localizada a segunda equipe abre fogo e primeira equipe abandona a posição. Se a segunda equipe for detectada a terceira repete o processo. Esta tática cria muita confusão no inimigo sobre o local dos disparos e quantidade de snipers.

Em uma emboscada anti-carro, a função do sniper é ajudar a atralhar as tropas de escoltas e forçar o comandante do blindado a ficar dentro do veículo e assim com menos visão ao redor. Na Segunda Guerra Mundial, a área em torno da cúpula dos comandantes de blindados eram muito marcadas por tiros. Eram o alvo principal da infantaria e dos snipers.

O sniper mostrou sua importância tática ao parar tropas em número muito superior, na ofensiva ou defensiva, por bom um bom tempo. Isso foi provado em várias ocasiões como nas batalhas pela posse da capital da Chechênia, Grozny, onde muitas vezes, um simples sniper chechêno, e muitos eram mulheres, detinha forças russas por dias, fazendo com que o avanço geral fosse interrompido.

A guerra psicologia faz parte das táticas dos snipers, no sentido de desmoralizar as tropas inimigas. Durante a Revolução Cubana, os snipers dos guerrilheiros do Movimento 26 de julho sempre atiravam nas tropas da frente em um grupo de soldados Batistas. Assim,

ninguém queria ir na frente considerando suicídio. Resultou na falta de interesse em realizar buscas nas bases rebeldes nas montanhas. Outra opção é atingir o segundo no comando, levando ao efeito psicológico de não querer seguir o líder.

A frase "um disparo, uma morte" é outro efeito psicológico da mística dos snipers. A frase incorpora a tática e filosofia da furtividade e eficiência dos snipers: um único tiro evita disparo desnecessário, todo disparo é certo.

Recentemente no Iraque surgiu a lenda de um sniper iraquiano chamado Juba que vem aterrorizando os americanos. Este sniper tem uma página na Internet onde mostra os vídeos que grava com uma câmera instalada no seu fuzil SVD. As imagens mostram claramente soldados americanos sendo atingidos, principalmente na cabeça. Juba tem a seu crédito pelo menos 37 kills, mas pode chegar a 150. Os americanos citam que são vários snipers e não um só e que já foi capturado. Juba atua em um veículo com um buraco de onde realiza os disparos, raramente mais de um.

O sniper é uma ótima arma para guerra assimétrica com um lado em franca desvantagem. A estratégia do mais fraco pode usar poucos indivíduos e recursos para retardar o movimento ou outros avanços de uma força muito maior. O sniper atua como arma de terror, sendo mais efetivo que ataques maiores. Na Irlanda do Norte, os snipers eram iscas com uma posição óbvia para as patrulhas britânicas que eram levadas para uma emboscada ao tentar se aproximar.

Em combate em localidade (terreno urbanizado) algumas táticas são recomendadas. Um sniper deve atirar do fundo do cômodo, com uma plataforma elevada se atira para baixo. O objetivo é dificultar a detecção. Deve preparar a cobertura contra tiros inimigos de retorno. Deve evitar os últimos andares, que mais sofrem com artilharia. As aberturas nas paredes oferecem bons campos de tiros, mas o sniper deve proteger as laterais das aberturas onde executar os tiros. Os restos de vidro devem ser retirados para não denunciar a posição durante o disparo caso quebrem. As rotas de fuga devem ser preparadas com antecedência. O uso de armadilhas e minas tipo claymore devem ser usadas para proteger as rotas de fuga ou possíveis locais onde o inimigo possa tomar a posição. Deve aproveitar material local para ajudar a esconder a posição como cortinas, telas e móveis. É aconselhável evitar locais muito abertos e fáceis de serem localizados. Quanto mais elevado o andar onde atira, maior o ângulo morto e vice-versa. O ideal é executar fogo oblíquo ao objetivo que será mais difícil de detectar. É aconselhável ter muitas posições de tiro e evitar as melhores por serem muito evidentes. O tiro deve ser certo devido à distância curta e provável reação. Um inimigo ferido pode ser melhor que a morte por retardar a ação do inimigo.

As operações em terreno montanhoso têm a vantagem de proporcionar grandes campos de observação e tiro. Por outro lado os grandes desníveis e ventos constantes e irregulares dificultam a balística, mas atiram para baixo e com menor densidade de ar o que já é uma vantagem. Outra desvantagem é a dificuldade de se movimentar com equipamento pesado em terreno irregular. É um terreno ideal para emprego de armas pesadas de sniper. De uma posição elevada, várias equipes de sniper podem restringir facilmente a movimentação do inimigo pelo fogo de longa distância com economia de forças. Podem proteger vias de aproximação importantes, assim como as comunicações e obstáculos naturais e artificiais (rios, pontes etc).

Um sniper do Vietnã do Norte criou uma tática bem simples para sobreviver durante o cerco de Khe Sanh, na guerra do Vietnã. A base dos Marines estava cercada por forças do Vietnã do Norte, e é lógico, haviam snipers norte-vietnamitas ao redor. Após dias de busca usando binóculos, os Marines localizaram um sniper inimigo que já havia abatido vários dos seus. Trouxeram uma peça de canhão sem recuo de 106 mm e eliminaram a ameaça. Dia seguinte, um novo sniper estava no mesmo local. Novas baixas entre os norte-americanos, nova busca minuciosa, localização e eliminação. Dias depois, um terceiro sniper vietnamita apareceu. Os Marines, que já haviam iniciado a busca deste novo inimigo, notaram que, ao contrário dos outros, este não acertava ninguém. Limitava-se a disparar seguidamente, porém sem causar baixas. Um sargento Marine, veterano de muitas campanhas, formulou a seguinte hipótese: este novo sniper havia sido mandado por seu comando para continuar o

trabalho dos outros e, eventualmente sofrer o mesmo destino dos outros. Acontece que ele não estava disposto a sofrer o mesmo destino de seus companheiros e, deduziu-se, acertadamente, que se atirasse para satisfazer seus comandantes, porém não acertando ninguém, os americanos o deixariam em paz. E foi o que ocorreu. Durante o restante do cerco, ele seguiu atirando, e errando, e os americanos não revidaram com o temido canhão de 106 mm.



Um sniper policial em um helicóptero. O helicóptero permite que os snipers tenham muita mobilidade. Esta tática vem sendo usada desde o Vietnã.



Dois snipers seguem o rastro de guerrilheiros em uma trilha no Afeganistão. As técnicas de rastreamento são ensinadas aos snipers.



Uma dupla de snipers dos Seals da US Navy. A dupla está armada com fuzil M-40 de ferrolho, um Mk12 semi-automático com silenciador e uma M-4. Sua arma principal ainda é o rádio por satélite com laptop que pode ser usado para chamar artilharia e apoio aéreo aproximado. Durante a invasão do Iraque em 2003 os EUA usou cerca de 1.000 operadores das forças de operações especiais para controlar o norte do país e evitar que os três Corpos de Exército na região fossem deslocados para o sul. Foram ajudados por cerca de 10.000 guerrilheiros curdos que conheciam. As equipes se comunicavam com um centro de comando com rádio de satélite que passava as informações para as aeronaves táticas (TACAIR) da posição dos controladores aéreos. A comunicação com as TACAIR era por rádio de curto alcance. As equipes usavam lasers para indicar alvos para as aeronaves. A maioria das equipes era formada por duplas de snipers, armados também com fuzil pesado, e se movimentavam com motos que era ideal para a região. Operavam a partir de uma base maior escondida que apoiava várias duplas. O treino de sniper era útil para se esconder e para realizar reconhecimento e vigilância, além de dar uma boa capacidade de defesa contra tropas em número superior.

Táticas Anti-Sniper

Quando o inimigo está usando snipers a prioridade é matá-los. Neste caso a melhor arma são outros snipers. Enviar infantaria só aumenta as baixas. A atividade de caçar sniper inimigos virou rotina na Primeira Guerra Mundial. No Vietnã os americanos usavam canhões, lança-rojões, artilharia, metralhadora e até apoio aéreo contra posições inimigas.

A guerra de sniper levou a evolução de varias táticas anti-sniper. O objetivo é diminuir os danos causados pelos sinper que podem ser muito prejudiciais em termos de capacidade de combate e baixar o moral da tropa. Para diminuir o risco de danos que o sniper causa na cadeia de comando, doutrina e equipamento é necessário prevenir comportamentos e sinais

de "liderança". As insígnias precisam ser escondidas, com uniforme idêntico para todas os postos, sem luxos na linha de frente, com ordens de comandos sendo dados discretamente. Ato como olhar mapa, mostrar autoridade, abstenção de tarefas comuns e outras linguagens corporais podem denunciar o posto de oficial. As tropas não prestam continência para oficiais no campo e os oficiais procuram cobertura antes de se revelar como bons candidatos para os sniper antes de ler mapas e usar o rádio. Meios valorosos devem ser estacionados em locais protegidos, evitando ataques "anti-material". É uma tática efetiva em qualquer circunstância, visto que previne danos de fragmentos.

Quando um ataque de sniper acontece, a tarefa mais difícil é determinar a localização do sniper. Devido ao fato do sniper usar camuflagem, escolher posição de tiro cuidadosamente e sempre atacar a longa distância, sempre é possível que ele ataque e se retire sem ser detectado. Estar consciente dos métodos que os snipers usam para se ocultar faz parte do processo de detecção dos sniper, como a maioria dos objetos que geralmente não são percebidos podem funcionar como ninho de sniper. Estes objetivos incluem carros estacionados com buraco por onde podem atirar, com o motorista atuando como sniper. Pilhas de escombros não são geralmente suspeitos e devem ser considerados.

Um sniper amigo costuma ser a maior ferramenta anti-sniper. Com pouco treino, conhecimento das imediações e equipamento, um sniper pode oferecer conselhos a um pelotão, melhorando a capacidade de busca, e meios de combater o sniper diretamente. Quando dito o que observar, o pelotão pode agir como ouvido e olhos adicionais do sniper. Além de acompanhar o pelotão, o sniper pode atuar de forma autônoma. Sem ajuda do grupo de combate, um sniper mais habilidoso irá vencer. De qualquer forma, o duelo de sniper irá distrair o sniper inimigo de sua missão.

A observação direta é o meio mais preciso de se localizar um sniper, mas é um luxo raro quando se encara um sniper bem treinado. Vários outros métodos podem ser usados:

- Câmera térmica. O melhor meio de detecção de sniper atualmente são as câmeras térmica. Funciona a noite e com neblina e só é imune a trajes especiais.

- Azimute reversa. Se um projétil de sniper entra em um objeto fixo, inserindo uma barra no buraco se consegue determinar a direção e arco do projétil além de estimar a distância e elevação. Esta técnica é arriscada sem cobertura e sempre corre o risco de entrar no campo de visão do sniper.

- Triangulação. É uma técnica onde duas ou mais localizações podem identificar a posição do sniper na hora que atira. Em um mapa, cada um coloca a posição onde estava e indica a direção do tiro. As direções irão se cruzar na posição aproximada do sniper. Pode ser feito visualmente com munição traçante que irão se cruzar na posição aproximada do sniper.

- Atraso de som ("crack-bang"). Um projétil supersônico produz uma onda de choque supersônica quando passa. Se a velocidade do projétil inimigo for conhecida, o alcance pode ser estimado mediando o atraso entre a passagem do projétil e o som do tiro, comparando com uma tabela. Este método é efetivo em distâncias até 450 metros. Além disso o atraso aumenta, mas a uma razão muito pequena para um humano distinguir.

- Engodo. Quanto mais tiros disparados, maior a chance de se localizar ou observar o sniper. Engodos ajudam a aumentar este número de disparos sem perdas humanas e pode incluir equipamento de valor como mostrar o capacete. Sinais provocativos podem funcionar se o sniper estiver descuidado, agressivo ou não sabe da presença de outras tropas na área. Um sniper bem treinado realiza o mínimo possível de disparos, sendo paciente e disciplinado para evitar isso. O finlandês Kylma-Kalle usou esta técnica contra os russos. Usava um manequim vestido de oficial. Os snipers soviéticos não resistiam a tentação de um tiro fácil. Após determinar a direção do tiro, o finlandês usava um fuzil pesado Lahti L-39 para eliminar o sniper russo. Outra tática boa é colocar trapos em arbustos, ou coisas similares em áreas de perigo. Os trapos balançando na brisa criam movimentos randômicos no canto dos olhos dos snipers, criando distrações. É fácil de usar, mas não evita que o sniper selecione alvos, e ainda pode dar informação sobre o vento próximo do alvo.

- Detetores. O primeiro sistema de detecção de sniper, chamado "Boomerang" foi desenvolvido pelo DERA britânico e consegue determinar o tipo de projétil, trajetória e ponto de disparo de um local de disparo desconhecido. O sistema usa microfones para detectar o disparo e a onda sônica do projétil. O sensor detecta, classifica, localiza e mostra o resultado em um mapa. O sistema fica montado em um veículo. Os EUA tem o projeto RedOwl, com laser e sensores acústicos.

- Cachorros (K9 - ki-nine, ou canine). Cachorros são bons para detectar, alertar e perseguir snipers a noite. Os cachorros iniciaram a caça aos snipers com sucesso no Vietnã. Podem determinar facilmente a direção do sniper pelo som do projétil. Os cachorros deitam com a cabeça apontada para a direção do sniper.



Foto da antena do Bumerang na traseira de um HUMVEE. Cerca de 700 sistemas foram deslocados para o Afeganistão e Iraque. O painel que indica a direção fica na cabine. Os sistemas de detecção de sniper acústicos e radar portáteis se tornaram operacionais.

Detetores de som agora são capazes de determinar caminho de tiro e colocar dado em mapa em milissegundos. Se levados por blindados com mira automática pode inserir dados e responder ao tiro imediatamente sem chances de fugir ou chamar artilharia para saturar área. Os sistemas podem ser usados por equipes anti-sniper e funciona bem em ambiente urbano.

Uma vez que a posição do sniper foi encontrada existem as seguintes opções de ação:

- **Reconhecimento pelo fogo.** Se são poucas as posições onde o sniper pode estar, o grupo de combate pode concentra o fogo nestas posições e observar sinais de sucesso. Em uma situação com muita opção de proteção, um sniper amigo pode disparar uma munição traçante no local para concentrar fogo do pelotão no local.

- **Minuto louco (Mad Minute).** Se existem muitas posições para ser coberto pelo "reconhecimento pelo fogo", cada posição inimiga possível é atacada por um ou mais soldados, após receber sinal e atirar, com todos os membros do pelotão disparando simultaneamente um certo numero de tiros. O método é efetivo e tem valor secundário de aumentar o moral das tropas.

- **Artilharia.** Se a posição geral do sniper pode ser determinada por outros meios, a área

pode ser bombardeada por morteiros ou artilharia. Talvez até pelo ar se for um grande problema.

- **Cortina de fumaça.** Em áreas urbanas e outros ambientes com poucas opções de movimentação e campos de visão, a fumaça pode ser um meio efetivo de esconder o movimento das tropas. A cortina de fumaça pode ser criada para mudar de posição ou fugir, ou se aproximar e eliminar o sniper. Soldados comuns ainda podem causar danos através da fumaça atirando aleatoriamente ou por intuição, mas o sniper perde sua vantagem da precisão e é menos provável que atinja algo com sua baixa razão de tiro.

- **Correr.** Táticas de fogo e movimento pode funcionar contra sniper, mas o bom mesmo é correr e se esconder. O maior erro dos alvos é deitar e congelar. São pegos um após o outro. Se o grupo de combate está paralisado por tiro de sniper e sofrendo baixas, a ordem deve ser dada para tomar a posição do sniper. Se o sniper estiver longe, a ordem é correr para uma posição abrigada. O grupo irá sofrer baixas, mas com muitos alvos móveis e com baixa razão de tiro, as perdas são geralmente pequenas comparadas com a opção de manter posição e ser pego lentamente.

- **Movimento em pinça.** Se a posição do sniper for conhecida mas sem opção de retaliação direta, um par de grupo de combate pode se mover ocultamente, preferencialmente com cobertura, e direcionar o sniper para o grupo com os alvos. Isto diminui as chances do sniper encontrar uma rota de escape rápida e oculta.

- **Armas adequadas.** Contra a posição suspeita do sniper pode se usar artilharia ou morteiro. Cortina de fumaça, minas são outras armas que devem estar sempre disponíveis. Armadilhas em posições suspeitas podem ser colocadas caso a tropa esteja estacionada. Até armadilhas falsas podem ajudar a atrair a movimentação de snipers. Sem minas para fazer armadilhas, pode ser usado granadas, fumaça e até flares. Não mata mas releva a posição. Armadilhas devem ser colocadas próximos a bons locais de tiro de sniper e rotas prováveis. Para isso é bom ter um sniper para conhecer táticas prováveis do inimigo. As equipes do SAS britânico que operaram em Oman na década de 1970 começaram a atacar snipers com o canhão sem recuo Carl Gustav de 84mm. Pesando 16kg ele disparava uma granada de 2,6kg a até 1000m com precisão. Era efetivo contra alvos bem protegidos. Os Russos usaram seus RPG no Afeganistão na mesma tarefa com sucesso.

Operador do SAS britânico com um Carl Gustav de 84mm em operação anti-sniper na província de Dhofar em Oman.

As equipes anti-sniper são outro meio para caçar sniper inimigos nas áreas onde operam. As táticas dos sniper são relativamente previsíveis e a melhor reação é usar outro sniper que vai raciocinar de modo contrário. As atividades dos snipers ao caçar outros snipers se baseia em estudar seus hábitos e métodos, e esperar pacientemente por um bom tiro. Acaba sendo um estudo de tiro e camuflagem. Para detecção de snipers inimigos os britânicos iniciaram o uso de telescópios potentes na Segunda Guerra Mundial e mostraram ser uma ótima arma.

As equipes anti-snipers usam posições falsas e truques para o inimigo atirar e revelar sua posição. Uma tática simples das equipes anti-snipers é um atira a esmo e buscar cobertura enquanto outra equipe espera a resposta inimiga para detectar suas posições.

Uma equipe anti-sniper deve ter uma arma de longo alcance e de preferência maior que o do inimigo. O calibre Lapua mostrou ser insuficiente para contra-sniper como mostrado pela experiência francesa em Sarajevo, a russa na Chechênia e americana no Iraque. A melhor arma é um fuzil pesado.

Já um sniper deve estar preparado para a reação inimiga. Deve evitar atirar do mesmo lugar sempre contra o mesmo objetivo. Se torna uma posição óbvia para outro sniper assim como possíveis rotas de fuga e pode ser emboscado. De detectado por outros sniper tem poucas chances de sobreviver. Deve estar pronto para criar cortina de fumaça, se esconder e fugir

correndo para dificultar o tiro inimigo.

Armas e Equipamentos dos Snipers

Com o advento constante de armas de destruição cada vez mais sofisticadas e letais, o sniper continua a desenvolver seu trabalho armado apenas com um rifle de ferrolho, ou semi-automático, e sua fria coragem.

A tecnologia deixou a vida dos sniper paradoxalmente mais fácil, mas ao mesmo tempo perigosa. Novos equipamentos, como fuzis mais precisos, miras óticas e eletrônicas mais sofisticadas, e o uso de pólvoras sem fumaça e sem chama, permitem hoje ao sniper atingir níveis de eficiência nunca antes imaginados. Com o uso de um telêmetro laser e um computador balístico um fuzil M-24 consegue atingir alvos 1000m sem dificuldade. Novos sistemas como os citados estão sendo testados no Iraque recentemente.

Os snipers estão mais móveis, com os snipers das Forças de Operações Especiais podendo ser inseridos com helicóptero em qualquer tempo ou pára-quedismo (HALO, HALO). O uso do GPS, rádios criptografados, veículos qualquer-terreno os tornaram muito moveis. Passaram a causar danos a materiais e veículos com fuzis mais potentes podendo até ser considerado os alvos mais importantes que as tropas.



O sistema Sniper Coordination System (SCS) da Elbit usa câmeras de vídeo acopladas ao fuzil dos snipers para controlar vários snipers. Até quatro podem ser coordenados, com mira diurna ou noturna. O sistema permitir dar ordens para os sniper até de forma silenciosa. As imagens podem ser gravadas.

Em 100 anos a distância de engajamento dos snipers passou de 300m para 1km. Deve-se imaginar como será nós próximos 100 anos. Por outro lado, enquanto a artilharia passou a

engajar alvos a dezenas de km, os blindados em alguns km e os helicópteros a até 8km com mísseis, os fuzis de infantaria passou de um alcance de 1800m contra alvos de área na Primeira Guerra Mundial, para 300m com o calibre 5,56mm. A maioria das nações passou a usar o calibre 5,56 mm enquanto o calibre 7,62mm é mais usado nas metralhadoras médias. O mesmo aconteceu nos países do Pacto de Varsóvia. Mesmo assim a munição 7,62mm especial pode ser conseguida facilmente para os sniper.

Os snipers usam cartuchos especiais com alcance maior para as suas armas. Os projeteis atuais são quatro vezes mais precisos que os da Primeira Guerra Mundial. Um projétil de 5,56mm já pode atingir alvos a 1km o que nem era sonhado a 25 anos atrás. Estudos aerodinâmicos atuais levaram ao projeto de projeteis supersônicos compatíveis com silenciadores. O calibre 7,62mm de velocidade subsônica para silenciador (não é supressor) pode ser usada para bater alvos a até 300m.

A luneta não ajuda o sniper a atirar melhor, mas sim a ver melhor. A princípio os snipers nem precisam de lunetas e os óticos são usados mais para observar a distância. A distância de engajamento típico é de 400 metros mais devido a necessidade de identificação do alvo. A 400m um homem em pé é menor que a massa de uma mira comum. As miras comuns ainda são efetivas a até 500m.

As miras telescópicas atuais são muito mais precisas, baratas e variam o zoom. Os requerimentos de uma luneta para os snipers considera a potência, definição, campo, ajuste rápido, simplicidade, resistência, rigidez e conveniência para uso. A simbologia agora são colocados no segundo plano de imagem ao invés do primeiro, mantendo o tamanho com variação.

Na Segunda Guerra Mundial o zoom da maioria das lunetas era de 3-4 vezes. Em 1941, a Alemanha iniciou o uso da mira Zf41. Era bem simples e era mais usada pelos DM. Cerca de 100 mil foram fabricadas até o fim da guerra. Atualmente os americanos usam miras ACOG com zoom de quatro vezes em grande número na infantaria comum.

Em 1945, a mira com zoom de 10x passou a ser o padrão dos sniper. Funciona com maior campo de visão (FOV). Quanto maior for o FOV, maior o tamanho da luneta e melhor a visão com pouca luz. O limite passa a ser o tamanho físico da lente para posição de tiro com cabeça alta com 56mm sendo limite.

As lunetas atuais agora estão ficando baratas. Alguns modelos chineses com lentes de plástico custam de menos 100 dólares e é mais capaz que uma luneta da Segunda Guerra Mundial. Com tecnologia de fabricação CAD/CAM agora tudo é automático para projetar e fabricar.

O USMC introduziu o padrão Mil Dot com espaçamento constante no reticulo facilitando o calculo da distância. O sniper compara o espaço que o alvo ocupa no dot e usa um gráfico de referência para determinar a distância. Os americanos usam calculadoras para transformar metros do Mil Dot na medida imperial.

O disparo contra alvos distantes é possível com fuzil comum e luneta com aumento de seis vezes. Os snipers geralmente usam armas dedicadas, mas tentar atirar a mais de 1km é considerado perda de tempo. Os snipers são capazes de disparar a longa distância, mas esperam o alvo aproximar para garantir o acerto. Por outro lado o disparo a longa distância não é visto nem ouvido.

No deserto o sniper precisa identificar alvos a 1.500m o que só é possível com luneta com zoom mínimo de 10 vezes e o calor distorce as imagens além da presença de ventos fortes. Em campo aberto como o deserto o fuzil tem que ser bem potente como a Barret M-82 e deve ser capaz de atingir até veículos onde é bem comum. As tropas evitam andar a pé no deserto.

A luneta do observador é usada para detectar alvos e avaliar o tiro. Os telescópios têm um grande zoom, de cerca de 20 vezes como o M-49, contra sete vezes dos binóculos.

Telêmetros laser determinam a distância com grande precisão sendo que já estão miniaturizados em binóculos e futuramente podem estar integrados na luneta. Com um computador balístico será possível uma grande precisão com ventos fortes a longa distância.

O fuzil M-21 americano está equipado com a luneta ART II (Automatic Ranging Telescope) com ajuste automático de distância. O sistema ocular foca no alvo com um mecanismo de elevação. Se focou no alvo está zerada na distância.

O tiro a noite foi facilitado com os meios de visão noturna. O Starlight americano foi usado no Vietnã e pesada 2,2kg sendo limitado e frágil. Mesmo assim mostrou se bastante útil para observação e tiro noturno. As câmeras térmicas têm alcance mais longo e detectam alvos escondidos atrás de folhagem e tecido.

Em 1943 foi iniciado o uso de miras noturnas no US Army com o Star Tron PVS-1 Starlight. O PVS-2 era mais potente e foi mais usado. Custava 3 mil dólares em 1970. Era muito pesado, mas a noite o combate geralmente só vai até 400m. Os Vietcongs usava Sniperscope americanos de estoques russo da segunda guerra. Os snipers americanos detectavam fácil suas emissões de infravermelho. A mira noturna russa 1PN83 x 3 já vem com apontador laser. É um intensificador de imagem de segunda geração com alcance de 300m.

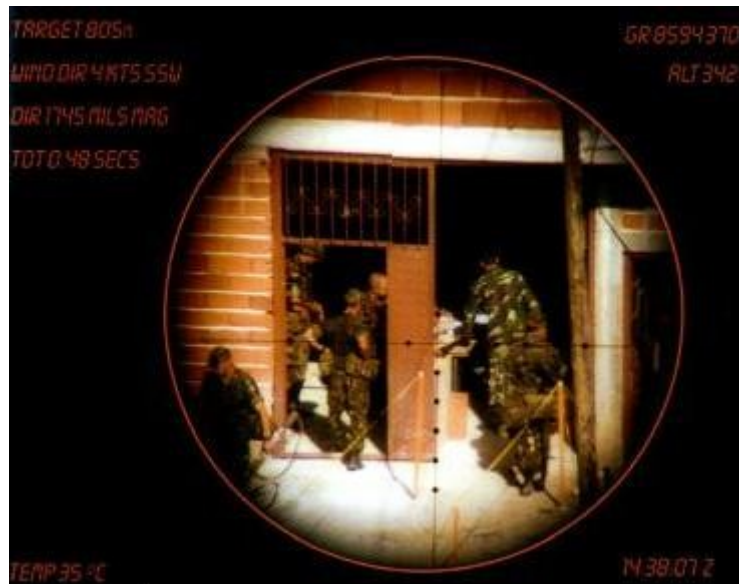
Os sensores térmicos agora estão disponíveis para a infantaria o que é um perigo para os sniper. Na década de 90 a cidade de Sarajevo na Bósnia estava cercada de snipers atirando em civis. Os países da ONU enviaram equipes anti-snipers para o local que usaram sensores térmicos para detecção. Os alvos quentes brilhavam na tela do sensor na noite fria da região. Várias empresas passaram a colocar no mercado roupas com proteção térmica para contrapor estes sensores como a Spectro Dynamic System.



A luneta AN/PVS-10 atual é bem menor e mais eficiente comparada com as primeiras versões. Pode ser usada de dia e a noite com um intensificador de imagem integrado.



O fuzil M-40A3 pode receber um sensor noturno Universal Night Sight Kit colocado a frente da luneta com o uso de trilhos Picatinny.



Exemplo de mira com telêmetro laser integrado e dados mostrados na imagem. As equipes de operações especiais americanas já tem capacidade de gravar imagens digitalmente. As propostas de lunetas do futuro são óticos integrados, telêmetro integrado, câmera TV integrada, designador laser, mira térmica e integração com datalink digital e voz.



Uma foto mostrando uma imagem de um intensificador de imagem (acima) e um sensor térmico (abaixo). Com o sensor térmico os alvos podem ser facilmente identificados. Para os snipers pode ser fatal.



Um fuzil M-40 com um sensor térmico acoplado na luneta.

Armas dos Snipers

O peso de um fuzil de sniper deve ser de no mínimo 5kg para diminuir o recuo e dar mais estabilidade. Outra técnica para facilitar o tiro é colocar um gatilho "pesado". A arma do sniper não deve ser pesada pois vai ser carregada por várias horas junto com outras coisas. Deve ser confiável em qualquer tempo e condição climática e facilmente reparada no campo. Deve ter uma mira de ferro de backup. Podem usar munição padrão militar, mas geralmente usam munição especial para maiores alcances.

No início os snipers usavam armas da infantaria que tinham desempenho acima da média além de munição especial. Depois passaram a receber armas dedicadas com óticos, equipamento de visão noturna, rádios e roupas de proteção.

As armas podem ser do tipo ferrolho ou semi-automáticas. A diferença está no volume de fogo e na precisão. As armas semi-automáticas são menos precisas mas atiram mais rápido. Também dão mais defeitos e são mais pesadas. Um outro defeito importante é ejetar o cartucho logo após o tiro o que pode comprometer a posição. Os snipers do USMC no Vietnã detectavam os vietcongues pela ejeção dos cartuchos das AK-47 que brilhavam com o sol.

A primeira arma automática de snipers entrou em operação em 1940 com o Siminov russo, seguido do SVD em 1965. Era uma arma relativamente leve. Os modelos automáticos da Segunda Guerra Mundial mostraram ser ideais a curta distancia, para parar avanços de muitas tropas. Os fuzis de ferrolho não daria a mesma razão de tiro. É a razão de tiro que torna os fuzis semi-automático preferidos dos DMs.

Nas cidades o fuzil pode ter curto alcance e deve ser preferencialmente semi-automático. Com munição subsônica é possível usar silenciadores que também escondem a fumaça e o brilho do disparo. Um exemplo é a VVS russa. Os americanos tiveram boas experiências com as SR-21 equipado com silenciador nas cidades do Iraque.

No Vietnã, 85% dos snipers do USMC preferiram o fuzil M-14 ao invés do M-40 com ferrolho. As distâncias na selva eram pequenas e a M-14 tinha opção de tiro automático para o caso de contatos próximos ou emboscadas. Também era útil em terreno urbano.

O alcance das armas foi aumentado progressivamente. Na Primeira Guerra Mundial os alvos eram batidos a cerca de 200m, aumentando para 400-600m na Segunda Guerra Mundial e chegando a até 900m no Vietnã. O alcance das armas atuais dos snipers é de 400m contra alvo exposto parcialmente, 800m contra tropa exposta e 1200m com arma especializada. Veículos e equipamentos podem ser engajados a até 1600m com arma de grosso calibre.

O fuzil Remington modelo 700 foi recomendada em 1942 como um bom fuzil para sniper para os americanos. Foi recomendado novamente na Coreia com nova munição. Foi aceita finalmente no Vietnã com luneta M-84 pelo USMC e chamado de M-40A1. Já o US Army escolheu o M-14 com a mira M-84 e chamado de M-21. O M-14 foi projetado desde inicio para receber luneta incluindo a Starlight.

Em 1977, os M-40 do USMC passaram a ser substituídos por uma versão de fibra e camuflado, equipado com uma luneta Unertl 10x. Também em 1977, o US Army iniciou a substituição dos seus M-21 e pensou em usar um calibre maior. A Remington propôs o SWS - Sniper Weapon System baseada no M-40 chamada de M-24 em 1988. Cada um custava US\$3,5 mil cada, ou US\$ 10 mil completo e continuava preciso até após disparar 10 mil tiros contra 500 tiros do SMLE da Segunda Guerra Mundial. Em 1996, o M-40A1 foi substituído pelo M-40A3. Junto com o M-24 tinha luneta de 10x e pesava 5,4kg.



A experiência americana no Afeganistão e Iraque levou a volta do 7,62mm como este M-14 com luneta, retirados de estoques e até do mercado civil, mais devido a ênfase em snipers. Mesmo assim o calibre não é bom acima de 600m.

US Army está padronizando o calibre 7,62mm para substituir várias armas como o M-14, M-24 e Mk 11. Após o ataque de 9 setembro, grande parte dos 40 mil fuzis M-14 estocados foram retirados e reconstruídos para equipar snipers e DM americanos. A nova arma virou um DMR (Designated Marksman Rifle) no USMC e USSOCOM. Até recentemente era o único fuzil especial para os DM.

O M-24 do US Army é muito preciso, mas no conflito na Somália em 1993 mostrou que uma arma semi-automática podia disparar 4-5 vezes mais rápido. Assim o US Army pensou em padronizar armas semi-automáticas para os seus snipers.

A primeira a entrar em operação foi o Mk 11 baseado no SR-25 (Stoner Rifle-25) com calibre 7.6x51mm a pedido do SEALs. Depois foi usada com luneta Leopold 3x10 pelos observadores da dupla scout/sniper do USMC. É considerada mais precisa até 600m que a M-21 e mais leve (5kg). O US Army lançou o requerimento Semi-Automatic Sniper System (SASS) vencido pela SR25 e chamado de XM110. O XM110 só opera no modo semi-automático e os snipers terão que levar um fuzil M-4 ou similar para combate aproximado. A nova arma tem trilhos Picatinny, recebeu supressor e bipé, gatilho de precisão (mais pesado e com dois estágios), carregador 20 tiros e coronha ajustável. A arma pode ser usada pelos snipers e DM. O USMC estuda armas de médio alcance para engajar alvos entre 1.100 -1500m para substituir o calibre 7,62mm.

No Reino Unido o fuzil L42 foi substituído pelo Accuracy L96A1 na década de 80. Os fuzileiros britânicos usam o L115A1 AWM da Accuracy International com calibre 338 Lapua. Os britânicos também usam o L82A1 (Barrett M-82). Em 2003, no Iraque, um L96A1 realizou um tiro com vento forte contra um alvo a 860 metros. Calcularam que o projétil cairia 56 pés e sairia da rota em 38 pés na lateral. Recentemente os britânicos retiraram de ação seus fuzis pesados S-80, substituídos pela metralhadora Minimi, que passou a ser usado pelos DM.



O MX110 SASS será o novo fuzil de sniper e SASS das forças armadas americanas.

O fuzil russo Dragunov (SVD = Semipolarnyya Vintovka Dragunova ou Fuzil semi-automático Dragunov), é um fuzil semi-automático, com luneta, carregador de 20 tiros, munição 7,62X54R mm. A mira PSO-1 é adequada até mil metros. Quando introduzido o ocidente pensou que os russos dariam um fuzil de sniper para todo infante pois o fuzil tinha uma baioneta. Com o SVD é difícil de acertar um alvo a mais de 500m, pois flutua muito, mas é possível até 800m com munição especial. É usado mais pelos DM. O fuzil SVD mostrou ser ruim para counter-sniper no Afeganistão. Os russos logo passaram a desenvolver o SVDS com cano mais curto e coronha rebatível. O SVD também mostrou que não tinha a mesma rusticidade dos fuzis AK e precisava de um operador mais bem treinado.

Em 1990 foi iniciada a substituição do SVD com o SV-98 a ferrolho derivado do fuzil Record 1 de competição. Foi instalado um sistema anti-mirage depois da experiência no deserto e foi adotado no ocidente. Os russos iniciaram o uso de fuzil pesado calibre 12,7mm em 1999 para bater alvos a até 2km. Outra munição foi a de 9mm e .22 silenciosa. Ao invés de desenvolver uma arma para todos os terrenos e alcances, criaram armas para cada terreno e situação. A maioria tem silenciador. Todos fuzis de sniper russos são projetados com o opção de usar a mira de ferro para tiro rápido a curta distância (snap shot) ao contrario do ocidente. Sempre levam armas automáticas para combate aproximado.

Na década de 80 apareceram os fuzil de assalto modificados para sniper como o Galil MSG-90. Era mais barato que um fuzil dedicado, mas usam melhor óticos e munição dedicada em relação aos fuzis de infantaria.



Fita anti-miragem do SV-98 e que foi adotado no ocidente. O ar quente do cano e fumaça atrapalham a pontaria e a fita diminui o problema.



Um sniper americano no Iraque treinando com um fuzil SVD russo. Várias fotos como esta, incluindo operações reais, sugerem que os americanos gostaram do fuzil.

As armas de maior calibre dos snipers não são adequadas para esconder a assinatura sonora e visual dos disparos, que podem ser ouvidos a grande distância e mesmo com supressor o zumbido da bala denuncia a posição ou direção do tiro.

Um supressor é diferente de silenciador. Enquanto o supressor mascara o som, o silenciador elimina completamente. A supressão diminui o alcance e o silenciador tem que usar munição subsônica com alcance de 300-400 metros ou bem menos. O som não pode ser ouvido a 100-200m em uma noite silenciosa ou mesmo 30-50m em uma cidade barulhenta.

No Vietnã as tropas usavam um supressor Scionic como o MAW-1 do M16 e M-4SS para o M-14 e M-21. Eram bons a noite, pois eliminava o brilho e a vegetação abafava o resto do som.

Com um amplificador de imagem Starlight e supressor de som em uma M-14, os snipers americanos conseguiam atingir um vietcong em tempo claro e terreno plano a 400 metros sem ser detectados. Com apoio de luz Xenon de blindado como cobertura o Starlight conseguia ver a até 2000 metros.

Sniper pesado / Sniper de longo alcance / Sniper anti-material

O sniper pesado surgiu para destruição de alvos de alto valor ou material perigoso. Usa armas de grande calibre de pelo menos 12,7mm também chamados de fuzil anti-material. É usado pelos snipers, forças de operações especiais, equipes anti-bomba e equipes de proteção de perímetro.

Os fuzis anti-materiais têm calibre de 12,7mm a 20mm para atacar alvos como blindados leves, armas coletivas, centros de comunicações, mísseis, radares, centros de comando e aeronaves no solo. Assim, com um tiro de 5 dólares, é possível neutralizar uma arma de vários milhões como um caça a mais de mil metros de distância. Também são usados pelas equipes anti-bombas para destruir minas marítimas, minas terrestres e IED a distância segura. A munição perforante-incendiária (API) é usada para detonar explosivos.

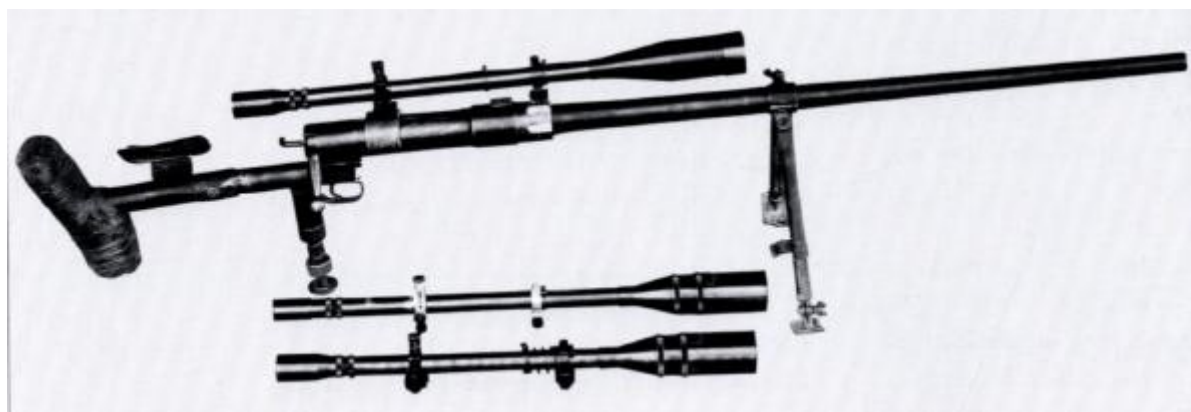
O fuzil pesado Barret M82A1 (lighth fifty) foi introduzido em serviço em 1983 nos EUA. É uma arma semi-automática, de grande recuo, calibre 12,7mm, capaz de acertar o tronco humano a 1,5km. A arma pesa 12,9kg. Foi usada nas operações em Beirute em 1983 e no Panamá em 1989, mas muito mais na operação Desert Storm em 1991 onde as forças especiais a usaram para neutralizar aeronaves, estações de rádio e blindados.

Na operação Desert Storm, na noite entre 24-25 fevereiro, uma equipe motorizada do Force Recon do USMC usou uma M82A1 com munição API para destruir dois blindados YW531 a 1100m. O sargento Kenneth Terry atingiu os dois com dois tiros, com vento e calor atrapalhando o tiro. Outros dois blindados se renderam.

O calibre 12,7mm tem capacidade de penetrar 25mm a 370m ou 13mm a 1600m enquanto 7,62 perfura 14mm a 100m e 10mm a 300m. A munição armor-piercing incendiary (API) é usada para penetrar e incendiar munição ou combustível dentro dos veículos. Contra explosivos a munição API as detona a longa distância pelas equipes anti-explosivos.

Foram os alemães que iniciaram o uso de fuzis pesados com o Mauser T-Gewehr M1918 na Primeira Guerra Mundial. O M1918 tinha calibre 13mm, tinha 1,68 m de comprimento e pesava 17,7kg vazio. O recuo podia quebrar a clavícula se disparado em pé, mas penetrava a blindagem lateral e até o bloco do motor dos blindados da época. A guerra terminou antes de serem convertidos para sniper em quantidade.

Ainda na Primeira Guerra Mundial os americanos começaram a ter interesse em armas de grande calibre com o calibre .50 após contato com o fuzil alemão. O primeiro teste com a munição de 12,7mm contra alvos de longo alcance foi na Coreia. Os americanos usaram um fuzil anti-carro Tokarev e adaptaram para o calibre americano. O calibre foi escolhido por ser o mais usado no ocidente e tem balística adequada para a função.



Na Segunda Guerra Mundial os russos já tinham usado o fuzil anti-carro PTRD e PTRS calibre 14,5mm contra sniper bem protegidos e para tiro de longo alcance. Os americanos converteram alguns PTRD para o calibre 12,7mm durante o conflito na Coreia assim como alguns fuzis Boys.

A munição 12,7mm foi feita para metralhadoras pesadas e com pouca tolerância a erros para requerimento de tiro a longa distancia. Alguns fabricantes produzem lotes de alta qualidade para os fuzis de sniper.

O problema dos fuzis anti-material são o grande peso, recuo forte e grande assinatura visual

e sonora. O problema do peso é relativamente fácil de resolver com os fuzis chegando a pesar 10-13kg com material leve. Para comparação, um AW50F britânico calibre 12,7 mm pesa 13,64 kg, um fuzil AWM britânico calibre 338 pesa 6,8 kg sem munição e um M-24 pesa 5,49 kg. Um SR-25 calibre 7,62mm pesa 4,87 kg.

O recuo ainda é difícil de resolver para os fuzis com ferrolho e por isso costumam ser semi-automáticos. Uma coronha de material sintético é usado para absorver parte do recuo e o freio de boca consegue absorver até 70% ou mais, mas com muita assinatura com grande brilho, som e nuvem de poeira denunciando a posição. O engajamento de alvos a longa distância não necessita de arma semi-automática, mas resolve parte do problema de recuo e alguns fabricantes acham que é preciso engajar alvos em grande sucesso em algumas situações.



A assinatura dos fuzis pesados pode ser parcialmente resolvido com pano molhando embaixo do cano.

O uso de um projétil muito grande pode ser desperdício contra humanos, mas para isso foi desenvolvido o calibre Lapua Magnum .338 para tiro a longa distância. O Lapua Magnum 8,6x70 pode ser usada contra alvos a até 1100m e pode chegar a 1500m, mais ainda é antipessoal dedicado não aceitando munição explosivo ou incendiário. As vezes ainda é insuficiente para contra-sniper como mostrado pela experiência francesa em Sarajevo, a russa na Chechênia e americana no Iraque.

Existem vários modelos e fabricantes de fuzis anti-material, mas é um nicho de mercado pequeno. Nos EUA os fabricantes vendem até mais para o mercado civil. São exemplos de modelos de fuzil peado: Gaietta .50 (bullpup), Haskins Rai Model 500 (usado pelo USMC em Beirute e Panamá); PGM Precision HECATE II (usado pelas forças especiais francesas), Robar .50 BGM, Mc Millan Gunworks (agora Harris) M-87, Barret M-99 (bullpup), KSVK (bullpup), Truvelo SR . 50, Zastava M093, FN Nemesis (versão mais leve HECAT II FN) e CheyTac Long Range Sniper Rifle.

A M-107 foi usado no Iraque pelo US Army recentemente e mostrou ser muito boa para combate urbano e foi muito apreciada pelo alcance, precisão e efeito no alvo. O inimigo vê o impacto nos amigos e fica aterrorizado. O projétil da M-107 chega a partir um corpo no meio. Em uma ocasião um tiro de 12,7mm atravessou um muro de tijolo, matou um guerrilheiro e feriu dois com estilhaços de tijolos.



O M-107 é o novo fuzil de longo alcance americano complementando o M-82. O M-107 opera com ferrolho e tem a vantagem de ser mais leve. É usado para bater alvos a longa distância, como fuzil anti-material, pelas equipes anti-explosivo e para contra-sniper.



No Vietnã os americanos chegaram a equipar as metralhadoras M-2 com lunetas para tiro a longa distância a 1500-2000m. O mesmo já tinha sido feito na Coréia. Na guerra do Pacífico os snipers USMC testou a metralhadora M-2 contra alvos japoneses a 1.100m com sucesso relativo e sem usar lunetas.



Um snipers francês na Bósnia anota as posições e rotas inimigas em uma foto panorâmica acima da arma. Os snipers franceses usam o fuzil FRF-2 calibre 7,62X51 mm (foto) e o PGM Hecate II com cartucho 12,7X99 mm. As duplas de sniper/observador levam as duas armas e o sniper escolhe a melhor arma para a situação. O FRF-2 usa uma cobertura de plástico em volta do cano que diminui a assinatura térmica no calor, e diminui o ar quente que cria miragem. Após 1945 a França colocou um sniper em cada pelotão infantaria. Em cada um dos 23 batalhões de infantaria existe uma seção de snipers na companhia de comando. A seção têm quatro grupos de snipers, cada grupo com dois atiradores (e seu auxiliar).

Alguns modelos de sistemas

Heckler & Koch PSG-1



A PSG (Prazision Schützen Gewehr Eins)-1 é sem dúvidas um dos melhores sistemas em uso atualmente, muito adotado por militares e policiais de todo o mundo.

Calibre: 7,62 x 51mm OTAN (.308 Win)

Comprimento: 1 208 mm.

Comprimento do cano: 650 mm.

Peso (incluindo o carregador de vinte balas): 8,225 kg.

Modo de operação: funcionamento recuo e trancamento do ferrolho por roletes.

Carga carregador: de cinco a vinte balas;

Perfil do raioamento: poligonal.

Disposição das raia: quatro estrias, com torção para a direita.

Sistema de mira telescópica: Hendsoldt 6x42 montado para disparos desde 100 a 600 metros.

Mira traseira: n.º 6 com retículas iluminadas, seis ajustes possíveis, de 100 a 60D m.

Gatilho: com ponto de disparo operando com pressão de aproximadamente 1.5 kg.



Outras características:

sistema especial para ação de trava do ferrolho;

coronha de comprimento ajustável ao ombro;

apoio do rosto ajustável verticalmente e coronha com ajuste angular ao ombro do atirador;

peça de apoio da mão com trilho em forma de T, para a fixação de um reparo tripé e uma alça;

gatilho de largura variável, munido de sapata ajustável.

G3/SG-1 Sniper Rifle



Também muito usado por militares (unidades CT) e policiais, esta arma alemã vem com um bípode funcional de metal. Sua base é posicionada de uma maneira que emprega um contrapeso no rifle e dá uma impressão de balanço equilibrado, criando uma sensação de segurança no disparo. O rifle inteiro é baseado no H&K 91, uma versão civil do famoso rifle de assalto H&K G3A.

A taxa de disparo é verdadeiramente muito alta para um rifle desse porte, porém o alcance letal dele é "especulativo". Entretanto, uma vez acoplado a mira telescópica, você pode perceber facilmente o poder que este objeto representa.

Configurado como um rifle de assalto e utilizado como um rifle de precisão com múltiplos propósitos. No G3/SG-1, encontramos um botão atrás do gatilho, que é um seletor de grupo de modos de disparo. Com ele podemos escolher os modos semi-automático e automático

Calibre: 7.62 mm OTAN.

Operação: semi-automático.

Carga carregador: 5 a 20 balas - caixa destacável.

Peso: 8.10 kg

Sistema de mira telescópica: Hendsoldt 6x42.

Velocidade: 788 m/s

Max. alcance efetivo: 600m.

Dragunov SVD



O Rifle de precisão Dragunov SVD, projetado por E. F Dragunov, é uma arma semi-automática que utiliza munição 7.62 x 54R, pesa cerca de 4,80kg municiado e tem 1,22m de comprimento; seu sistema de disparo é semelhante ao da série AK (alma raiada e repetição por gás). Possui mira telescópica PSO-1 como padrão, mas é compatível com todos os tipos de sensores de mira termográfica do Exército Russo; alguns modelos da mira PSO-1 fabricada para o Exército Russo possui um iluminador laser para confirmação de alvo. Consegue uma razão de tiro de 30 disparos por minuto e precisão a até 1.300m com mira óptica, sem mira chega a 800m, contudo a munição 7.62 x 54R dá a arma um alcance efetivo de 1.000m; o visor da mira óptica dá ao Sniper seis graus de visada e resolução 4x; pode ter acoplado a baioneta padrão da série AK. Foi a primeira arma especialmente projetada para os atiradores de elite russos, que são muito exigentes. é resistente e muito confiável. Não é a melhor arma para atiradores se comparada com outros sistemas, mas pode disparar satisfatoriamente em ambientes como o deserto, o ártico, na chuva e assim por diante. É uma arma perfeita para dar apoio de fogo de precisão a uma esquadra. Esta em serviço em diversos países como: Rússia, Hungria, Índia, Egito, Argélia, China, Irã, Polônia e Síria e na maioria dos antigos países do Pacto de Varsóvia ou que no passado receberam ajuda militar dos soviéticos.

Calibre: 7.62 x 54R.

Comprimento: 1,22m.

Carga carregador: 10 balas.

Peso: 4,80 kg.

Modo de operação: é semelhante ao da série AK (alma raiada e repetição por gás).

Carga carregador: de cinco a vinte balas;

Perfil do raioamento: poligonal.

Disposição das raia: quatro estrias, com torção para a direita.

Sistema de mira telescópica: mira telescópica PSO-1. O visor da mira óptica dá ao Sniper seis graus de visada e resolução 4x.

Alcance efetivo: 1.300.



Barrett M82A1 heavy sniper



O rifle de alta precisão Barrett calibre 0.50 é considerado uma das armas mais confiáveis disponíveis para o atirador de elite. Este rifle foi projetado por Ronnie Barrett na década de 1980.



Com um Barrett, um atirador experiente é capaz de atingir um alvo localizado a uma distância de até 1,8 km - o que permite que ele atinja um oponente sem revelar sua posição. Apesar do peso de 14 kg, a arma foi projetada para ser transportada com rapidez.

O Barrett .é uma efetiva arma de interdição a longa distância. Ela é uma arma antimaterial também, podendo ser usada contra edificações, veículos, aviões e helicópteros.

A arma opera em princípio de recuos curtos, onde o cano possui um "breque" em forma de focinho na ponta, o que ajuda a reduzir o recuo. Um bipé auto-nivelável ajuda o franco-atirador em mirar esse rifle altamente poderoso. Ele foi o primeiro rifle .50 a alcançar uso difundido. Seu comprimento volumoso (1.55m) e peso (13.4kg) faz dele um rifle vultoso e poderoso. Entre os usuários deste rifle estão os EUA, Austrália, Israel, Noruega, Reino Unido e Suécia. Um fato interessante a destacar é que todos os instrutores deste .50 em Israel são mulheres.



Calibre: .50 BMG (12.7x99mm)

Modo de operação: apenas semi-automático.

Carregador: 10 balas.

Alcance Efetivo: 1.800 metros



L96A1 Sniper Rifle



Fabricado por Accuracy International em Portsmouth, é o rifle padrão dos atiradores de elite das forças armadas britânicas. Ele foi o escolhido na década de 1980 para substituir o rifle sniper L42. Uma versão para os rigores do ambiente ártico (-40C) foi fabricada com a designação "Arctic Warfare Serie" a pedido do Exército sueco. Na Suécia este rifle recebeu a designação de PSG-90. O Exército alemão (Bundeswehr) adotou a versão AW Super Magnum.

Calibre: 7.62mm - OTAN (.308 Win) para L96, AW, AE, AW Police e AW Folding; Super Magnum: .338 Lapua (8.60x70mm), .300 Win Mag, 7mm Rem Mag

Peso: 6.5kg. (sem a mira).

Comprimento: 1.15m.

Cano: 610mm para maximizar exatidão nos disparos.

Carregador: 10 ou 12 balas.

Mira telescópica: 6x42, 10x42, e 3-12x50. Dotadas de um sistema especial de visão produzido inteiramente pela Accuracy International.

Velocidade: 840m/sec.

Alcance: mais de 800 para 7.62mm e 1.100m para variantes Magnum.

Modelos

Série AW**AW****AWP****Série Super Magnum****AWM50****AWM****Accuracy International Série AE****Remington M40 & M40A1**

Baseado no Remington modelo 700, este rifle de 7.62mm é aperfeiçoado para precisão definida. Feito a mão por especialistas em Quantico, o M40A1 é renomado por seu cano de aço inoxidável, coroa de fibra de vidro reforçada e mira telescópica Unertl. O M40A1 é o sniper rifle preferido entre os fuzileiros navais norte-americanos.

Calibre:: 7.62x51mm NATO (.308 Win)

Funcionamento: ação por ferrolho

Cumprimento: 1117mm (M40A1)

Cano da arma: 660mm (M40); 610mm (M40A1)

Peso: 4.08 kg vazio sem a mira; 6.57 kg carregado com mira.

Pente: 5 balas.

Alcance efetivo: 800m

Magazine Capacity: 5 rounds in detachable box magazine

Remington M24 Sniper Rifle

Tem sido a arma padrão das equipes de atiradores de elite das US Special Forces, veio para substituir o sistema M21 no US Army em 1988. Diferentemente do seu antecessor o M24 foi especialmente projetado para resistir as duras provas do campo de batalha. É usado também Exército israelense. O M24 entrou em serviço em Israel em 1997 também substituindo M21. O sistema de funcionamento do M24 está baseado no Remington modelo 700. Ele também é usado por forças policiais.



Calibre:: 7.62x51mm NATO (.308 Win)

Funcionamento: ação por ferrolho

Cumprimento: 1117mm (M40A1)

Cano da arma: 610mm

Peso: 5.49kg vazio sem a mira

Pente: 5 balas.

Alcance efetivo: 800m



Galil Sniper(Galat'z)



Este é um rifle de snipers baseado no fuzil de assalto Galil que por sua vez é baseado no AK-47 Kalashnikov. É uma arma semi-automática que tem em seu pente de 20 a 25 cartuchos. Tem uma alta potencia de fogo e é ideal para fogo de apoio táticos como o Dragunov SVD russo ou o G3-SG1 alemão. Apesar de ter adotado o M24 como arma padrão dos seus atiradores de elite, os israelenses sempre tem um especialista em GALAT'Z em suas unidades contraterroristas com a YAMAM. Sua confiabilidade é comparada com o fuzil de AK-47. Possui partes intercambiáveis com o Galil.

Hoje o Galil 7.62 mm ainda é produzido pela IMI Israeli Military Industries (tanto na versão regular, quanto na de snipers) e é principalmente exportado para países do terceiro mundo.



Calibres:: 7.62 x 51 mm (.308) e 5.45 x 45 mm (.223)

Funcionamento: semi-automático.

Cumprimento: 1115mm

Cano da arma: 508mm

Peso: 6,5kg vazio. 8kg com pente de 20 cartuchos e mira.

Pente: 20 ou 25 cartuchos.

Munição

A escolha do calibre à ser utilizado depende das missões que vai cumprir o atirador, e não da “padronização de calibres ou outros fatores administrativos. Se os calibres pequenos são eficientes à médias distâncias, pode ser necessário a precisão à longa distância para missões rurais.

Os fabricantes produzem tipos especiais de cartuchos que são famosos por serem extremamente regulares e precisos, dando-lhe os nomes de “Match”, “Varmint”, “Competition”, etc

Como regra, estima-se que um calibre seja adequado quando desenvolve alta velocidade inicial e conduz grande energia, podendo transmiti-la eficazmente. A preocupação com trajetórias, alcance “Stopping Power” penetração, etc. deve ser alvo de intenso e qualificado treinamento para os atiradores, pois não se pode errar em operações. Deve se dar preferência à calibres que possuam trajetória tensa e agrupamentos consistentes, como o 5,56 X 45 mm, 243 W, 270 W, 7,62 X 51 mm, 30.06, entre outros.

Mira óptica

Armas e cartuchos úteis à mais de 500m seriam inúteis se a visualização do alvo não fosse possível, sob as mais diversas situações. Uma boa luneta deve ser clara, adequada para o calibre, alcance e tipo de operação, se diurna, noturna, ambientes úmidos, selvas densas, desertos, etc. Vejamos alguns tipos mais comuns de retículos para estas lunetas e breves comentários: Como regra deve-se ter em mente que uma luneta muito adequada para determinadas condições pode não sê-lo para outra, portanto, escolha vários tipos conforme a missão à ser cumprida. O aumento mínimo requerido é de 6 vezes, podendo ser muito maior conforme a distância de tiro. Também é obrigatório ter-se algum equipamento que possibilite a visão sob baixas condições de luminosidade, pois tiros desta natureza são bastante comuns nas tarefas do “SNIPER”. Um retículo adequado para uso diurno pode ser totalmente inútil à noite, bem como sob alvos parcialmente ocultos por vegetação, etc.

6ª Parte

Seleção e treinamento

A seleção para atiradores de elite deve ser bem criteriosa, pois todos os que apresentam distúrbios psicológicos devem ser imediatamente eliminados. O programa de treinamento deve ser rígido e a pressão sobre os candidatos deve aumentar cada vez mais para levá-los ao limite do seu controle emocional, motivação e para que suas aptidões sejam desenvolvidas.

Os pontos básicos para se selecionar atiradores de elite basicamente são os seguintes:

a. Equilíbrio emocional e psicológico. O sniper deve ter controle para aperta o gatilho no tempo certo e no lugar certo e parar de atirar quando necessário. É muito mais fácil matar em autodefesa ou em defesa de outros do que matar sem provocação aparente. O atirador deve ser capaz de matar objetivos que não sejam uma ameaça imediata a ele. O sniper não deve ser suscetível a emoções como ansiedade ou remorso. Candidatos que tem a sua motivação para serem atiradores de elite fundamentada em reconhecimento, vingança ou simplesmente vontade de matar devem se eliminados.

O candidato a atirador de elite deve ter confiança, iniciativa, disciplina e estabilidade emocional.

b. Ter aptidão para tiros de precisão.

c. Condicionamento físico excelente. Geralmente os atiradores de elite são submetidos a missões em que dormem pouco, tem pouca comida, ficam sujeitos ao clima e passam muito tempo parados. Eles precisam ter bons reflexos e controle muscular. A auto-confiança e controle vem da pratica de esportes e de um condicionamento físico ideal.

d. Ótima visão. A principal ferramenta do atirador de elite é a sua visão.

e. Não-fumante. O fumo gera problemas respiratórios e tosse, que podem denunciar o sniper para o inimigo.

f. Inteligência. Um atirador de elite precisa ser inteligente pois ele deverá aprender sobre balística, tipo de munição e armas e suas capacidades, dispositivos ópticos, operação de rádio, procedimentos de observação e coleta de inteligência, técnicas de camuflagem, táticas militares, identificação de ameaças, primeiros-socorros, ajuste de morteiro e fogo de artilharia e algumas vezes de ataques aéreos, habilidade de navegação, sobrevivência, fuga e evasão. E acima de tudo ter um bom senso de julgamento.

g. Vida no campo. O candidato deve se sentir perfeitamente bem em operar ao ar livre. Tendo pleno conhecimento dos efeitos naturais e saber se comportar em ambientes em que existam animais e insetos.

Ser um atirador de elite é uma tarefa especializada e precisa de escola apropriada, treinamento, doutrina e armamento especializado. Não é uma tarefa que pode ser ensinada para qualquer soldado. Em tempo de guerra, a vantagem tática costuma ir para tropas mais bem treinadas, equipadas e motivadas. O sniper tem que ter os três juntos. Todos os soldados são treinados para destruir um oponente, mas os sniper a levam a arte de matar a seu máximo refinamento.

Os sniper têm mais chances de morrer e raramente sobrevivem a captura. Para isso tem que investir intensamente em camuflagem, táticas e posicionamento. Por isso motivo não é qualquer um que pode se tornar um snipers.

Os voluntários costuma ser soldados experientes que devem ter demonstrado disciplina e desempenho acima da média. A seleção inclui testes de capacidade física, mental e psicológica. A habilidade de atirar em alvo fixo conta menos. Os snipers são melhores para caçar e matar e não tão bons em tiro. O treino pode mostrar falhas graves em outros requisitos importantes. Alguns que não demonstram ser tão bons no tiro se tornam ótimos observadores. A habilidade de tiro está relacionada com os alvos cujo alcance, tamanho, localização e visibilidade não podem ser engajados por um atirador comum. O sniper deve ser paciente e ter controle emocional para operar isolado e sob tensão. Deve ter instinto e iniciativa. Os testes de seleção são bem exigentes.

O sniper tem que ser inteligente para desenvolver habilidades de "zerar" a mira da arma, estimar distância e vento, ter conhecimentos de balística, munição, ajustar óticos, ler mapa, fazer patrulha, usar cobertura e camuflagem, movimentação, observação, coleta de inteligência, escolher posição de tiro, reação ao contato e rota de fuga. O sniper deve saber operar rádios, chamar artilharia, fazer navegação e identificar armas e uniformes inimigos.

O condicionamento físico é importante, pois durante a operação um sniper dorme pouco e ingere pouca água e alimentos. Deve ter bons reflexos e a visão deve ser 20/20. Um sniper não deve fumar, pois a fumaça revela a posição e o nervosismo na hora da pontaria atrapalha o tiro. O treino e a seleção é focado na capacidade de sobreviver sozinho na frente de batalha e atrás das linhas.

Durante o tiro o sniper deve conhecer as técnicas de controle gatilho, alinhar com o alvo e fazer controle da respiração, avaliar distância, ventos, elevação e luminosidade. Deve saber engajar alvos móveis e usar lunetas.

Os sniper treinam disparar o gatilho com ponta dos dedos para maior precisão. Algumas doutrinas falam em respirar fundo antes do disparo e segurar respiração para alinhar e atirar. Outros vão além e citam em disparar entre batidas do coração para minimizar movimento do cano. A posição com melhor precisão é a deitado, com apoio de saco de areia para o fuzil ou bipé.

A chave do bom sniper é consistência, o que implica na capacidade da arma e do atirador. Consistência não significa necessariamente precisão (que precisa de treino) e o sniper não pode ser preciso sem ela. Os disparos de uma posição fixa devem ser agrupadas, mesmo a longa distância.

A consistência tem que ser máxima quando sniper dispara o primeiro tiro contra um inimigo que não sabe da sua presença. Alvos de altíssima prioridade como os snipers inimigos,

oficiais e equipamento importante de serem atingidos irão se esconder após o primeiro tiro ou tentar localizar o sniper, e atacar alvos estratégicos se torna mais difícil.

O sniper deve ser capaz de estimar a distância, vento, elevação e outros fatores que alteram o tiro. O sniper deve saber como o calor do cano, a altitude e temperatura ambiente afetam o voo do projétil.

O problema do tiro a longa distância é calcular o vento. Com vento forte é difícil acertar um alvo a mais de 200m. O vento pode ser estimado pela inclinação da grama. Com vento forte a grama fica com as pontas na horizontal. A chuva atrapalha os projéteis e desviam muito. Para exemplificar, uma equipe de sniper operando no Iraque, realizou no dia 3 de abril de 2003, com um fuzil L96, disparos contra alvos a 860m. Devido ao vento forte, atiraram 17 metros a esquerda do alvo para compensar o vento.

A estimativa distancia se torna critica contra alvos distantes pois o projétil voa uma trajetória curva e o sniper tem que compensar mirando acima do alvo. Por exemplo, para a munição 7.62 × 51 mm NATO M118 Special Ball , a queda contra um alvo a 700m é de 20 cm.

Atirar para cima ou para baixo precisa de mais ajustes devido ao efeito da gravidade. Contra alvos moveis o ponto de pontaria é a frente do alvo, conhecido como "leading" o alvo.

Um telêmetro laser pode ser usado, mas pode ser detectado pelo inimigo. Um método simples é comparar a altura do alvo com o tamanho de referencia Mil Dot na luneta, ou usar distâncias conhecidas na linha de tiro (determinadas o telêmetro antes) para determinar distancias adicionais.



Um sniper permanece em posição por muito tempo durante a missão. Deve ter boa capacidade de alerta, disciplina, paciência e resistir ao desconforto. Um sniper pode ficar estacionado na mesma posição por dias. Urinar e defecar em bolsa plástica se

torna essencial visto que o cheiro pode denunciar a posição para tropas passando perto.

Os sniper são todos voluntários e mais por temperamento. É raro um soldado se tornar sniper apenas por ser bom de pontaria. Alguns nascem para ser caçadores. O Sargento York do US Army, em outubro de 1918, plotou vários ninhos de metralhadora alemãs que estavam atrapalhando o avanço de sua unidade da 82 Divisão. Quando as metralhadoras começaram a atirar o sargento respondeu atirando a 300 metros com o seu fuzil. Em uma ocasião um grupo de combate alemão se aproximou da sua posição e com o fuzil descarregado teve que usar sua pistola .45 e matou os 10. Do primeiro ao último até o líder bem próximo sem errar um tiro e recarregando. Depois recarregou o fuzil e silenciou quatro ninhos de metralhadoras com 35 tropas, matando 25. Acabou desmoralizado o inimigo que se rendeu. O sargento York teve que cuidar sozinho de 132 alemães. Usou um fuzil Enfield sem mira telescópica e apenas mira comum. Ganhou a medalha de honra no Congresso.

O sniper aliado com maior número de kills na Primeira Guerra Mundial foi o índio canadense Francis Pegahmagabow com 378 kill mais 300 capturados. Lutou quatro anos na guerra e se feriu apenas uma vez. Na Segunda Guerra Mundial as escolas de snipers russos preferiam recrutas os caçadores da Sibéria que já eram snipers natos. Até 1939 os russos treinaram seis milhões de "sniper". Não eram todos sniper, mas bons até 400m. Eram a fonte de snipers reais.

A maioria dos cursos de sniper dura entre cinco a seis semanas. Podem ser realizados na própria unidade ou em escolas especializadas.

Quando começou a Segunda Guerra Mundial, apenas os alemães e os soviéticos tinham mantido seu treinamento específico para snipers. Os alemães tinham melhores armas e sistemas óticos, porém os soviéticos os suplantavam em técnicas de camuflagem.

São os fuzileiros navais britânicos (Commandos) e os fuzileiro navais americanos (Marines) que dão um bom padrão de tiro para os infantess sendo mais fácil conseguir candidatos para as escolas de snipers. O treino dos snipers dos Royal Marines britânicos treino é de nove semanas sendo o curso mais antigo. Os candidatos devem ter pelo menos três anos de experiência, demonstrar precisão no tiro a 600m, passar no teste de se esconder a 250m e disparar sem ser detectado, caçar e encontrar um alvo a 1000m e disparar sem ser detectado, julgar distancia e passar em um teste escrito. No teste final deve detectar e identificar sete de dez itens camuflados no campo com luneta em 40 minutos. Nos treinos são 18 "caçadas" em nove semanas. 50% dos recrutas falham no curso.

O USMC estabeleceu uma escola permanente de sniper em 1977, sendo um curso igual ao dos fuzileiros britânicos com 30% de falha. O curso dura 10 semanas, com fase acadêmica, de campo e de caçada (stalk). A escola do US Army foi formada em 1987 com um curso mais simples que o USMC. Na operação Desert Storm foi deslocado para treinar no local. As tropas das Forças de Operações Especiais americanas participam de cursos nas escolas do US Army e USMC.

Os snipers russos tem o treinamento mais longo de todos os países chegando a durar um ano. Os russos dão muita importância aos sniper devido a experiência na Guerra Civil espanhola e na guerra contra a Finlândia. Seus atiradores de elite atuam como snipers ou DM dependendo da situação. São treinados aos milhares como DM que depois servem de fonte para sniper verdadeiro.

A resistência psicológica está relacionada com o tipo de missão, riscos e relação com as tropas amigas. Um sniper sabe que se render pode não sobreviver. São geralmente mortos na mesma hora. Os sniper alemães na frente russas levavam pistolas não para se defender mas para evitar ser capturado vivo. A força de sniper da África do Sul na Primeira Guerra Mundial perdeu 35% das tropas contra 5% das tropas regulares.

Os snipers costumam ser desprezados até pelas próprias tropas por vários motivos. Caçar um ser humano como animais é geralmente considerado imoral assim como matar a

distância. Os soldados "normais" se preocupam mais em obedecer ordens e sobreviver. Nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial eram desprezados pois chamavam a artilharia para a posição quando começavam a atirar. A presença de um sniper sempre atrai seu equivalente do outro lado e acaba sempre "sobrando" para mais alguém.

Os snipers até evitam contato social, mais por preconceito por não conhecer o trabalho. No Vietnã os snipers chamados de "snipers LTDA". Os snipers geralmente são solitários ou relacionam-se apenas com os da sua própria espécie. Em algumas missões são lançados atrás das linhas de helicóptero e sem oportunidade de reforço, sendo tratados como descartáveis.

Porém, quando tropas amigas estão em contato com sniper inimigo geralmente chamam um sniper para ajudar. Cada sniper inimigo morto são vários amigos salvos. Os snipers brincam dizendo que a melhor maneira de pegar um sniper é correr para uma cabine telefônica e procurar o número dos snipers nas páginas amarelas.

Responsabilidade do Atirador e do Observador

Normalmente para pequenas distâncias e dificuldades menores os atiradores de elite operam sozinhos. Mas normalmente na maioria das operações o atirador de elite opera em equipes de snipers formadas normalmente por um atirador e um observador (que é outro atirador). As responsabilidades de cada um dos componentes da equipe são as seguintes:

a. Atirador:

- 1-Constrói uma posição fixa e confortável.
- 2-Localiza e identifica o objetivo designado.
- 3-Estima o alcance para o objetivo.
- 4-Determina a elevação formal para empenhar o objetivo.
- 5-Notifica o observador de prontidão para a disposição do tiro.
- 6-Controla a tomada de fôlego e a pausa respiratória natural.
- 7-Executa controle da gatilho formal.
- 8-Executa o tiro de forma precisa e oportuna.
- 9-Prepara disparos subseqüentes, se necessário.
- 10-Realiza disparos defensivos.

b. Observador:

- 1-Seleciona um objetivo apropriado.
- 2-Ajuda na estimativa do alcance.
- 3-Calcula o efeito das condições de tempo existentes que influenciem na balísticas.
- 4-Observar o impacto do tiro.
- 5-Realizar críticas antes de qualquer tiro subseqüente.
- 6-Opera o rádio
- 7-Realiza disparos defensivos.
- 8-Protege a retaguarda do atirador.

Técnicas de uma equipe de fogo

A equipe deve ser capaz de se mover e sobreviver em um ambiente hostil de combate. A missão da equipe é realizar o fogo de precisão. Isto exige um esforço concentrado da equipe. Juntos, atirador e observador, devem determinar o momento certo do tiro.

Técnicas de campo

A missão primária de uma equipe de fogo é eliminar objetivos inimigos selecionados com fogo de precisão de longo alcance. Para realizar esta missão o sniper depende de conhecimento, compreensão e aplicação de várias técnicas de campo que lhe permitem se mover, esconder, observar, e descobrir o objetivo. As técnicas de campo é uma habilidade

que o sniper tem que aprender tão bem quanto as das operações de combate. A aplicação daquelas habilidades afetará diretamente na sobrevivência do atirador no campo de batalha.

Camuflagem

A camuflagem é uma das armas básicas da guerra. Pode significar a diferença entre uma missão próspera ou fracassada. Para uma equipe de fogo, pode significar a diferença entre vida e morte. Medidas de camuflagem são importantes desde que a equipe não pode ser descoberta nem quando está estática ou em movimento. A camuflagem corretamente aplicada faz com que a equipe não se torne um alvo.

Indicadores de alvos

Para ficar proficiente em camuflagem, a equipe de sniper tem que entender os indicadores de alvo. Indicadores de alvos são qualquer coisa que um soldado faz ou não faz que poderia resultar em descoberta. Uma equipe de sniper tem que saber e não só tem que entender a indicação de alvos para se mover de forma indetectável, mas também descobrir os movimentos inimigo. Indicadores de alvos podem ser sons, movimentos, camuflagem imprópria, perturbação da vida selvagem, odores e fumaça.

a. Som. Mais perceptíveis a noite. São causados por movimento, barulho de equipamentos ou vozes. Ruídos pequenos podem ser despendidos perfeitamente.

b. Movimento. Mais perceptíveis a luz do dia. O olho humano é atraído pelo movimento. Movimentos estúpidos feitos rápidos serão percebidos mais rapidamente do que movimentos estúpidos feitos lentamente.

c. Camuflagem Imprópria. Brilhos, silhuetas e contraste com o fundo facilmente denunciam uma posição.

d. Perturbação de vida selvagem. Pássaros que voam de repente, parada súbita de ruídos animais ou animais que gritam ou saem correndo assustados são assustados.

e. Odores. Odores de comida, fumaça, sabão, loção ou de repelentes de insetos.

f. Fumaça. De comida, cigarros ou de armas.

TIPOS DE CAMUFLAGEM

Os dois tipos de camuflagem que uma equipe de snipers pode são os naturais e artificiais.

1. Natural. A camuflagem natural é vegetação ou materiais que são nativos de uma determinada área. O sniper aumenta o aparecimento dele usando camuflagem natural.

2. Artificial. A camuflagem artificial é qualquer material ou substância que são produzidos com a finalidade de encobrir ou esconder algo. São usadas pinturas de rosto ou roupas camufladas, capas de camuflagem, redes, etc com a finalidade de esconder o corpo e/ou o local onde estão os snipers.

Camuflagem da pele

Pele exposta reflete a luz e ainda pode chamar a atenção do inimigo. Até mesmo a pele muito escura, por causa de seu óleo natural, reflete a luz.

Camuflagem de face é usada para camuflar a pele, uma combinação de duas cores é aplicada em um padrão irregular. Áreas brilhantes (testa, maçãs do rosto, nariz, orelhas e queixo) são pintadas com uma cor escura e áreas de sombra (ao redor dos olhos, debaixo do nariz e debaixo do queixo) são pintadas com uma cor clara. Além da face, a pele exposta na parte de trás do pescoço, braços e mãos também são pintados. Não são camufladas as palmas das mãos porque normalmente se usam sinais de mãos para comunicação, e estas devem ser visíveis. As camuflagens padrão são: verde escuro e verde claro para áreas com vegetação verde; areia e verde claro para áreas sem vegetação verde (veg. seca); branco para terreno com neve e à noite preto. Todas as pinturas faciais não só devem prover proteção, mas também tem que obter aceitabilidade dos soldados (não deve irritar a pele e visão ou provocar problemas se entrar na corrente sanguínea por cortes na face). Os critérios para as maquilagens são durabilidade com o passar do tempo, resistência à transpiração, facilidade de aplicação e remoção; e os desenhos devem ter compatibilidade com os equipamentos, principalmente as cores da farda. A pintura da face não deve reduzir as capacidades dos sentidos naturais do soldado e deve ser quase inodora.

Contra aparelhos infravermelhos é utilizado pó compacto com objetivo de reduzir todo o brilho possível e reter calor (espectro infravermelho) para ser confundido com o meio; é utilizado com roupa especial para esse fim. O pó compacto não elimina totalmente o espectro infravermelho, mas uma camuflagem bem feita chega perto do aceitável.

Em operações em florestas nativas (notadamente Ásia e América do Sul, principalmente Amazônia) correm o risco de baixa causada por doenças transmitidas por insetos (febre amarela e dengue por exemplo), neste caso as tinturas faciais também devem possuir propriedades repelentes de insetos, já que a aplicação de repelentes sobre a camuflagem é descartada pela natureza solvente destes; o resto do corpo fica coberto pela farda. Porém as tintas não devem ter um acentua odor que poderia denunciar a posição do soldado para o inimigo.

Uniformes camuflados

A camuflagem no uniforme apareceu com maior força na Segunda Guerra Mundial, principalmente entre os alemães que foram bem pródigos na utilização dos mais variados padrões.

O uniforme de combate deve oferecer proteção virtual ao soldado, devendo aquele confundir o soldado com o meio onde ele se encontra. O tipo de desenho é escolhido pelo comandante da missão e este deve conhecer bem o meio em que a missão será executada antes de escolher o equipamento, que deve ser o mais compatível possível.

Hoje os exércitos já utilizam um fardamento especial com dois tipos de camuflagem, por exemplo, selva e ao avesso deserto, deixando-o mais prático. Padrões de cores e desenhos são fundamentais, portanto o caos de cores e desenhos no uniforme são cuidadosamente analisados e combinados de modo a se parecer com um fundo natural. Não é qualquer forma de desenho que chega ao desejado, podendo até destacar ao invés de esconder. Os atiradores também podem prender em seus uniformes vegetação natural ou até mesmo lama para melhor confundi-los com o ambiente.



Photo courtesy of Aggressor Group and Bombers

Capa de camuflagem - Ghillie Suit

Os atiradores de elite além de camuflarem suas fizes e vestirem uniformes camuflados também devem usar em suas missões uma capa de camuflagem. Este traje é de fundamental importância pois pode conferir ao sniper uma considerável "invisibilidade" até a curta distância se o padrão da capa for compatível com o meio ambiente em que ele estiver. Porém uma capa de camuflagem não torna um atirador "invisível" e a soma de vegetação natural ou materiais nativos deve ser usada para o sniper se misturar com o ambiente. Existem na verdade os mais variados padrões de camuflagem para estas capas inclusive para ambientes urbanos.

Armas camufladas

Sistemas de armas também devem ser camuflados, normalmente com tecidos, redes e materiais nativos. No deslocamento os sistemas podem ser levados em uma "bolsa de arrasto" que tipo uma capa de camuflagem para a arma.

Lunetas camufladas

Também deve-se camuflar as lunetas com o objetivo de reduzir a possibilidade de se refletir a luz. Normalmente todos os materiais que são usados para camuflar as armas também podem ser usadas nas lunetas.

Combinação de cores e tons

Exemplos de combinações em relação a certos ambientes:

Áreas com neve e gelo: A mistura de cores é mais efetiva que materiais camuflados em áreas cobertas por neve e gelo. Em áreas com neve pesada ou em áreas arborizadas com árvores cobertas com neve, deve ser usado um traje completamente branco. Em áreas com neve no solo mas não nas árvores, deveriam ser usadas calças compridas brancas com topos verdes e marrons.

Desertos: Em áreas de deserto que têm pouca vegetação, a mistura de tons de areia é muito importante. Nestas áreas, a equipe de snipers tem que fazer uso do terreno e de pouca vegetação disponível para permanecer oculto.

Selva e florestas: Em áreas de selva ou florestas, a textura da camuflagem, as cores contrastantes, e a vegetação natural devem ser largamente usada.

Áreas urbanas: Em áreas urbanas, a camuflagem da equipe de snipers deve ser uma mistura de cores em tons cinzentos e preto. Nestas áreas a equipe deve saber que constantemente terá que usar o terreno, edificações, escombros, vegetação e as sombras para permanecer indetectável.

Camuflando esconderijos

As vezes a missão de um sniper o obriga a ficar muito tempo em um lugar e as vezes ficar ao relento é extremamente estressante e perigo. O uso de um bom esconderijo é nestes caso necessário e este local deve ser camuflado para segurança da equipe de snipers. Existem vários tipos de esconderijos e a camuflagem que melhor vem a se adequar a ele.

A compreensão formal e aplicação dos princípios de camuflagem e o uso de esconderijos protegem a equipe de snipers da ação do inimigo.

Pode-se usar esconderijos naturais (buracos, arbustos, árvores, desfiladeiros, escombros, sombras, etc) ou artificiais (trincheiras, edificações, veículos, redes de camuflagem, etc.). Muitas vezes usa-se uma combinação de materiais naturais e artificiais para melhor preparar um esconderijo. A equipe deve levar em conta os efeitos da mudança de estações na montagem do esconderijo feito por materiais naturais e artificiais.

Estes esconderijos devem proteger a equipe da visão inimiga e caso seja descoberta oferecer proteção contra o fogo hostil. As vezes até a menor depressão no solo oferece a proteção necessária em um combate.

Alguns princípios que devem ser adotados quando se opera com um esconderijo:

a. Evitar movimentos desnecessários. Permaneça parado - movimentos chamam a atenção. O olho humano é sensível a movimentos. A posição da equipe fica segura se ela permanece parada. O movimento contra um fundo estacionário chama a atenção claramente. Quando a equipe tem que mudar de posição, deve se mover cuidadosamente em uma rota predefinida e encoberta, preferentemente durante um período de visibilidade limitada. Quando se move o sniper deve fazê-lo lentamente, sempre esquadrinhando à frente, olhando para a próxima posição.

b. Usar todo encobrimento disponível. Algumas recomendações sobre encobrimentos.

1) Fundos. Fundos são importantes, e a equipe deve se misturar com eles o máximo possível. As árvores, arbustos, grama, terra, lama e estruturas artificiais que formam o fundo variam em cor e textura. Isto torna possível para a equipe se misturar com eles. A equipe deve selecionar árvores ou arbustos ou outros fundos para se misturar com a sua camuflagem e absorver a sua figura. O sniper sempre deve considerar que o inimigo o está observando.

2) Sombras. Uma equipe de snipers é facilmente vista ao ar livre em um dia claro, mas nas sombras é difícil de ser vista. As sombras existem na maioria das condições, dia e noite e em vários ambientes. Sempre que possível o esconderijo deve ser construído em lugares escuros e a movimentação deve ser feita nas sombras.

3) Silhuetas. Uma silhueta baixa é mais difícil de ser vista pelo inimigo. Então, a equipe deve se manter abaixada, agachada ou deitada todo tempo.

4) Evitar reflexos brilhantes. Refletir a luz para um sniper é quase que suicídio. Uma superfície brilhante chama a atenção imediatamente e pode ser vista a grandes distâncias. Por isso todas as superfícies brilhantes devem ser camufladas de forma criteriosa.

5) Evitar as linhas do horizonte. Podem ser facilmente vistas figuras na linha do horizonte de uma grande distância, mesmo a noite, porque um esboço escuro se salienta contra o céu mais claro.

6) Alterar esboços familiares.

Equipamentos militares e o corpo humano são esboços familiares ao inimigo. A equipe de snipers deve propositadamente alterar essas silhuetas ou disfarçá-las usando capas de camuflagem (ghillie suit). A equipe tem que alterar os seus esboços da cabeça às solas das botas.

7) Disciplina de ruídos. De nada adianta a mais perfeita camuflagem se os atiradores na guardam silêncio. Um simples ruído ou barulho da voz humana pode ser detectado pelas patrulhas inimigas ou postos de observação. A equipe deve manter o silêncio o máximo possível, se comunicando por sinais ou toques, e só falando quando extremamente necessário em tom baixíssimo e com a absoluta certeza de que o inimigo não poderá escutar nada.

Postos de Observação camuflados

Pode ser muito útil construir um Posto de Observação (PO), especialmente ao longo da linha de frente, de uma rota de abastecimento, de uma base aérea ou de um porto. A missão de um PO é de basicamente coletar informações, tiros de precisão não são normalmente requeridos.

Entre os soldados os snipers são os mais indicados a operarem em um PO, devido ao seu condicionamento a imobilidade, disciplina e controle emocional. Operar de um PO faz com que a equipe de atiradores fique mais protegida durante longas missões. A desvantagem é que, se os objetivos saem linha de visão, o PO terá que ser transferido para uma posição que coloque os objetivos novamente a vista. Bons PO são quase impossíveis de se descobrir. Normalmente unidades de elite como o SAS e SBS operam constantemente com PO.

Movimentação

A missão de uma equipe de snipers e o seu método de emprego diferem em muitas formas das adotadas por uma esquadra de infantaria. Um das diferenças mais notáveis é a técnica de movimento usada pela equipe de snipers. Os movimentos não devem permitir a detecção da equipe ou levantar suspeitas no inimigo. Por causa disto, uma equipe de snipers tem que dominar as técnicas de movimentos individuais dos atiradores de elite.

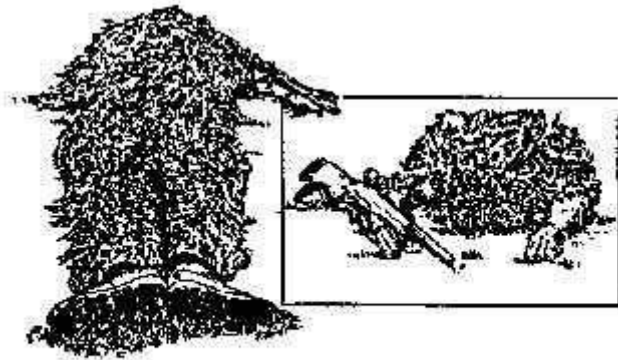
Regras de movimento

Quando se move, a equipe sempre deve se lembrar das regras seguintes:

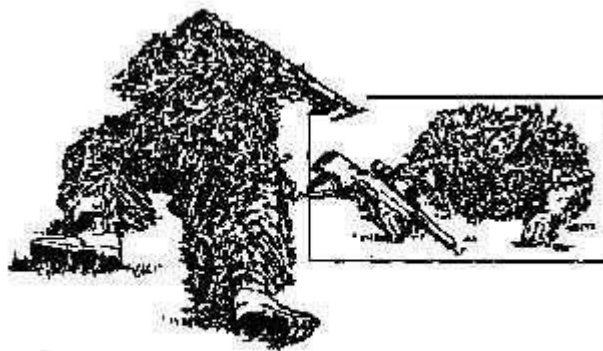
- a. Sempre assuma que a área está sob observação inimiga.
- b. Mova-se lentamente. Um sniper conta o progresso de seu movimento por pés e polegadas.
- c. Não mover galhos, arbustos ou gramas altas.
- d. Planeje todo movimento.
- e. Pare e escute freqüentemente.
- f. Mova-se durante perturbações como fogo de artilharia, explosões, ruído de aeronaves ou qualquer coisa que distrairá a atenção do inimigo e esconda o seu movimento.

Técnicas de movimento individual em equipe

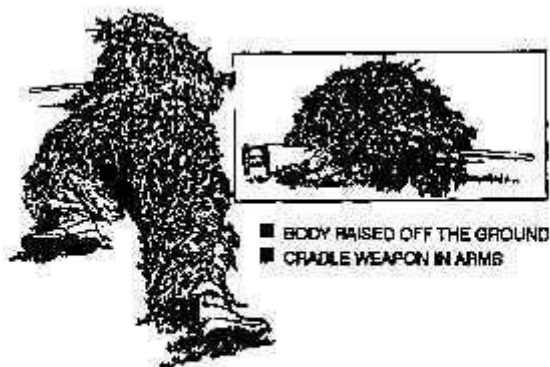
São projetadas as técnicas de movimentos individuais para serem usadas pela time sniper para permitir movimentos sem serem descobertos. Estas técnicas de movimento são as seguintes:



a. Rastejamento baixo do sniper. O rastejamento baixo do sniper é usado quando o encobrimento está extremamente limitado, quando se está perto demais do inimigo, ou quando se está ocupando uma posição de disparo.



b. Rastejamento médio. O rastejamento médio é usado quando encobrimento está limitado e a equipe precisa mover-se mais rápido que o rastejamento baixo permite. O rastejamento médio é semelhante ao rastejamento baixo do soldado de infantaria.



c. Rastejamento alto. O rastejamento alto é usado quando encobrimento está limitado mas

alto bastante para permitir para o sniper elevar o corpo dele fora o solo. O rastejamento alto é semelhante ao rastejamento alto da infantaria.



d. Rastejamento de mãos-e-jelhos. É usado quando algum encobrimento está disponível e o sniper precisa move-se mais rapidamente que o rastejamento médio.



e. Caminhando. O caminhar é usado quando há um bom encobrimento e não é provável que o inimigo esteja por perto, uma certa velocidade é requerida.

Movimentação da equipe de snipers

Devido a falta de pessoal e potência de fogo, a equipe de snipers não pode ser descoberta pelo inimigo nem pode se envolver em combates contínuos.

Quando possível, a equipe de snipers deverá estar anexada a um elemento de segurança (esquadra/pelotão). O elemento de segurança permite a equipe alcançar sua área de operações mais rápido e mais seguro que se a equipe operasse sozinha. Mais, o elemento de segurança provê a equipe uma força de reação caso a equipe seja descoberta.

Os atiradores de elite usam as diretrizes seguintes quando estão anexados a um elemento de segurança:

- (1) O líder do elemento de segurança é responsável pela equipe enquanto esta unida ao elemento.
- (2) A equipe de snipers é uma parte integral do elemento.
- (3) A equipe de snipers usa o mesmo uniforme que os membros do elemento.
- (4) A equipe de snipers se mantém de prontidão em todas formações.
- (5) O sistema de arma dos snipers é carregado em linha e perto de o corpo, escondendo seu contorno e comprimento.
- (6) Todo equipamento da equipe é ocultado da vista.

Uma vez na área de operação, a equipe de snipers se separa do elemento de segurança e

passa a operar só. Dois exemplos de uma equipe de snipers que se separa do elemento de segurança são como segue:

(1) O elemento de segurança provê segurança enquanto a equipe se prepara para operação.

- a. A equipe veste suas capas de camuflagem e vistoria todo o seu equipamento.
- b. A equipe se assegura que todo o equipamento está seguro e descartado qualquer equipamento dispensável
- c. Uma vez que a equipe está preparada, assume uma posição escondida, e o elemento de segurança parte da área.
- d. Uma vez que o elemento de segurança tenha partido, a equipe espera em sua posição o tempo que considera o bastante para se assegurar que nem a equipe e nem o elemento de segurança foram detectados. Só então, a equipe se move para a sua posição definitiva.

(2) O elemento de segurança administra uma pequena parada de segurança no ponto de separação. As paradas da equipe de snipers, devem assegurar que elas tenham um bom encobrimento disponível e que venham a saber a localização umas das outras. O elemento de segurança então deixa a equipe de snipers em um lugar seguro. O resto da equipe de snipers toma posição até o elemento de segurança ter deixado a área. A equipe se organiza então de acordo com o requerimento da missão e se movimenta para sua posição definitiva.

Quando seleciona suas rotas, a equipe de snipers tem que se lembrar da fragilidade de suas forças. As seguintes diretrizes devem ser seguidas quando se seleciona rotas:

- a. Evitar obstáculos e posições inimigas conhecidas.
- b. Buscar terrenos que ofereçam a melhor cobertura e encobrimento possível.
- c. Tirar proveito do terreno difícil (pântanos, bosques densos, e assim sucessivamente).
- d. Não usa estradas, trilhas ou clareiras.
- e. Evitar áreas povoadas.
- f. Evitar áreas de atividade inimiga intensa.

Quando a equipe de snipers se move, sempre tem que assumir que sua área está debaixo de observação inimiga. Por causa disto e do tamanho da equipe e de seu poder de fogo, a equipe deve usar só um tipo de formação de movimento de snipers.

Seguem as possíveis formações de movimento de snipers que podem ser adotadas.

- a. O observador é o homem da frente; o sniper segue atrás.
- b. O setor de segurança do observador são das 3:00 às 9:00, o setor do sniper são das 9:00 às 3:00 (sobrepostos).
- c. O contato visual deve ser mantido até mesmo quando se para para dormir.
- d. Nenhum intervalo deve ser maior do que 20 metros.
- e. O sniper reage às ações do homem da frente.
- f. O líder da equipe designa as técnicas de movimento e rotas usadas.
- g. O líder da equipe designa os pontos de reunião.

Uma equipe de snipers nunca deve se engajar decisivamente com o inimigo. A equipe tem que ensaiar a ação imediata e avaliar a extensão que ela deve cobrir depois de uma reação natural e imediata por parte do inimigo em um contato inesperado.

Exemplos de tais ações são as que seguem:

1. Contato visual. Se a equipe de snipers vê o inimigo e o inimigo não vê a equipe, deve parar. Se a equipe tem tempo, fará o seguinte:

- a. Assumir a posição o mais coberta possível e se esconder.
- b. Permanecer em posição até o inimigo passar. (NOTA: a equipe não iniciará contato.)

2. Emboscada. Em uma emboscada, o objetivo da equipe de snipers é quebrar o contato imediatamente. Um exemplo disto envolve as ações que seguem:

- a) O observador dispara rapidamente contra o inimigo.
- b) O sniper lança granadas de fumaça entre o observador e

o inimigo.

c) O sniper dispara tiros de precisão no objetivos mais ameaçadores até que a área esteja sob a cobertura da fumaça.

d) O observador lança granadas de fragmentação e se retira para onde está o sniper e se assegura que ele não está impedindo a linha de tiro do sniper.

e) A equipe se move para uma localização onde o inimigo não pode a observar ou não pode disparar contra ela.

f) Se contato não poder ser quebrado, o sniper pede fogo indireto ou o apoio de um elemento de segurança (se este existir).

g) Se são separados os membros da equipe devem voltar para o último ponto de reunião estabelecido.

3. Fogo indireto. Quando reagindo a fogo indireto, a equipe tem que mudar o mais rápido possível da área. Este movimento súbito pode resultar na localização exata da equipe. Então, a equipe não só tem que reagir ao fogo indireto mas também entrar em ação para esconder seu movimento de retirada uma vez que está fora da área de segurança. Os procedimentos nesta situação são os seguintes:

a) O líder da equipe retira sua equipe da área de impacto o mais rápida possível.

b) Os membros da equipe se retiram da área de impacto para uma distância e direção previamente designada.

c) O líder da equipe se move com sua equipe então para o mais distante da área de impacto usando a rota encoberta mais direta. Eles continuam a sua missão usando uma rota alternativa.

d) Se são separados os membros da equipe devem voltar para último ponto de reunião estabelecido.

4. ataque de ar.

a) Os membros da equipe assumem a melhor cobertura disponível e se escondem.

b) Entre as passagens da aeronave, os membros da equipe devem se mover para coberturas que oferecem o melhor encobrimento.

c) A equipe não se empenha contra a aeronave.

d) Os sócios da equipe permanecem em suas posições seguras até que a aeronave parta.

e) Se são separados os membros da equipe devem voltar para último ponto de reunião estabelecido.

Navegação da equipe de snipers

A equipe deve memorizar a rota a ser usada estudando mapas, fotografias aéreas, ou esboços. A equipe anota e memoriza características distintas (colinas, rios, estradas, linha férrea, linha de força, etc.) e sua localização em relação à rota. Deve-se planejar uma rota alternativa no caso de a rota primária não pode ser usada. No planejamento da rota devem ser evitados obstáculos naturais conhecidos e áreas em que a presença inimiga é forte. Na rota deve se utilizar de todos os pontos que ajudem a ocultar a equipe em seu deslocamento.

Durante a missão, a equipe de sniper observa cada característica do terreno mentalmente e isto assegura que está se mantendo rota original. A equipe deve mantêm sua orientação da rota toda hora. Quando se move deve observar cuidadosamente e mentalmente o terreno para conferir as características distintivas notadas no planejamento e estudo da rota.

Posições de tiro

As posições utilizadas pelo sniper para disparar sua arma longa dotada de mira óptica são determinadas pela situação prática em que ele se encontra.

O atirador tem que ter em mente que uma boa posição de tiro deve, obrigatoriamente, atender aos seguintes requisitos:

- a. permitir firme empunhadura da arma;
- b. permitir equilíbrio do corpo e uma boa base;
- c. diminuir o alvo oferecido ao oponente;
- d. sempre que possível possibilitar o uso de abrigos ou barricadas pelo atirador;
- e. sempre que possível permitir giro do corpo para repelir agressões vindas de qualquer direção.
- f. permitir ao atirador relaxar e se concentrar no tiro.

Observando estas premissas, toda posição de tiro será considerada aceitável.

Tipos de Posições de Disparo

Devido à importância de realizar disparos precisos, o sniper deve adotar as mais variadas posições de tiro, usando quando necessário até apoios artificiais e eliminar qualquer variável que venha a interferir em seu tiro. Entre essas posições de tiro podemos citar: deitado, ajoelhado, sentado e de pé.

(1) posição deitado: Das posições clássicas é a mais utilizada e a mais confortável para o atirador. Também é a mais segura tanto na defesa quanto no ataque. Nesta posição o atirador se apóia em seus cotovelos e pode chegar a usar um apoio para a sua arma que está alinhada diretamente com a sua espinha dorsal e a perna direita, mantendo a esquerda afastada e os pés rentes ao solo. A partir de então, ergue-se da cintura para cima, sempre sustentando-se nos cotovelos. A mão direita comprime a arma contra o ombro, enquanto a esquerda segura firmemente a coronha. Essa posição é ótima porque dificulta a mira do inimigo, mas limita o campo de fogo do atirador.



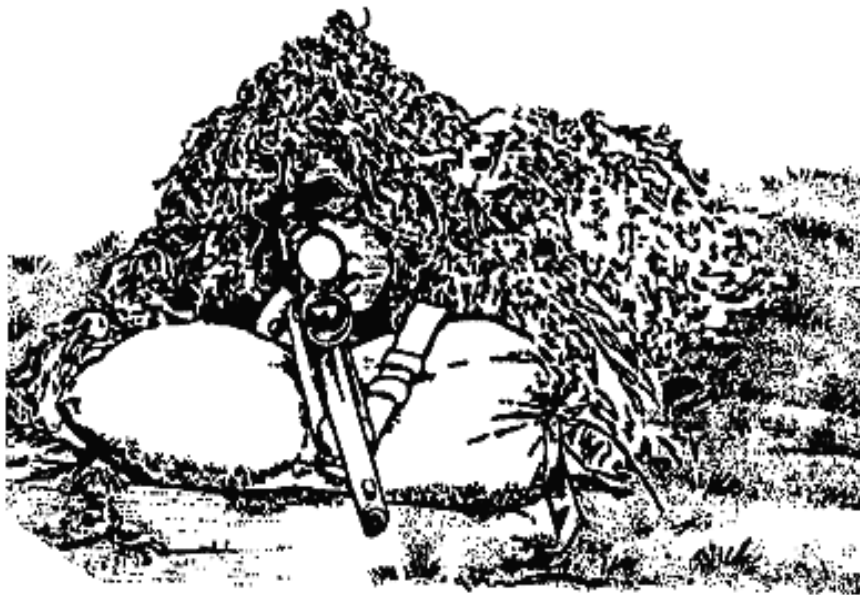
Posição deitado sem apoio



Posição deitado com apoio



Posição deitado com apoio

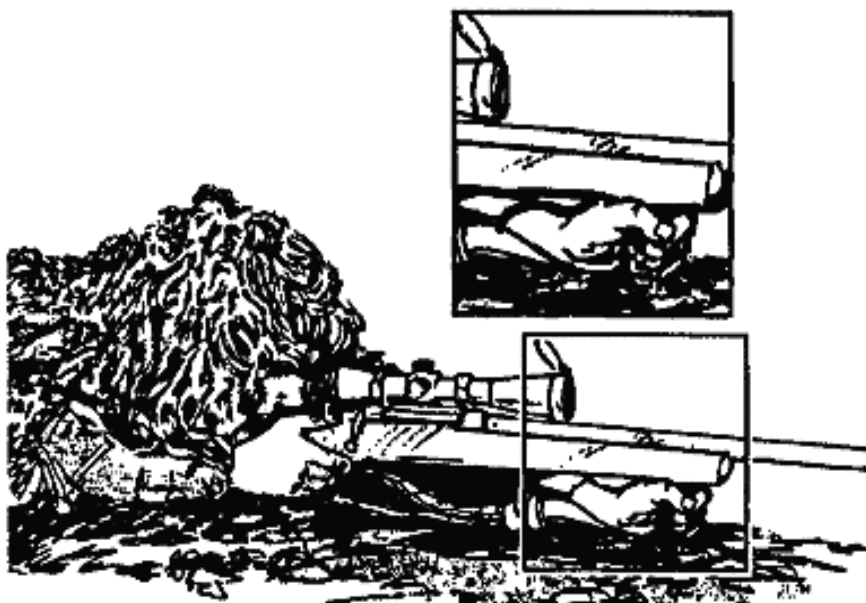


Posição deitado com apoio

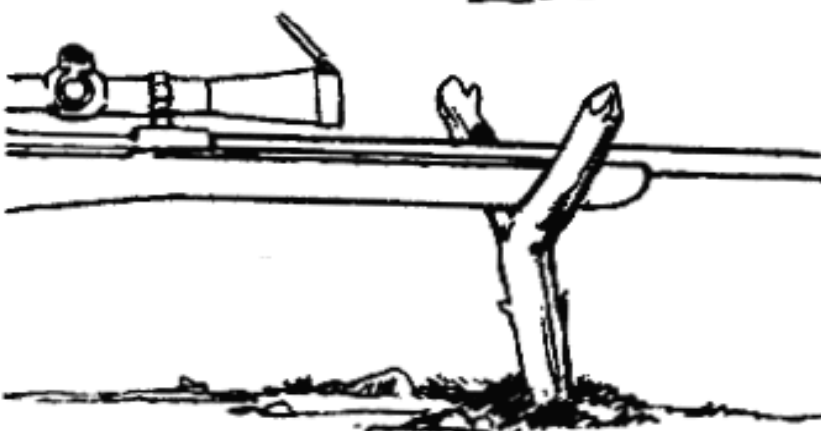
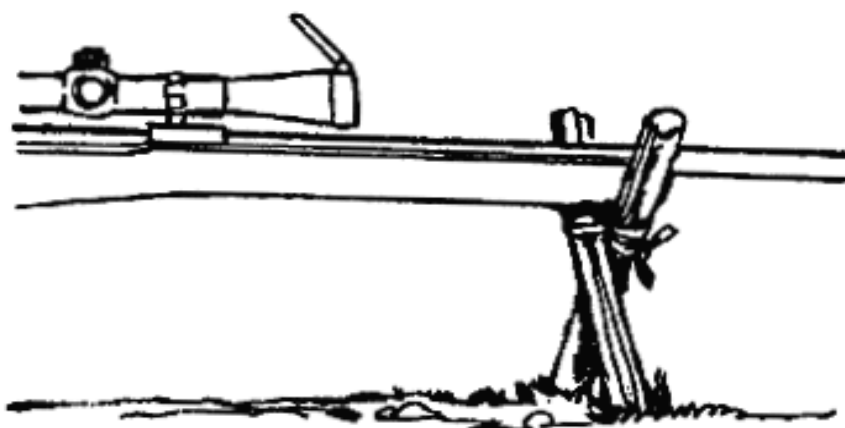
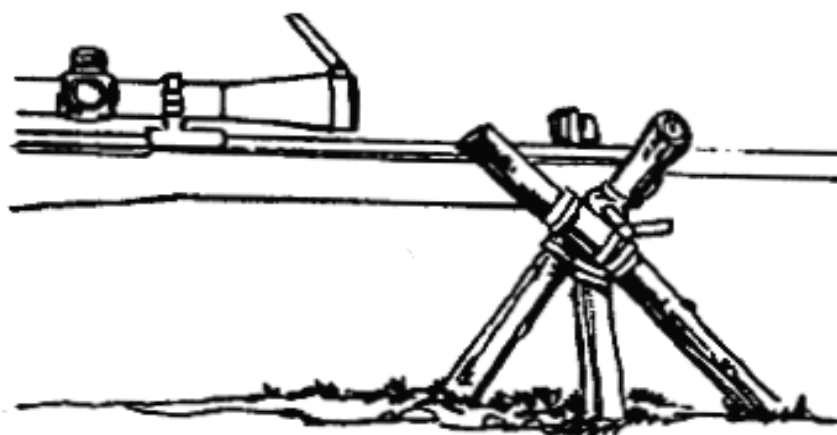


Posição deitado com apoio e observador

Existe uma variante da posição deitado que é conhecida como Hawkins, em que o atirador não se apóia sobre os cotovelo e nem inclina o seu dorso para cima. Normalmente é adorada quando se está próximo de um pequeno barranco, no telhado ou até debaixo de um veículo.



É um posição de baixo perfil e o atirador deve usar um pequeno apoio para sustentar a arma. Alguns exemplos de apoios:



(2) **Ajoelhando.** Pode ser adotada com ou sem apoio e normalmente é usada quando se está junto a obstáculos baixos como um carro, uma árvore ou um muro. É muito eficiente para tiros de precisão. A perna esquerda deve ser erguida, o mais perpendicular possível do solo e o cotovelo esquerdo, voltado levemente para a frente, sentado sobre o joelho esquerdo, assegura o apoio. O cotovelo direito é empurrado para fora e para baixo. O soldado senta-se sobre o calcanhar ou sobre o tarso direito. A arma fica apoiada no braço esquerdo e a mão esquerda pousa sobre o antebraço direito. Essa posição só pode ser eficaz em curto período, antes que os músculos cansados comecem a latejar.

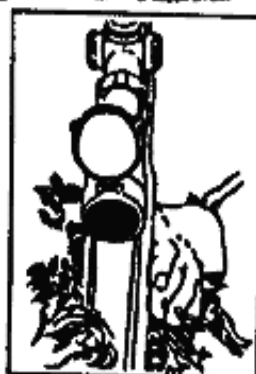


Ajoelhado sem observador



Ajoelhado com observador

As vezes quando os pequenos obstáculos apresentam um problema o atirador pode elevar um pouco a sua postura na posição ajoelhado. Nesta caso ele não fica sentado sobre o calcanhar e o seu rifle fica apoiado em sua mão esquerda e o cotovelo esquerdo fica sobre o joelho esquerdo. O joelho e o pé direito servem de apoio junto ao solo.

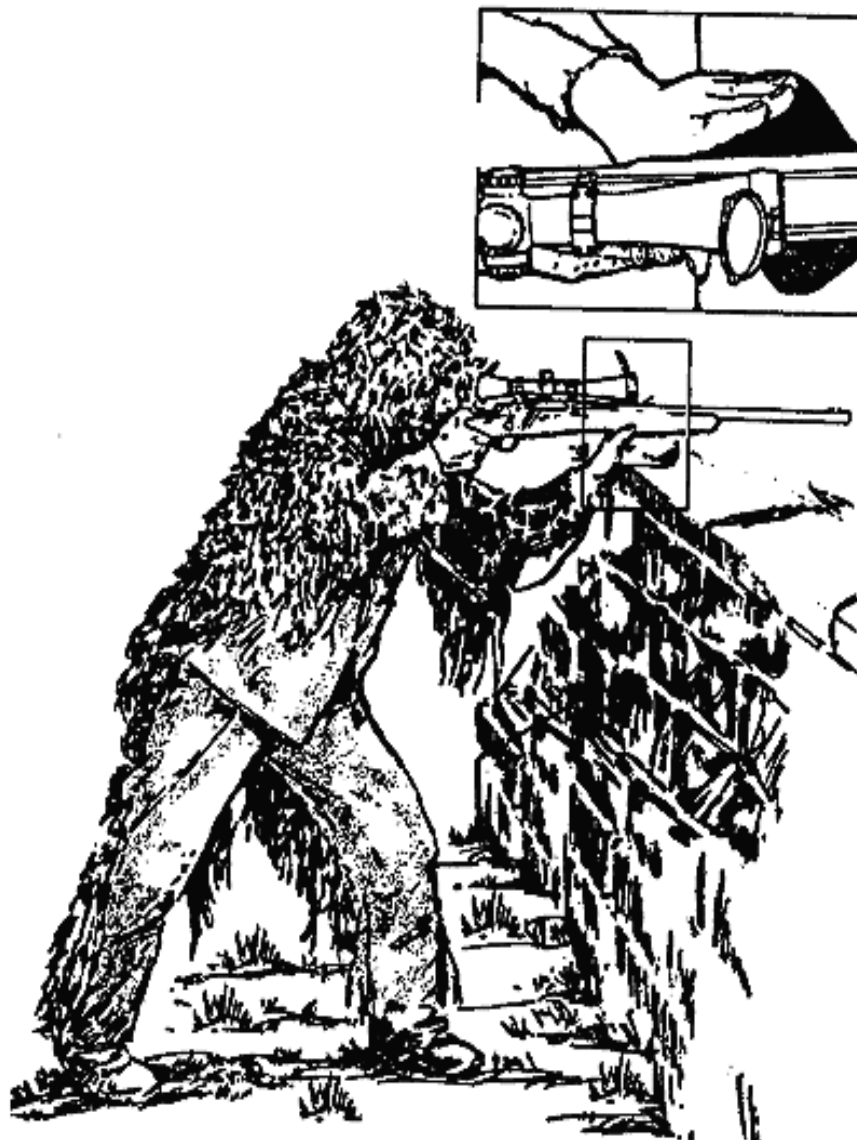


Ajoelhado usando o observador como apoio

(3) Sentado: Nesta posição o soldado senta-se com o tronco voltado 45 graus à direita, os joelhos dobrados e os pés separados aproximadamente 60 cm. O cotovelo esquerdo

deve apoiar-se no joelho esquerdo, com o antebraço erguido para sustentar o rifle, enquanto o cotovelo direito é trazido levemente para dentro, de modo a forçar a coronha contra o ombro, apoiar o armamento e operá-lo. Uma variação dessa posição é sentar-se com as pernas cruzadas. Nesse caso, o suporte da arma são os cotovelos, colocados no gancho formado entre a perna mais alta e a mais baixa. Essas posições são difíceis de manter por períodos mais longos e também restringem o campo de fogo.

(4) **Em pé:** É a posição que oferece menor apoio entre todas as posições, é difícil de manter além de alguns segundos e só deve ser usada em último recurso. O pé esquerdo é posto à frente do direito, com o joelho inclinado e o peso sobre ele. A mão esquerda segura a arma com o braço, deve-se normalmente usar os obstáculos como apoio. O cotovelo direito é levemente empurrado para cima e para fora, exatamente como na posição de joelhos. Embora instável e difícil de manter, essa posição assegura ao atirador um largo campo de fogo, permitindo-lhe o alcance de alvos em praticamente qualquer elevação ou dispersão. Esta posição é adotada normalmente com obstáculos do tipo muros, barrancos ou janelas.



www.tropaselite.t35.com/atirador_de_elite_parte

Fortaleza - Ceará - Brasil 

Site criado e mantido por [Carlos David](#)